

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS

Programa de Pós-Graduação em Psicologia

LUIGI SILVINO D'ANDREA

**DESLOCANDO SOBRE O ARCOS-ÍRIS COM TONALIDADES CINZA E PRETO:
assexualidades em trânsito**

Belo Horizonte

2016

Luigi Silvino D'Andrea

**DESLOCANDO SOBRE O ARCOS-ÍRIS COM TONALIDADES CINZA E PRETO:
assexualidades em trânsito**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof.^a Dra. Roberta Carvalho Romagnoli

Áreas de concentração: Intervenções Clínicas e Sociais

Belo Horizonte

2016

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

D178d D'Andrea, Luigi Silvino
Deslocando sobre o arco-íris com tonalidades cinza e preto assexualidades em trânsito / Luigi Silvino D'andrea. Belo Horizonte, 2016.
94 f. : il.

Orientadora: Roberta Carvalho Romagnoli
Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

1. Sexualidade. 2. Comportamento sexual. 3. Identidade de gênero. 4. Genealogia. 5. Orientação sexual. 6. Teoria Queer. 7. Foucault, Michel, 1926-1984 - Crítica e interpretação. I. Romagnoli, Roberta Carvalho. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 159.922.1

Luigi Silvino D'Andrea

**DESLOCANDO SOBRE O ARCOS-ÍRIS COM TONALIDADES CINZA E PRETO:
assexualidades em trânsito**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dra. Roberta Carvalho Romagnoli - PUC Minas (Orientadora)

Prof. Dr. Marcelo Santana Ferreira – UFF (Banca Examinadora)

Prof. Dr. Bruno Vasconcelos de Almeida - PUC Minas (Banca Examinadora)

Belo Horizonte, 16 de setembro de 2016.

Dedico este trabalho à minha avó Janina (em memória) e ao meu irmão Pedro (em memória). Apesar do tempo, sempre estarão na minha vida.

AGRADECIMENTOS

À professora doutora Roberta Carvalho Romagnoli, pelo seu trabalho de intercessão nesse meu percurso, pelo seu caráter inventivo e acolhedor. Agradeço de forma espinosista a esse bom encontro, potencializando meu corpo nos processos de lentidão e aceleração. Muito obrigado por tudo!

Aos meus pais Victorio e Aida, por estarem comigo a cada momento, mesmo que às vezes apenas com as suas presenças enquanto escrevia essa dissertação;

À minha irmã Marta, que sempre ouviu minhas alegrias, meus desesperos, meus gritos, assim como agradeço ao meu cunhado Beto.

À minha tia Maria, que é minha tia e, muitas vezes, minha mãe, que sempre me ajudou em vários momentos da minha vida. Agradeço também à minha Tia Alzira.

À minha querida amiga Ingrid, que escutou minhas reclamações, choros e alegrias durante esse processo de escrita, e sua família maravilhosa, Jorge (Jacaré) Ravi. E às minhas amigas Ula, Magda, Adila, pessoas lindas, com quem pude compartilhar momentos felizes e tristes de nossas vidas.

Ao pessoal do Glut Glut, que, nas horas de cansaço, tomavam mate e batiam bons papos; Maira, Rafael, Anderson e André e Bruna.

À querida professora doutora Regina Dias, em que me apresentou durante a graduação a esses autores diabólicos, e que mudaram minha percepção de vida.

À minha psicóloga interventora Dr.^a Adriana Rosa, que acompanhou esse meu processo de escrita, minhas questões diárias e de vida. Grato, Drica!

À querida médica bruxa, Flávia Scalabrini, pela sua escuta e por ser a grande profissional e amiga qualificada que é, com suas poções mágicas e seu interesse no seu olhar! Muito obrigado!

À professora doutora Vera Marques, da ENSP-Fiocruz, por me apresentar os estudos de gênero, confiando a minha iniciação docente e orientações de monografias. Não tenho como agradecer tamanho carinho

Ao professor doutor Marcelo Santana Ferreira, da UFF, de quem sinto muito orgulho por estar na minha banca de qualificação e de defesa, e por ter dado grandes contribuições a esse meu percurso – justo eu que sempre fui leitor de suas tessituras. Ao professor doutor Bruno Vasconcelos Almeida por suas contribuições que foram bem proveitosas e por estar na minha banca que qualificação e defesa.

Aos colegas da Secretária de Estadual de Saúde do Rio de Janeiro, Claudias e Marisa: obrigado por escutarem sempre de forma paciente e incentivadora para essa pesquisa.

Aos participantes da pesquisa e das comunidades assexuais pela recepção, abertura para pesquisa e pela contribuição a esse trabalho.

À Maria de Fatima Diniz e à grande amiga Guaraciara, do INTO, por discutir e interessar pelos temas e por nossas longas conversas.

Ao Dr. Antonio Carlos Cerezzo, por ler, quando o projeto ainda germinava, e potencializou o processo de escrita.

À PUC MINAS, por ter confiado a esse carioca, que ia semanalmente assistir às aulas da pós-graduação, e aos professores do PPG-Psicologia desta instituição e aos administrativos Marcelo, Claudia e Diego, pela parceria e escuta privilegiada.

“quando eu tiver setenta anos

quando eu tiver setenta anos
então vai acabar esta adolescência

vou largar da vida louca
e terminar minha livre docência

vou fazer o que meu pai quer
começar a vida com passo perfeito

vou fazer o que minha mãe deseja
aproveitar as oportunidades
de virar um pilar da sociedade
e terminar meu curso de direito”

Paulo Leminski (1983, 65 p.)

RESUMO

Esta pesquisa investiga os processos de subjetivação e a emergência da assexualidade no contemporâneo, observando algumas singularidades dessa população. Como aporte teórico, foram utilizadas as ideias de Michel Foucault e de outros intercessores, como Gilles Deleuze, Felix Guattari, Beatriz Preciado (Paul Preciado) e Judith Butler. Realizamos um estudo da história da assexualidade, com um olhar foucaultiano, além de abordar a assexualidade a partir de uma perspectiva do rizoma. Descrevemos a assexualidade como possibilidade de orientação sexual, entendida como um não desejo sexual e como ato político. Realizamos um levantamento bibliográfico para um olhar contemporâneo da assexualidade, baseando-nos em autores como Anthony Bogaeart, Pryzbylo, Elizabeth Oliveira, Prause, Graham, entre outros. Percorremos também o processo de despatologização da assexualidade, como possibilidade efetiva, e realizamos alguns percursos teóricos pela assexualidade, apresentando discussões acadêmicas sobre o tema. Para ampliar nosso olhar sobre a assexualidade, ancoramo-nos nas considerações teóricas de Michel Foucault e a Teoria *Queer*. Como processo metodológico, utilizamos duas etapas: a netnografia, como análise de algumas conversas da comunidade assexual dentro de uma rede social na internet, e entrevistas semiestruturadas com quatro indivíduos que se identificam como assexuais, ao que foi realizada a análise dessas falas e histórias, coadunando com o processo de autoidentificação como assexual. Concluimos que é necessário dar visibilidade à assexualidade, sustentando as relações de força presentes nessa orientação sexual.

Palavras-chave: Assexualidade; Genealogia; Netnografia; Gênero; Sexualidade.

ABSTRACT

This research inquires about the processes of subjectivity and the emergence of asexuality in present days, observing a few peculiarities of this population. As a theoretical contribution, the ideas of Michel Foucault were used, as well as other intercessors like Gilles Deleuze, Felix Guattari, Beatriz Preciado (Paul Preciado) and Judith Butler. We proceeded a study on the history of asexuality with a foucauldian perspective, in addition to addressing asexuality with a rhizome viewpoint. We have described asexuality as a possibility of sexual orientation, perceived as a non-sexual desire and as a political act. We conducted a bibliographical survey for a contemporary look of asexuality, based on the contribution of authors like Anthony Bogaeart, Pryzbylo, Elizabeth Oliveira, Prause, Graham and others. We have gone through the depathologization process of asexuality as an effective possibility and performed some of theoretical routes by asexuality, presenting academic discussions over this issue. To extend our view on asexuality, we analyze theoretical considerations by Michel Foucault and Queer Theory. We use a two-step procedure as a methodological process: netnography, as the analysis of some conversations of the asexual community within a social network on the internet, and semi-structured interviews conducted with four individuals, who identify themselves as asexual, going through the analysis of these speeches and stories and associating it with the process of self identification as asexual. We conclude that it is necessary to give visibility to asexuality sustaining the balance of power present in this sexual orientation.

Keywords: Asexuality; Genealogy; Netnography; Genre; Sexuality.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	1
2 HISTÓRIAS, ESTÓRIAS E HISTORIETAS	5
2.1 Sobre a história	5
2.2 Assexualidades e História: entre o molar e o molecular	8
2.3 Por uma assexualidade rizomática	13
2.4 A assexualidade como orientação: uma possibilidade efetiva.....	19
3 ASSEXUALIDADES.....	23
3.1 Assexualidade na contemporaneidade	23
3.2 Por caminhos teóricos da assexualidade.....	32
3.3 Por (des)caminhos: trilhando os percursos foucaultianos e <i>queer</i>	36
4 METODOLOGIA: ENTRE O <i>ONLINE</i> E O <i>OFF-LINE</i>	44
4.1 Por percursos netnográficos: pistas da assexualidade.....	48
4.1.1 Segundo Ato.....	50
4.1.2 Terceiro Ato.....	54
4.2 Narrativas e Assexualidades	57
4.2.1 O Ace Paulista no Rio	57
4.2.2 A Flor Lilás.....	66
4.2.3 Chemistry Ace	70
4.2.4 France Ace	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	80
REFERÊNCIAS	84
APÊNDICE I.....	92
APÊNDICE II.....	94

LISTA DE SIGLAS

AVEN - The Asexual Visibility and Education Network

DSM- Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders

LGBTIQ- Lésbicas, Gays, Transgêneros, Intersex e Queers

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem como objetivo pesquisar a emergência da *assexualidade* no contemporâneo e suas relações com um *site* e comunidades em redes sociais que versam sobre essa temática. Pretendemos analisar, nesse contexto, os processos de subjetivação de pessoas que se identificam como assexuais e suas reverberações em duas comunidades virtuais brasileiras que tratam da assexualidade, que, por sua vez, estão localizadas virtualmente na rede social Facebook e no *site* da AVEN (The Asexual Visibility & Education Network).

A AVEN é a principal entidade que congrega assexuais e possui um site que conecta boa parte da comunidade assexual, apesar de existirem outros sites e blogs em várias línguas que seguem o seu modelo ideológico (BRIGEIRO, 2013). A comunidade assexual atribui a ela a criação do termo “assexualidade”, e sua importância se traduz na organização da maioria dos eventos *online* e *offline* ligados ao tema (HINDERLITER, 2009a). Essas ações são realizados pela AVEN ou por assexuais que se organizam em comunidades virtuais em redes sociais. Alguns eventos são feitos para aumentar a visibilidade dos assexuais, tais como a participação em Paradas de Orgulho LGBT, reportagens em sites e jornais (MASCARENHAS, 2015), bem como na própria página da AVEN. Outros movimentos nessa direção são os encontros *aces*, que têm sido realizados por assexuais, que tem como objetivo conhecer seus pares. No Brasil, tais encontros são realizados regionalmente a partir de demandas dos próprios assexuais. Houve um encontro *ace* na cidade do Rio de Janeiro, no dia 6 de março de 2016, cuja apresentação dizia:

Galera então vamos nos encontrar? O próximo encontro será realizado no Nova América Shopping em frente ao restaurante Graça da Vila a partir de 12:00. Lembrando que podemos ou não ficarmos lá, lá será a princípio um ponto de partida. Iremos almoçar, conversar, enfim, abrir novos espaços para aprofundarmos os nossas amizades (E quem sabe relacionamentos?) Enfim Lembrando que esse encontro é exclusivo para Aces e todas as suas variações (Grey, Demi etc.) Ok? Enfim espero todos vocês lá!!! (FACEBOOK, 2016).

Segundo a AVEN (c2001-2012, tradução nossa), assexual é “(...) a pessoa que não experimenta atração sexual”.¹ Entretanto, Brigeiro (2013) considera que essa frase é simplista e imprecisa. Há outros teóricos que divergem da definição da AVEN. Carrigan

¹ O texto original, em língua inglesa, é: “An asexual person is a person who does not experience sexual attraction.”

(2013) realizou uma pesquisa utilizando triangulação de dados, em que perguntava sobre o autoentendimento da assexualidade, recebendo respostas profusas e variadas sobre as orientações românticas dos sujeitos. O que se depreende daí é que a definição de que o assexual não experimenta atração sexual não acompanha a variedade das experiências vividas pelos sujeitos que se identificam com essa classificação.

Um fator importante ao se delinear uma pesquisa sobre a assexualidade é a distinção entre *orientação sexual* e *orientação romântica*. Diamond (2008, p. 12) define a orientação sexual como sendo um “(...) padrão de desejo sexual consistente e estável por indivíduos do mesmo sexo, do outro sexo ou por qualquer dos sexos”. Contudo, podemos questionar se o desejo sexual é realmente algo estável, além do fato de ele estar apartado de uma esfera ético-política.

Sobre a orientação romântica, Oliveira (2014) cita Esther D. Rothblum e Kathleen A. Brehony, autoras do livro *Boston Marriages: romantic but asexual relationships among lesbians*, publicado em 1993, o qual relata a experiência de vários casais lésbicos que viviam uma relação estável, mas sem a presença do *ato sexual*. Elas relatam que essa escolha pode se dar por incontáveis motivos, mostrando que uma união afetiva não precisa ser efetivamente colada à sexualidade. Nesse estudo, as autoras não rotulam tais casais como assexuais e nem afirmam que todas as parcerias afetivas de cunho romântico sejam compostas por indivíduos assexuais.

Bogaert (2006), Diamond (2003; 2008) e Hinderliter (2009b) afirmam que há pluralidades de orientações e que há pessoas que se localizam na chamada “*gray area*”, isto é, com variabilidade no desejo sexual. Importante sublinhar, portanto, que existem variações de desejo sexual e ligação romântica entre os que se identificam como assexuais. E que, de fato, essa orientação sexual aflora cada vez mais no tecido social.

Nesse contexto, o meu interesse sobre o tema da assexualidade tomou forma com a participação no I Seminário Internacional Desfazendo Gênero: Subjetividade, Cidadania e Transfeminismo, realizado em 2013 na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Nesse evento, foi apresentado um trabalho sobre um garoto de programa que se prostituía pela internet. Ao conversar com uma colega, houve uma inquietação a partir de sua indagação a respeito de pessoas que poderiam não gostar de sexo, o que me deixou instigado a pesquisar sobre essa temática. Verifiquei que não havia nenhum trabalho nesse seminário sobre a assexualidade, e que havia poucos trabalhos em nível de pós-graduação

strictu sensu, sendo que nenhum na área de Psicologia. Ficou clara a “invisibilidade” do tema na academia, apesar do crescimento do fenômeno fora dela.

Para realizar minha investigação, este trabalho se estrutura em três partes, sendo as duas primeiras teóricas, abordando aspectos conceituais e históricos a respeito da assexualidade. Na terceira parte consta o processo metodológico do trabalho, considerando os dados analisados nesta pesquisa. A pesquisa foi realizada por meio da rede social Facebook, em uma comunidade voltada para assexuais. A partir desse contato, foram selecionadas quatro pessoas que se identificam como assexuais para entrevistas face a face.

No primeiro capítulo, por sua vez, realizamos um estudo histórico sobre o surgimento da assexualidade como campo de pesquisa e sua emergência como orientação sexual. Utilizaremos autores como Bogaert (2004; 2006), Brotto e Yule (2009), Chasin (2011), Brigeiro (2013), Oliveira (2014), dentre outros. Ademais, para rebater uma perspectiva histórica linear e com finalidade teleológica, utilizaremos a perspectiva arqueológica de Michael Foucault, baseando-nos na crítica que este autor faz a tal perspectiva:

Foucault não critica a História, mas um determinado modo de pensá-la e ensiná-la. Ao longo de ‘A Arqueologia do Saber’ é possível perceber uma defesa declarada à História visando libertá-la do que denominou de noções e procedimentos envelhecidos (continuidade, sujeito fundador, totalidade, origens nobres e abordagens teleológicas), fazendo uma série de críticas àquele modo de pensar uma história contínua e globalizante. (PINTO, 2011, p. 151).

No segundo capítulo, examinamos a contextualização da assexualidade na atualidade, corroborando uma nova perspectiva desta como orientação sexual, e não como patologia. Alguns autores, como Bogaert (2004), Przybylo (2012) e Oliveira (2014), tentam desnaturalizar a assexualidade como possibilidade viável dentro de um mundo sexonormativo.

No terceiro capítulo, apresentamos o processo metodológico escolhido para a pesquisa, a *netnografia*. Segundo Dias (2015, p. 154-155),

A netnografia, mesmo que faça a observação científica dos espaços virtuais para a coleta de dados, usando os conceitos e práticas da etnografia tradicional, revela um diferencial, que é a possibilidade da coleta de dados poder ser realizada em um espaço virtual, que podemos dizer se tratar de um espaço desterritorializado, podendo o dado estar onde quer que o pesquisador esteja, sendo a coleta de dados feita em um espaço virtual presente, minimizando as distâncias.

Assim, como reitera Noveli (2010), a netnografia é o método acadêmico para utilizar a pesquisa no meio *online*, ou com grupos e culturas nesse meio, e a análise desses dados. Esse método é um *continuum* do *offline* (face a face) para o *online* ou vice-versa. Como referencial teórico, utiliza-se das ideias de Kozinets (2007; 2014) e de comentadores como Noveli (2010) e Dias (2015). Foram realizadas quatro entrevistas, com pessoas que autoidentificam como assexuais, utilizando-se entrevistas semiestruturadas. Por meio da parte netnográfica, podemos perceber que é o território onde as pessoas sustentam sua autoidentificação. Nesses *posts*, emergem processos de subjetivação em relação a essa orientação sexual, com delineamento sobre as classificações dentro da assexualidade. Aliás, esse assunto é bem preeminente dentro das comunidades que pesquisamos. As entrevistas trouxeram percursos de vida diversos, que, em comum, levaram essas a pessoas se perceberem como assexuais. Houve muitos questionamentos entre os entrevistados sobre o que estava errado com eles, ou porque se achavam muito diferentes. Ao colocar a assexualidade sendo uma *descoberta*, nossos entrevistados no mundo virtual atestam que houve uma mudança de paradigma na relação com seus processos de vida, e a internet como potencializadora dessas descobertas. Nesse percurso, a sustentação da assexualidade no âmbito familiar é conflituosa.

Isso demonstra que a assexualidade vai contra um discurso hegemônico e querelante sobre a sexualidade como algo compulsório e pertencente a um quadro de saúde, que também é sexual.

A internet, portanto, torna-se a porta para possibilidades reais de encontros com os pares assexuais, mesmo que não seja compulsória a união assexual, há uma preferência de escolher namorados ou parceiros *aces*.² Muitos *aces* procuram encontros românticos, mas não podemos afirmar que alguns assexuais praticam sexo, como os da área cinza, que aprofundaremos no decorrer da dissertação, e algumas pessoas que têm experiências remotas com outros parceiros de forma contínua. Isso nos remete às singularizações da comunidade assexual.

² Outra denominação de assexual.

2 HISTÓRIAS, ESTÓRIAS E HISTORIETAS

2.1 Sobre a história

Investigar a emergência da assexualidade na época contemporânea é também pensar nas condições de possibilidade para o surgimento desse fenômeno. A assexualidade se mostra como um *desvio* da sexualidade, e não como a negação do sexo ou da sexualidade. Tal perspectiva “desviante” é pensada como alternativa aos discursos sexo-normatizadores em uma sociedade “farmacopornográfica”, conceito da filósofa *queer* Beatriz Preciado, uma sociedade na qual se encontra, como citado por Cleiton Zóia Münchow (2014, p. 198):

[...] uma *cooperação masturbatória*, em que a nossa *Potentia gaudendi*, conceito que substitui o conceito de força de trabalho e que se refere à capacidade atual ou virtual de excitação total de um corpo, passou a ser regulada por uma *lógica masturbatória* que nos *excita* e controla com a finalidade de extrair mais valia: o tecnogozo.

Nesta parte do texto, partiremos de outro olhar a respeito de como escrever a História, a partir da perspectiva de um “psicólogo mascarado”, com um devir historiador. Para isso, tentaremos criar tensões para a escritura, contando com a ajuda do filósofo Michel Foucault e de seus intercessores, os quais devem ser “sempre no plural, nunca no singular, visto que tal conceito só pode se manifestar por componentes, por variações, heterogeneidade, multiplicidade e intensidade, como requer a operação conceitual” (BRITO, 2013, s.p.). A respeito dos intercessores, Gilles Deleuze (1992, p. 156) conceitua:

O essencial são os intercessores. A criação são os intercessores. Sem eles não há obra. Podem ser pessoas para um filósofo, artistas ou cientistas; para um cientista, filósofos ou artista – mas também coisas, plantas, até animais, como em Castañeda. Fictícios ou reais, animados ou inanimados, é preciso fabricar seus próprios intercessores. É uma série. Se não formamos uma série, mesmo que completamente imaginária, estamos perdidos. Eu preciso dos meus intercessores para me exprimir, e eles jamais se exprimem sem mim: sempre se trabalha em vários, mesmo quando isso não se vê.

Esse autor quebra com posturas hierarquizantes do saber e de sua produção, trabalhando com o desvio, com o não dado. Esse movimento precisa ser feito para desmontar a ideia de totalidade, uma vez que as críticas devem ser particulares e locais. Além disso, na produção de conhecimento, é preciso favorecer a emergência dos saberes dominados, relacionar os saberes eruditos aos saberes comuns das pessoas (FOUCAULT, 2004).

Esse pensamento é arrebatador, pois desconstrói um pensar metafísico e platônico que concebe algo ou algum acontecimento sem a perspectiva de sua origem. Contudo, como recontar fatos sem que uma linearidade esteja posta? Qual veracidade tem essa História, a qual estilhaça seus alicerces sólidos de ciência?

Podemos afirmar que a pesquisa genealógica é pesquisa da proveniência e da emergência, e não da origem. Pesquisa da proveniência porque revela o jogo das forças e seu embate, evidenciando os desvios, os acidentes, as marcas singulares que se entrecruzam. Pesquisa da emergência porque revela o ponto de surgimento de um determinado estado de coisas. Proveniência e emergência introduzem a inconstância nos movimentos da história (FOUCAULT, 2004).

Assim, podemos dizer que não existe uma verdade cristalizada, teleológica, essa que tudo sabe e tudo olha. Ela precisa ser rompida para outras verdades e não verdades surgirem. A verdade pode estar a serviço de um poder hegemônico, em que o heterogêneo não é bem vindo para se manter um *status quo*. Nessa esteira, Foucault nos fala que “A verdade e seu reino originário tiveram sua história na história. Mas saímos dela, na hora da sombra mais curta quando a luz não parece vir do fundo do céu. E dos primeiros momentos do dia” (FOUCAULT, 2011, p. 19).

Outro fator importante que queremos ressaltar é a emergência do saber histórico, que se produz dentro de um jogo de forças, que se combatem de forma incansável. A emergência desse saber ocorre em um processo de revezamento. Essa força luta contra si, reagindo à lassidão. Nesses jogos históricos que nasceram na Alemanha do século XV, o catolicismo tinha força para lutar contra si, revoltar-se e criar novos jogos de força (FOUCAULT, 2011).

Ao pensar tal emergência, somos trazidos a temas contemporâneos, como é o caso da assexualidade, do casamento igualitário (o “casamento gay”), entre outros. Esses temas emergem dentro de um contexto histórico, devido ao jogo de forças que os sustentam. É possível notar que alguns assuntos podem ser mais difíceis de ser trazidos à tona, uma vez que existem forças contrárias a essa emergência – não em um movimento dialético, mas em um feixe de fluxos heterogêneos que rodeiam esses objetos.

A assexualidade é transversalizada, pois há várias forças, como a Asexual Visibility and Education Network (AVEN), traduzido livremente como Rede de Educação e Visibilidade Assexual, e as comunidades do Facebook, que são voltadas para esse público e/ou formadas pelos próprios assexuais. Esses vetores fazem emergir diferentes representações da assexualidade: por meio da cor roxa e dos tons de cinza; de

subclassificações da assexualidade; do uso de roupas ou acessórios particulares, ou do próprio triângulo invertido pela AVEN. Como fenômeno próprio da polimorfia da sexualidade, o encontro com *um não desejo sexual* pode abrir outras possibilidades de produção de subjetividade – as quais não são necessariamente ruins, mas nos fazem pensar o estatuto desse corpo assexual e o que ele transgride como potência de vida.

É necessário, nesse momento, seguir o percurso de um fazer histórico, com o auxílio de Albuquerque Júnior (2008) e de sua abordagem de leitura do historiador Fernando Braudel. Braudel fazia parte da Escola dos Annales, um dos principais expoentes na geohistória. Ele era um grande entusiasta de Foucault e lhe fez elogios a respeito de *História da loucura* e, depois, *As palavras e as coisas*. Albuquerque Júnior (2008, p. 97), contudo, pontua:

Braudel faz uma história que Foucault não quer mais fazer, a história de uma identidade, de uma civilização, a história de uma nacionalidade, história que o historiador se identifica com o próprio objeto, que é ao mesmo tempo sujeito e objeto de sua escrita. Uma história de reconhecimento de uma identidade, de continuidade entre o passado e o presente, a história que projeta para o passado o mesmo rosto do tempo presente.

Segundo Albuquerque Junior (2008), a principal diferença entre Braudel e Foucault é que este via sua perspectiva de história centralizada na Europa e, mais especificamente, no seu próprio país, França. Com seus pares, apesar de ter residido na Brasil e outros países, sua perspectiva histórica era eurocêntrica, como demonstra seu livro *O Mediterrâneo*.

Foucault, mesmo voltando para a França, depois de ter residido em vários países, principalmente em outros continentes, como a Tunísia, profere uma conferência sobre a noção de heterotopia, em que em qualquer lugar existente, em qualquer cultura ou sociedade, as utopias vêm se materializar como lugar de contraposição à posição nelas dominante (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2008).

O que podemos trazer a partir das comparações entre historiadores e filósofos é a abertura de Foucault para o nomadismo, para o inédito. Isso nos leva a fazer uma história de lugares fora do lugar, como a história do processo patológico da loucura em vez do hospício.

Vivemos em uma sociedade em que o sexo é um território bem povoado, seja pela pornografia, em uma profusão incontável de *sites* de sexo amador e profissional, seja por aplicativos de celulares para encontros casuais, como é o caso de *Tinder*, *Grindr*, *Scruff*, entre outros. Valorizamos o sexo penetrativo, em que um corpo é territorializado pelo outro, e formas não hegemônicas são invisibilizadas – como é o caso das práticas do *gouinage*

(sexo sem penetração, que valoriza os jogos preliminares, que tomam o papel do sexo em si), do *frottage* (esfregar os genitais sexuais, sem que ocorra a penetração) e da própria assexualidade. Essas formas não hegemônicas de sexualidade nos levam a ampliar a ideia de sexo biológico inato e procriativo para outras possibilidades que desnormalizam tanto a sexualidade quanto o inato e a reprodução, retirando o sexo do lugar de uma finalidade para torná-lo um encontro.

Esses deslocamentos nos fazem realizar travessias por lugares ou tópicos ditos não históricos, dando abertura aos processos de singularização ali emergentes. Com isso, vozes inauditas e corpos silenciados podem falar através da História e sobre a História – História em que a penetração sexual seja dispensável, em que, no embarque da *alegria*, se possa brincar com a corporeidade. Como pode esse corpo falar além de sua sexualidade compulsória? Esse corpo parece estar morto. Podemos pensar que outras vidas são possíveis a esse corpo, que outras histórias, estórias e historietas podem se abrir, saindo do registro patologizante de uma medicina sexocêntrica.

2.2 Assexualidades e História: entre o molar e o molecular

É importante traçar uma perspectiva histórica da emergência da nomeação da assexualidade como orientação sexual, de como ela é teorizada por estudiosos e por pessoas que se denominam assexuais. Esses questionamentos podem fazer emergir tensionamentos sobre a forma de viver a assexualidade (BRIGEIRO, 2013).

Ao entrar no *site* da AVEN, encontramos uma definição, em letras violetas, dizendo que assexual é uma “pessoa que não experiencia atração sexual” (tradução nossa), como foi mencionado anteriormente. Segundo Brigeiro (2013), a AVEN é uma iniciativa pioneira, marco zero do mundo dos assexuais. Seu fundador, David Jay, tem a internet como meio para agregar a comunidade dos assexuais, além de utilizá-la como plataforma política, visando à legitimação da assexualidade. A ação principal do grupo acontece nos Estados Unidos, onde foi fundada por Jay em 2001, mas hoje é reconhecido mundialmente, com ramificações no Brasil.

Um autor bem ativo no campo dos estudos assexuais é Andrew Hinderliter (BRIGEIRO, 2013). Ele é participante da AVEN, com doutorado em linguística pela Universidade de Illinois e tem produzido artigos acadêmicos sobre a temática desde 2009. É membro do *Project Team*, um grupo da AVEN que faz uma mediação entre o grupo e pesquisadores de Universidades com interesse na assexualidade. Por meio desse projeto, a

AVEN busca articular um campo de pesquisa que siga um protocolo e seja aceito pelo AVEN *Project Team*.

Hinderliter (2009a) traçou uma gênese da criação do conceito de assexualidade, narrando, de forma linear, essa trajetória. Ele considera, como criador do termo “assexualidade”, o americano David Jay, naquela época estudante da Wesleyan University. Ao perceber em si a ausência de desejo sexual, Jay foi procurar o escritório LGBTIQ (Lésbicas, Gays, Transgêneros, Intersex e Queers) da universidade, onde ninguém sabia abordar o tema. Ele, então, criou um grupo de discussão na plataforma Yahoo.com, chamando-o de “*My life as an Amoeba*” (“Minha vida como uma ameba”, em tradução livre), no qual, pela primeira vez, utilizou-se a palavra “assexual” para designar pessoas que não gostavam de sexo. Contudo, a pouca interação fez com que o grupo fosse extinto.

Em 2001, surgiu a “*Haven for the Human Amoeba*” (“Refúgio para a ameba humana”, tradução nossa), uma comunidade virtual que também, no início, tinha poucas postagens, mas posteriormente observou um aumento de 18 para 130 postagens ao mês. Ela teve seu término em 2008. Hinderliter (2009a) conta, ainda, que Jay utilizou sua conta na universidade para criar uma página sobre a assexualidade, chamada “AVEN - The Asexual Visibility Education Network”, na qual define a assexualidade como designando pessoas que não se interessam por sexo. Ele procurou assexuais, enviando e-mails para líderes do movimento LGBTIQ nos Estados Unidos, na tentativa de encontrar outros pares (HINDERLITER, 2009a).

Ao falarmos do acrônimo da AVEN, duas letras se destacam: a letra V, que designa a visibilidade da assexualidade como uma questão emergente nesse grupo; e a letra E, que traz a questão da educação. Essas duas palavras da sigla estão interligadas ao discurso assexual, pois, ao mesmo tempo que demonstra o que é a assexualidade, cria um processo de aprendizagem ao público não assexual do que seja essa orientação sexual. Na avaliação de Brigeiro (2013), existem duas formas de visibilidade dos assexuais na concepção da AVEN. De um lado, a venda de materiais e acessórios que representem a assexualidade, como camisas com o triângulo invertido, brincos, anéis escuros (a ser usados no dedo médio), bolsas e outros produtos nas cores da assexualidade. Em segundo lugar, a legitimação da assexualidade. Brigeiro (2013, p. 257) observa que “A rigorosidade dos procedimentos e do ritualismo característicos do fazer científico são replicados no universo dos assexuais”.

Segundo Hinderliter (2009a), um dos fatores de sucesso da AVEN foi seu *design* e a boa estruturação logística do *site*, dos fóruns e o uso do domínio *.org*, que trouxe maior confiabilidade à organização. Ele descreve a página da AVEN como um lugar de encontro dos assexuais. No cabeçalho do *site*, há a descrição *standard* da assexualidade: “*Asexual: a person who does not experience sexual attraction*”. Todavia, ao se pesquisar o conteúdo *site*, essa definição se amplia, conforme descreveremos abaixo, desdobrando-se em subclassificações, que dão lugar a outros grupos, como os *Gray-A* (pessoas que podem sentir desejo sexual, mas o sentem muito raramente, em situações específicas e, na maior parte das vezes, nunca forte o suficiente para querer fazê-lo) e os *Demissexuais* (falta de atração sexual por pessoas com as quais não se possui relações fortemente afetivas).

O tema da assexualidade tem sido pesquisado de modo ainda incipiente – são relevantes as pesquisas de Bogaert (2004; 2006), Brotto e Yule (2009), Chasin (2011), Brigeiro (2013), Oliveira (2014), entre outros. Destaca-se uma coletânea recente da editora Routledge, com um volume voltado para a assexualidade, dentro de uma série de livros sobre gênero e sociedade, organizados por Karli June Cerankowski e Megan Milks, em 2014, o que revela certo crescimento da discussão do tema. Tal visibilidade é capitaneada por pesquisadores que compartilham essa “experiência”, como o próprio Hinderliter, que é assexual, criando um entrelaçamento entre a ação política da AVEN e o aumento de sua visibilidade, tanto acadêmica quanto midiática.

Essa hibridização entre o político, o midiático e o acadêmico pode ser observada no relato da pesquisadora Elizabeth Regina Baptista de Oliveira (2014), autora da primeira tese sobre o tema no Brasil, defendida na Faculdade de Educação da USP. Ela criou um blog chamado “Assexualidades”, em 2010. No ano de 2012, houve a vinculação desse blog a um grande portal da internet brasileiro. Após publicação no portal, houve mais de 9.000 acessos ao seu blog em três dias. Ela relata em sua tese que, depois desse aumento expressivo, recebeu vários *e-mails*, com dúvidas sobre a assexualidade ou de pessoas que se identificavam com essa condição. Outro fator interessante foi que 10% desses e-mails foram de pessoas de outras partes do mundo.

Oliveira (2014, p. 36) fala da importância e das ressonâncias da sua pesquisa, mas também de sua própria visibilidade como pesquisadora de um tema emergente:

A criação do blog trouxe um fôlego bem-vindo e inesperado à pesquisa. Rapidamente, o blog tornou-se referência para assexuais e demais interessados no tema do Brasil. Diria que foram cinco as consequências mais importantes na

criação do blog para investigação: 1) a abertura de um canal de diálogo com leitores sobre o conteúdo do blog; 2) convites para realização de palestras, apresentações sobre a assexualidade em eventos de diversidade sexual; 3) o fortalecimento da comunicação da mídia; 4) o estabelecimento de comunicação pessoal com alguns leitores, o que favoreceu a possibilidade de entrevistas pessoais; 5) por último, a procura de estudantes, sobretudo de graduação, manifestando o desejo de desenvolver trabalhos acadêmicos sobre a assexualidade.

Nesse percurso, entre Histórias e histórias, visão molar e molecular, espaços instituídos e instituintes, observamos uma dimensão essencial: como o assexual se autoidentifica e o que perpassa essa autoidentificação. Devido a não visibilidade midiática de outras orientações sexuais, esse percurso pode se dar de vários modos: por contato com a AVEN, com comunidades em redes sociais, leitura de matérias, entre outros.

Nota-se, no *site* da AVEN, na seção FAQ (*Frequently Asked Questions*) de perguntas frequentes, como exemplo do que explicamos, a questão “*What is ‘sexual attraction’?*” (“O que é ‘atração sexual’?”, tradução nossa). Essa pergunta vem sendo respondida desde 2012, por vários participantes do mundo inteiro. Algo nos inquietou, contudo, quando o participante Telecaster68, em uma pergunta-resposta, diz: “*But what will AVEN talk about then?*” (“Mas o que a AVEN vai falar então?”, tradução nossa). O que uma comunidade que não experiencia atração sexual vai poder falar sobre o que é a atração sexual?

Dantas (2010) nos ajuda a fazer um paralelo, ao trazer a ideia de que o desejo, desde os primórdios, já era regulado, cooptado, o que não implica que tenha sido suprimido. Antes que a Igreja sacramentalizasse o casamento, o clero colocava a virgindade como algo metafísico que todo cristão deveria almejar. Nesse percurso, temos os *Tratados de virgindade*, que davam destaque aos perigos do sexo, e a literatura monástica, que tentava precaver o homem solitário das paixões que infligiam sua carne.

A *carne* era silenciada por meio de mutilações, sevícias e exercícios ascéticos, em que os corpos eram docilizados para estarem a serviço do que postulava a Igreja, na Idade Medieval. Era um exercício dialético, em que o corpo era enfraquecido para o fortalecimento da alma. Era contra o desejo erótico que se deveria lutar. Ele deveria ser anulado, eliminado, aniquilado do corpo e da carne a qualquer custo.

Os monges deveriam observar e perscrutar a sua própria dimensão subjetiva para controlar o desejo. Não houve nessa época o desenvolvimento de novas interdições, mas o surgimento de ‘tecnologias de si’ mais aprimoradas e mais complexas. O indivíduo foi convidado a realizar o intenso trabalho de vigilância sobre si a fim de expurgar o pecado que se encontrava na esfera da não-ação. (DANTAS, 2010, p. 702).

Foucault (1988) nos fala da evolução da pastoral católica, do sacramento da confissão e depois do Concílio de Trento, em que os manuais sobre confissão da Idade Média tinham grande papel prescritor e realizavam um grande exame da *fala do pecador*, como a posição sexual dos parceiros na alcova, os momentos exatos do prazer e a descrição do ato sexual nos mínimos detalhes.

Esse policiamento do corpo e dos prazeres nos rebate até os dias de hoje, com outras formas confessionais da contemporaneidade, como redes sociais e o mercado pornográfico. Falar se tem e com quem se tem relações sexuais, é algo compulsório no nosso tempo. Tal procedimento nos remete a um exame contínuo:

O sexo segundo a nova pastoral não deve mais ser mencionada sem prudência, mas seus aspectos, suas correlações, seus efeitos devem ser seguidos até as mais finas ramificações: uma sombra sem devaneio, uma imagem expulsa com demasiada lentidão, uma cumplicidade mal afastada entre a mecânica do corpo e a complacência do espírito: tudo deve ser dito. (FOUCAULT, 1988, p. 25).

Nessa direção, podemos afirmar que:

Esse exame de si, inserido dentro de uma pastoral católica para Foucault: essa insistência no fazer falar ou, diríamos, no fazer significar, ancora-se em um conjunto de mecanismos de poder que não estão livres dos imperativos (morais, políticos, ideológicos) de uma época. (ROSA, 2015, p. 187).

As práticas discursivas sobre o sexo e a sexualidade estão inseridas em uma contextualização histórica. Certas práticas só poderão existir ou se fazerem emergir dentro de um jogo de forças, como o exemplo da assexualidade, silenciada anteriormente.

Esse silêncio se impunha a tais práticas, uma vez que só era possível que o corpo fosse socialmente e simbolicamente admitido caso seguisse os cânones da Igreja. O matrimônio só é inserido na liturgia católica a partir do século IX, de forma ainda tímida, pois a união marital era de interesse da aristocracia e ainda havia defensores dentro da Igreja contra o casamento. A partir dos séculos XII e XIII, entretanto, o casamento se tornou uma instituição divina, que a Igreja poderia controlar, disciplinar, e um novo rol de condutas foi prescrito, como a cerimônia religiosa, que começou a ser obrigatoriamente celebrada dentro da Igreja, por padres. Outra prescrição importante foi o ato sexual como obrigação dos cônjuges, o que fez com que houvesse uma moralização dos códigos e condutas do matrimônio (DANTAS, 2010).

Podemos entrever, nesse rol de prescrições, a sexualidade como algo compulsório, como um *não* direito de ter o desejo. O ato prescindia do que afetava aqueles corpos; a obrigatoriedade marital e o código de conduta da Igreja solapavam qualquer conduta desviante. A penetração vaginal, em um olhar reducionista, abarcava todo o ato. Com isso, não se deveria ter vontade, mas obrigatoriedade. Então, em momentos de não desejo, não se podia falar, mas corpo não gaguejava: era pedagogizado.

Discutimo-nos outras possibilidades de vozes ainda inauditas que serão amplamente discutidas na Capítulo 4, nas vozes das pessoas que se identificam como assexuais. No entanto, proponho aqui ainda, um passeio pela assexualidade em sua complexidade e processualidade.

2.3 Por uma assexualidade rizomática

Procuramos entender a assexualidade e todas as formas possíveis de plurais de sexualidades, saindo de uma leitura dicotômica de sexo ou não sexo, para uma visão polimórfica de possibilidades de vida. Uma das perspectivas a apresentar é uma visão da sexualidade como um rizoma, conceito cunhado por Gilles Deleuze e Felix Guattari no livro *Mil Platôs*. No platô intitulado “Rizoma”, utilizam emprestado aspectos conceituais da biologia, o que traz outro olhar para se pensar uma sexualidade fora de um olhar biomédico e de um plano cartesiano.

Essa mudança de perspectiva abre os corpos para possibilidades de encontros na vida e com a vida, saindo da visão do uno, do *isso* ou *aquilo*, homem ou mulher, sexual ou assexual, quebrando, dessa forma, os binarismos e uma visão platônica com que enxergamos a vida. A visão do rizoma é o olhar para o múltiplo, saindo de um olhar metafísico e transcendente.

O rizoma navega pelo plano da imanência, em que pode se expandir na dimensão micropolítica. O rizoma amplia o conceito de sexualidade, pois “(...) o rizoma, ao contrário, é uma liberação da sexualidade, não somente em relação à reprodução, mas também em relação à genitalidade” (DELEUZE & GUATTARI, 1995, p. 13). Assim, podemos prescindir de uma sexualidade genitalizada, em prol de outras possibilidades, descartando uma compulsoriedade do pênis e da vagina, como figuras centrais de um mundo sexocêntrico. Essa abertura conduz o sexo para outras zonas corpóreas, deslocando também a reprodução como final para a sexualidade. Esse pensamento pode trazer ganhos para as

sexualidades minoritárias, como a assexualidade, que não renega o pênis, mas conduz a relação *sexo e corpo* de outra forma.

Ao romper com uma sexualidade instituída, podemos pensar em polimorfismo sexual, para além e com o corpo, em que zonas do corpo, como dedos, bocas, ânus, podem *desgenitalizar* o sexo, não como um processo de negação, mas como um processo de desconstrução, com abertura do sexo para outras conjugações, nas quais também a questão da penetração e junção de corpos não seja compulsória.

Aqui transcorreremos pelas linhas que compõem a vida, conforme Deleuze & Parnet (1998). Eles falam de três tipos de linhas. O primeiro tipo compreende as linhas duras ou segmentares, da representação social, da profissão, dos segmentos. Essas linhas trabalham com máquinas binárias, que não são dualistas, mas dicotômicas. Como homem e mulher, essas linhas produzem um travesti, e as máquinas vão realizando recortes. Podemos entendê-las, ainda, como linhas molares ou linhas de uma identidade, e o plano que impera é o da *organização*, da forma. Portanto, a assexualidade é perpassada pela linha segmentar e pelo plano de organização. Em conclusão, ao se firmar como identidade sexual e/ou orientação, o plano que impera é o das formas. É interessante perceber essa característica nas classificações da assexualidade. Como muitas vezes foi possível perceber nos grupos sobre a assexualidade do Facebook, vários usuários perguntam sobre a assexualidade, se identificam como assexuais e, depois, procuram se reconhecer com mais profundamente nas classificações dentro do espectro assexual (*demissexualidade*, *gray*, *homorromântico*, entre outras).

As identificações são importantes por adquirirem características provisórias, não como algo *standart*, em que nada pode mudar. As falas de muitos assexuados que retratam ter uma vida sexual em algum momento de suas existências mostram esse corpo como algo fluido e aberto a experimentação. Assim, apesar das linhas duras, sempre escapam linhas de fugas, que criam outra geografia.

O segundo tipo distingue as linhas que não funcionam por segmentos, mas por devir ou blocos de devir. Elas funcionam por limiares, o movimento é de aceleração ou de lentidão, e o plano por que passam é o *plano de consistência ou de imanência*. Essas linhas possuem uma segmentaridade maleável ou migrante, que se opõe ao modelo arborescente, fazendo com que as linhas moleculares passem pelos estratos, criando processos de desterritorialização. Elas atrapalham os processos binários, mas também não produzem um terceiro elemento da parturição desse movimento dialético. Nessas linhas, percebemos

pequenas fissuras, rupturas imperceptíveis (DELEUZE & PARNET, 1998). Esse desdobramento nos mostra que a assexualidade não está fadada somente a pessoas que não gostam de sexo, mas, pelo que vimos, qualquer pessoas que fuja de um padrão sexonormativo pode achar alguma brecha na assexualidade, como os *gray-a* ou os *demissexuais*. Essa variação do desejo sexual mostra que não há uma sexualidade pré-formatada, apesar de que os *gray-a*, por terem uma sexualidade migrante, que foge de uma lógica quantitativa (quantas vezes demos ter relações sexuais por semana), se mostram abertos a gradientes de variação.

Nos discursos assexuais, no entanto, há uma abertura para masturbação e outras práticas ditas como sexuais. Nessa perspectiva, mesmo os assexuais românticos podem ter encontros sexuais, pois os deslocamentos dos seus corpos podem criar virtualidades e se atualizarem em várias possibilidades. Esse corpo assexual se abre para o devir, que não o coloca como um corpo estático, mas aberto às afetações.

O terceiro tipo compõe-se das linhas de fuga, ou nômades. Essa linhas precipitam todos os movimentos de desterritorialização e não são sobrecodificadas nem pelas linhas duras nem pelas maleáveis. Elas se entregam ao devir e, às vezes, precisam ser inventadas. As linhas de fuga rompem com o tempo cronológico. Em outras palavras,

Não se deve entender essa primazia das linhas de fuga cronologicamente, mas tampouco no sentido de uma eterna generalidade. É, antes, o fato e o direito do intempestivo; um tempo não pulsado, uma hecceidade como um vento que se levanta, uma meia-noite, um meio-dia. (DELEUZE & PARNET, 1998, p. 112).

Nessas linhas, o corpo assexual varia intensivamente. Para pensar como esse corpo varia, podemos dar o exemplo do assexual arromântico que, quando se afeta, pode abrir seu corpo para a arte ou outra possibilidade, pois não há, nele, uma competição com uma sexualidade pré-existente ou biológica. No corpo sexualizado, há momentos de devir assexual, o que não é patológico, mas uma resposta desse corpo a outras variações.

Esse corpo se abre para uma viagem, quando os assexuais, nos blogs ou em redes sociais, colocam um bolo, como opção para o sexo, não como via de opção, mas de variação e afetação. O bolo, no caso, pode representar as artes e o que esse corpo desterritorializa, sem saber o que estar por vir.

Assim, essa três linhas não são estáveis, e não há uma boa linha ou uma má linha. Elas se revezam na vida:

Essas três espécies de linhas se misturam constantemente e não param de interferir uma sobre as outras, tornando-se reconhecíveis justamente pela existência dos outros tipos que a acompanham. Frequentemente se transformam umas nas outras, como os autores colocam: correntes de maleabilidade que podem se apoiar em pontos de rigidez, e vice-versa. (CASSIANO & FURLAN, 2013, p. 375).

Com isso, podemos coadunar esse olhar e a assexualidade, como uma viabilidade de sexualidade que pode se ligar a outras, que não é presa há uma identidade. As subclassificações da assexualidade, como *gray-a*, *demissexual* entre outras, tornam-se, assim, quebradiças. É possível que haja roscidades, saindo de uma verdade imutável para outra em que esse corpo assexual possa experimentar novos territórios, além do binarismo *sexo* e *não sexo*, vivenciando aumentos e diminuições de velocidade nesses encontros. Segundo Romagnoli (2003), somos forças virtuais, e nos atualizamos pelo real ou pelos acontecimentos. Os agenciamentos que ocorrem na vida só podem ocorrer por meio das relações. A potência das relações não se esgota nas atualizações, pois o empírico não consegue apreender todas as forças que se transversalizam. Essas diferenciações somente acontecem nos encontros que as originam e que nos afetam.

A assexualidade pode se configurar como uma linha de fuga dentro de um sistema *sexocentrado*, não em oposição a ele, mas como uma possibilidade de coexistência no mundo das formas e das forças. Com isso, não queremos dizer que não possa existir a possibilidade de um assexual homorromântico, mas que existem variabilidades tanto da assexualidade como também da orientação romântica. Dessa forma, não há um estrato, mas possibilidades de que várias linhas desejantes perpassem esse corpo. As linhas de fuga coexistem com as linhas maleáveis e a linhas duras ou estratificadas, que são as linhas da vida. Assim, podemos afirmar que toda maneira de lidar com a assexualidade é uma linha de fuga, mas que, dependendo das composições e das circunstâncias, um modo assexual pode escapar de uma identidade dominante.

Essa corporeidade é traçada pelas três linhas, pois, se propormos uma desterritorialização constante, essa linha de fuga será uma linha de abolição ou de morte. A linha de fuga se converte em linha de abolição quando elas destroem outras linhas e a si mesma. Essa linha ultrapassa um limiar rápido, mas que se torna insuportável, e se rompe, ou pode ir para um buraco negro, de onde não poderá sair mais, como os microfascismos, as pequenas segregações, os pequenos édipos (DELEUZE & PARNET, 1998). Um dos buracos negros que podem despotencializar as linhas da vida ocorre quando, nessa vínculo, há uma identidade fixa, imutável, o pode levar há uma mortificação, dentro das classificações da

assexualidade, como aromântico, romântico e suas possibilidades. Até a estatização de uma assexualidade padronizada pode criar um empobrecimento da vida e na vida.

As identidades sexuais, como a heterossexualidade, bissexualidade, homossexualidades, são vistas como se fossem *standarts*, sem possibilidade de alargamentos e transformações. A própria assexualidade pode ser um exemplo de como o *quantum* de desejo sexual não é igual para todos, caso fosse possível quantificar todos os momentos da vida. O seguinte trecho pode nos auxiliar a pensar como isso ocorre:

Como é possível que os movimentos de desterritorialização e os processos de reterritorialização não fossem relativos, não estivessem em perpétua ramificação, presos uns aos outros? A orquídea se desterritorializa, formando uma imagem, um decalque de vespa; mas a vespa se reterritorializa sobre esta imagem. A vespa se desterritorializa, no entanto, tornando-se ela mesma uma peça no aparelho de reprodução da orquídea; mas ela reterritorializa a orquídea, transportando o pólen. A vespa e a orquídea fazem rizoma em sua heterogeneidade. Poder-se-ia dizer que a orquídea imita a vespa cuja imagem reproduz de maneira significativa (mimese, mimetismo, fingimento, etc.). Mas isto é somente verdade no nível dos estratos – paralelismo entre dois estratos determinados cuja organização vegetal sobre um deles imita uma organização animal sobre o outro. Ao mesmo tempo trata-se de algo completamente diferente: não mais imitação, mas captura de código, mais-valia de código, aumento de valência, verdadeiro devir, devir-vespa da orquídea, devir da orquídea da vespa, cada um destes devires assegurando a desterritorialização de um dos termos e a reterritorialização do outro, os dois devires se encadeando e se revezando segundo uma circulação de intensidades que empurra a desterritorialização cada vez mais longe. Não há imitação nem semelhança, mas explosão de duas séries heterogêneas na linha de fuga composta de um rizoma comum que não pode mais ser atribuído, nem submetido ao que quer que seja de significativo. (DELEUZE & GUATTARI, 1995, p. 6).

Podemos pensar na sexualidade como territorialização e desterritorialização, mas sempre relativas, não absolutas, mas percebidas dentro de uma processualidade, em que o corpo se abre para o devir, como uma devir *gay*, mas não ligado a uma genitalidade, mas a um modo de vida. Os assexuais podem estar ligados a processualidades do corpo, fugindo das sobrecodificação, mas como um mapa que se interliga a outros, e depois se desconectam, repensando a vida e a sua sexualidade não como algo teleológico, mas como algo por vir. Pensar na assexualidade como um rizoma é pensá-lo como potência fascicular, em que se criam e se recriam as sexualidades. Dessa maneira,

Falamos exclusivamente disto: multiplicidade, linhas, estratos e segmentaridades, linhas de fuga e intensidades, agenciamentos maquínicos e seus diferentes tipos, os corpos sem órgãos e sua construção, sua seleção, o plano de consistência, as unidades de medida em cada caso. (DELEUZE & GUATTARI, 1995, p. 3).

Pensar rizomaticamente é também pensar por transversalidade. Assim, outro conceito importante que podemos trazer à tona é o de *transversalidade*, proposto por Guattari, quando ele trabalhava em La borde, uma clínica psiquiátrica na França. Guattari (1987) utiliza o conceito de transversalidade como uma alternativa aos movimentos da verticalidade, sustentados pelas hierarquias, pela introjeção das normas e das demandas instituídas, presentes nos grupos assujeitados, e também aos movimentos de horizontalidade, que associa setores distintos sem que se estabeleça uma relação entre eles. A transversalidade provoca um deslocamento para que o grupo seja um dispositivo produtivo de novas realidades, abrindo-se para a invenção. Nessa direção, um exemplo que Deleuze nos dá é o de Henry Miller, quando o escritor toma um porre bebendo água. Rossi & Paro (2013) trazem a interface entre literatura e filosofia, usando as leituras dos filósofos franceses como um analisador da obra de Miller. Eles dizem: “É nos estados de embriaguez, bebidas, drogas, êxtases que se buscará o antídoto ao mesmo tempo do sonho e do juízo” (DELEUZE & GUATTARI, 1997, p. 147), uma embriaguez que aposta na desestabilização dos estratos, das sexualidades definidas para se produzir outra forma de se colocar no mundo.

Os autores evocam um texto de Henry Miller, chamado Trópico de Câncer, no qual ele faz chegar ao êxtase por meio de sua escrita, em que os inumanos aparecem criando mundos, não só como um aspecto estético e político, mas como carga de vida. O nomadismo presente na obra de Miller faz com que enxerguemos a vida como uma obra de arte, trazendo, por meio dessa linha nômade, uma liberação entre juízo e o sonho, em que ambos falam não mais em humanos, mas em inumano e nômade (ROSSI & PARO, 2013). Portanto, essa obra possui uma dimensão entre subjetividades e autonomias, que se fazem nas relações, criando um espaço inumano, incorporal, mas não menos potente, espaço no qual conexões são feitas para se inventar, para sairmos de nós mesmos.

Deleuze e Guattari (1995) vão enfatizar esse processo, chamando-o de devir, como um nomadismo abstrato ou processual. Exemplo disso é um homossexual com devir assexual ou minoritário, com linhas entre os estratos e linhas de fugas, que podem se romper e se conectar em outro lugar (PRECIADO, 2014).

A homossexualidade (que aqui transporemos para a assexualidade) pode estar em dois planos, como exemplifica Preciado (2014). O primeiro plano é o plano vertical, o da verdade, como um plano de oposição entre o significado e significante, entre o masculino e o feminino, um plano que opera na dialética ou na verdade. Nele opera a inversão nietzschiana de todos os valores, com a transvaloração e a torção do plano vertical. Com

isso, alteram-se as verdades e correspondência entre os signos, quebrando os estratos, de uma verdade transcendental. A assexualidade, nesse plano, é que se opõe a uma sexualidade, ou ao sexo, que se esquadrinha em subclassificações, que podem ser necessárias como identidades temporárias. O segundo plano é o plano horizontal, diferente do que Guattari (1987) coloca como horizontalidade, aos estudar os grupos, como vimos anteriormente, é um teatro ou palco da vida em que os signos circulam sem referente transcendental. Nessa perspectiva, é o caos que impera, não no sentido pejorativo, mas no de uma potência. Na obra *Proust e os Signos*, Deleuze (2003) aponta o personagem Charlus, que fecunda sem necessidade de irromper com a filiação do pai e do filho. Por isso, ele entrega o ânus, escapando da reprodução (PRECIADO, 2014).

Assim, nesse contexto, a assexualidade se joga no campo das forças e se descobre, desdobrando-se fora de um mundo sexocêntrico, com possibilidades finitas de encontros entre esses corpos. Assim, a assexualidade não cai no escopo da sobrecodificação, de uma verdade infinita para esse corpo, que já está fadado a não se agenciar com mais nada. As linhas flexíveis e de fuga fazem fugir temporariamente a identidade, criando combinações ainda não catalogadas ou retificadas. A vontade de *não sexo* não está presa a uma falta, ou algum personagem edípico, mas a uma potência, que chega pela diferença, pelo novo.

2.4 A assexualidade como orientação: uma possibilidade efetiva

A partir dessas discussões, a assexualidade emerge como possibilidade de ser visibilizada como orientação sexual. Ao entrar na página da Universidade da Carolina do Norte, no departamento de Estudos LGBTIQ, a assexualidade é identificada como orientação sexual, que eles diferem do celibato. Para o departamento, o celibato é uma escolha ou um comportamento, pois a abstenção do sexo e seus comportamentos foram direcionados por algum viés, seja político, seja religioso. Já a assexualidade seria uma orientação sexual, o que não a torna uma questão médica (UNIVERSITY OF NORTH CAROLINA, 2016). Não desejar sexualmente ou ter variações do desejo sexual não se identifica como falta de saúde e, portanto, não pode ser encarado como uma patologia.

A assexualidade também pode ser vista como uma possibilidades entre as identidade de gênero, o que, em um primeiro momento, pode parecer algo confuso, pois existem homens, mulheres, transgêneros e outras possibilidades de gênero que se associam à assexualidade. A coexistência da assexualidade e a multiplicidade de gênero é algo possível e cognoscível, pois não conseguimos identificar um assexual por suas roupas, somente

quando quer mostrar, usando um artefato, como uma camisa com as cores que representam a assexualidade (ASEXUALITY..., 2012)

Ao se pensar na assexualidade como orientação, existe um movimento de visibilidade da assexualidade, tanto mundialmente, pela AVEN, quanto nacionalmente, pelos encontros de assexuais no Brasil e pelas várias comunidades assexuais no Facebook, no Brasil. Atualmente, existe uma comunidade do Facebook chamada *Censo Ace Brasil*. Essa visibilidade acontece por entrevista com pesquisadores e assexuais que falam sobre o tema. Apesar de já aparecer em outros canais, o grupo iniciou o canal ACEssível, para dar voz e visibilidade às pessoas assexuais.

A visibilidade é uma contribuição de suma importância, para que várias expressões sexuais sejam reconhecidas. O movimento homossexual, que começa a lutar pelos seus direitos, utilizou, na década de 1990, a visibilidade como um dos pilares, para abertura da homossexualidade como expressão e orientação sexual. De acordo com Ramos e Carrara (2006, p. 189-190):

[...] processo de transformação que ocorre nos anos 1990 diz respeito à adoção, por ativistas e por homossexuais não-organizados, da política de visibilidade maciça e o surgimento das paradas do orgulho. Aparecendo no meio da década passada, as paradas passaram a integrar esforços tanto da militância organizada em ONGs, como de ativistas independentes. Atualmente, as paradas reúnem milhares de pessoas em dezenas de cidades brasileiras. Muitas contam com apoio financeiro do Ministério da Saúde, algumas com apoio do Ministério da Cultura e diversas com apoios de prefeituras e secretarias estaduais. Nas paradas mais importantes, ocorrem parcerias com empreendimentos privados, sobretudo bares e boates gays e lésbicos, que instalam nas paradas seus carros de som.

Nessa discussão, podemos ter a contribuição de Brigeiro (2013), que relata a busca de legitimação da assexualidade, com ecos na comunidade científica, principalmente pela AVEN e por comunidades virtuais sobre assexuais, além de outras plataformas *aces*. Podemos citar, aqui, algumas entrevistas sobre a assexualidade na Rede Brasil e, entre outras, uma no Canal *Pergunte as Bee*,³ como também um canal criado por assexuais, o ACEssível. Essas tentativas de visibilidade levam, segundo o autor, a uma legitimação da assexualidade como possibilidade de sexualidade possível. Por meio das vozes dessas pessoas que vivenciam a assexualidade e do respaldo da Academia, os corpos se tornam uma materialização processual, dentro da invisibilidade das minorias sexuais, perante a sociedade.

³ Bee dá conotação ao público LGBTIQ.

Nessa esteira, estabeleceremos um dialogo com Souza Filho (S/D), sobre problematizações do conceito da orientação sexual, na quebra de um viés biologicista e essencialista, em que a orientação é algo nato, em uma era pré-Freud de orientação mais psicológica, dentro da nuvem cinzenta da subjetividade. Não podemos fugir da orientação sexual como uma construção identitária, que é provisória, mas que lida socialmente com processos de subjetivação. Conforme Souza Filho (S/D):

A orientação sexual é construída nos embates subjetivos e sociais, produzidos nas interações, sob padrões culturais, relações de poder, ideias sociais, configurando-se como um fenômeno individual tanto quanto coletivo e político (se, por política, entendermos as relações)... emerge em contextos nos quais a questão identitária política passa a ser uma componente importante. Todos esses fatores interagem em um complexo sistema, constituindo um processo semelhante, que se trate de heterossexualidade, homossexualidade, bissexualidade, transexualismo, etc.

É muito importante, trazendo essa perspectiva para a assexualidade, a presença das comunidades virtuais, principalmente o Facebook, pois poderá ser espaço de afirmação e de gregarismo para esse grupo. Nesse embate entre subjetividades, esse grupo tenta se posicionar frente ao *socius*. Há tentativas, por parte das pessoas assexuais, de saírem do *mundo online para o mundo off-line*. Nesses grupos, muitas pessoas entram no processo de identificação como assexuais, como podemos perceber nesta colocação:

Olá, não sou tão nova aqui mas também nunca me apresentei. Ainda não sei qual seria a minha 'definição' :T
Entrei no grupo pra fazer novas amizades já que não conheço muitas pessoas assim! Alguém? (Alana, FACEBOOK).

Essa integrante interage dentro do processo político de uma constituição de si. Ao entrar nesse coletivo, ela tenta parcerias. A definição que ela busca se enquadraria nas subclassificações da assexualidade, algo que, para ela, naquele momento, não parecia importante. Para além de procurar um grupo, o sentido de unidade, e não de universalidade, pode trazer a construção da assexualidade como orientação sexual. Com isso: “A afirmação identitária é importante, ainda que tenha que ser entendida como sendo sempre relacional e contextual, não podendo ser negada por pretendida superação dos limites da identidade” (SOUZA FILHO, S/D).

Os assexuais como grupo têm, para si, suas questões, seus desejos e, nesse processo de afirmação de identidade, tentam mostrar sua cara, sejam participando de eventos, seja usando camisas com as colorações da assexualidade (lilás e variações até o cinza). Esse

processo de afirmação de si e de grupo é um embate contra um olhar patológico. Essa orientação se singulariza em relação às outras, em uma variação do desejo sexual. Com isso, ela entra em embate com uma sociedade centrada no sexo e na heteronormatividade:

Para quem considera que não há evidências de sociedades onde não existiria um binarismo hierarquizado do humano, pode-se também argumentar que não existem evidências de que tal relacionamento tenha sido perene, universal e sempiterno. Não existem de que não existiram sociedades cujo fundamento não é a sexualidade, o heterogêneo, a procriação, a dominação exercida sobre outrem a partir de um detalhe físico, a não ser nos pressupostos teóricos do enunciador. Afinal, só tem importância aquilo a que damos importância. E os discursos da história selecionam o que é para ser considerado fato ou evidência. (SWAIN, 2011, p. 398).

Aqui, queremos traçar a possibilidade da assexualidade como uma orientação sexual dentro de um processo histórico e cultural, o qual pode se abrir para uma estilização e uma queerização da vida, não como uma verdade prescritiva e com fim já dado. Esse processo ético de autoconstituição acontece em práticas de resistência, questionando-se as identidades fixas e abrindo o sujeito para novas relações.

Nessa dinâmica de criação e recriação, a assexualidade é algo mutável e deve ser:

[...] criação de novas formas vida, de relações, de amizade, na sociedade, na arte, na cultura, novas formas que se instaurem através de nossas escolhas sexuais, éticas e políticas. Devemos não somente nos defender, mas como também nos afirmar não somente enquanto identidade, mas enquanto força criativa (FOUCAULT, 2004, p. 262).

Como um rizoma, entre processos históricos, linhas e deslocamentos inventivos a assexualidade se exerce e emerge no tecido social, ora em busca de uma identidade, ora em busca de singularizações. Se quiser, complete falando mais dessa complexidade e processualidade.

3 ASSEXUALIDADES

3.1 Assexualidade na contemporaneidade

Além de pensar o contexto histórico da assexualidade e suas várias histórias, acreditamos ser necessário compreender os saberes produzidos acerca dessa dimensão subjetiva. Contudo, não é possível falar ainda em uma teoria sobre a assexualidade, mas podemos construir os primeiros passos desse debate. Przybylo (2012), em seu artigo de revisão sobre o conceito de assexualidade, demarca uma trajetória de uma pré-história da assexualidade a uma história contemporânea dos estudos.

Nessa pré-história, a autora apresenta alguns pesquisadores, como o psicólogo Michael Storm e seu estudo sobre a orientação sexual, no qual faz uma remodelação da escala de Kinsey, pois, segundo esta, a assexualidade não seria uma orientação, mas uma característica residual. Apesar de Storm não pesquisar a assexualidade, ele a coloca como uma orientação possível, ou seja, como um quarto quadrante do mapa da orientação erótica baseado em Kinsey. Outros autores importantes citados são os sexólogos William Masters, Virginia Johnson e Robert Kolondy, que visualizaram a assexualidade como algo negativo e ligado ao patológico (PRZYBYLO, 2012).

Segundo Przybylo (2012), a assexualidade começou a sair da invisibilidade, mas sem grandes proporções acadêmicas. A autora relata citações esporádicas na década de 1970 e 1980, mas sem grandes aprofundamentos.

Przybylo (2012) demarca o começo de uma história de produção da assexualidade, quando autores como A. F. Bogaert, N. Prause, C. Graham e L. Brotto, entre outros, passaram a ver na assexualidade um locus para suas pesquisas. Esses autores, em suas pesquisas, começaram a criar um campo para a assexualidade, criando desenhos de pesquisa e abrindo possibilidades para investigação. A autora relata a importância desses pesquisadores no processo de legitimação da assexualidade e no seu processo de despatologização.

A obra que iniciaria essa nova perspectiva é o trabalho do psicólogo social A. F. Bogaert (2004). Ele buscou descaracterizar o “transtorno hipoativo sexual” e o “transtorno de aversão sexual e assexualidade”. O autor relata que essas patologias estariam associadas ao aumento da ansiedade experienciado ao se relacionar sexualmente com outros parceiros.

No que concerne à assexualidade, tratar-se-ia da falta de desejo sexual. Com isso, afirma que a falta de atração sexual não designa a falta de comportamento sexual.

No seu estudo, Bogaert (2004) relata que cerca de 1% da população da Inglaterra seria assexual. Ele afirma que pessoas com menor nível de escolaridade e classe social mais baixa teriam maior tendência a serem assexuais. Ressalta-se que ele trabalha com uma amostra específica, em uma contextualização histórica e geográfica que não pode ser universalizada para outras realidades espaço-temporais. O autor pontua ainda: “Talvez este grupo [assexuais] é relativamente invisível, porque suas inclinações não conduzem a atividades sociosexuais que lhes trariam atenção” (BOGAERT, 2004, p. 280, tradução livre).⁴ Considera-se que a importância da pesquisa foi desencadear o processo de despatologização da assexualidade e sua legitimação como sexualidade, abrindo um leque para pesquisadores posteriores, como Nicole Prause e Cintia Graham (2007).

Hoje, de acordo com o DSM V, as patologias associadas ao desejo são classificadas como “transtorno de excitação ou desejo feminino” e “transtorno do desejo sexual masculino hipoativo”. Nesse manual, os processos são patológicos porque estão relacionados a uma condição médica, como depressão ou uso de medicamentos, como antidepressivos. No entanto, a característica que afasta essa condição da assexualidade propriamente dita é um mal-estar geral, por parte dos indivíduos, em relação a essa condição, interpretada como falta ou diminuição do desejo sexual. Segundo Cerankowski e Milks (2010), esses transtornos relatados por Prause tentam ser mais “amigáveis aos assexuais”, mas ainda não proporcionaram retirada deles como uma categoria do DSM.

Na leitura do DSM V, podemos problematizar alguns dos algoritmos que patologizam a falta de desejo. No Transtorno do Desejo Sexual Masculino Hipoativo (TDSMH), no critério A diz:

Pensamentos ou fantasias sexuais/eróticas e desejo para atividade sexual deficientes (ou ausentes) de forma persistente ou recorrente. O julgamento da deficiência é feito pelo clínico, levando em conta fatores que afetam o funcionamento sexual, tais como idade e contextos gerais e socioculturais da vida do indivíduo. (APA, 2014, p. 441).

Podemos nessa linha trazer o pensamento de Michel Foucault à baila, no seu curso em 1972 no Instituto de Medicina Social na UERJ, em que se intitula *O nascimento da*

⁴ O texto em língua inglesa é: “Perhaps this group [asexual] is relatively invisible because their inclinations do not lead to sociosexual activities that would bring them attention.”

Medicina social,⁵ em que os pacientes perdem o direito sobre o próprio corpo, sobre a doença, de estar doente e de morrerem como quiser (FOUCAULT, 2010). O corpo não mais o pertence, mas pertence à medicina, capturado pelo saber médico. Nesse sentido, há uma medicina que gere a vida, o viver e o morrer. Existe uma tentativa nos países católicos, o autor cita o exemplo de Lourdes na França, em que não há somente uma busca pela cura, pelos milhares de pessoas que vão a essa cidade anualmente desde o século XIX, mas há uma resistência e um ato político a essa medicina prescritiva e a uma medicalização autoritária (FOUCAULT, 2010).

Lourdes e outras cidades europeias católicas, como Fátima, em Portugal, e Assis, na Itália, são lugares de peregrinações de fiéis do mundo todo, que vão em busca de uma cura de doenças corporais para as quais a medicina, às vezes, não tem uma resposta. Essas peregrinações podem ser ainda um processo de revolta contra um sistema medicalizado, que se propõe onipotente em sua fundamentação no saber médico, mas que também possui falhas. Aqui no Brasil, temos a devoção ao Padre Cícero, que leva milhares de romeiros à cidade de Juazeiro do Norte, no estado do Ceará. Essa política do pecado vem conter:

um corpo que é a sede das intensidades múltiplas de prazer e deleitação; um corpo que é animado, sustentado, eventualmente contido por uma vontade que consente e não consente, que se compraz e se recusa a comprazer. Em suma: o corpo sensível e complexo da concupiscência... creio eu que é correlativo dessa nova técnica de poder. (Foucault, 2010, p. 172).

Esse corpo é gerido dentro dessa política do pecado, pois ele se torna bailarino entre dicotomias, como o *sentir* e o *não sentir*. Na busca pelos lugares sagrados, esses corpos devem ser flagelados, penitenciados, na tentativa da cura, que pertence a Deus. Essa captura do corpo conduz a movimentos ambivalentes. “Essa qualificação do corpo como carne, que é ao mesmo tempo uma desqualificação do critério como carne; essa culpabilização do corpo pela carne, que ao mesmo tempo é uma possibilidade de discurso e de investigação analítica do corpo.” (FOUCAULT, 2010, p. 174).

Dessa maneira, esse corpo deve ser rastreado por uma anatomia política do corpo, na qual tudo o que se desvia, deve ser corrigido. Ir à Igreja, a Lourdes, ao Padre, são *modi operandi* por meio dos quais essa política vai agindo na contenção da carne. Podemos observar como esse corpo, ao se ligar à carne, se liga ao terreno, ao pútrido, o que pode nos

⁵ Publicada e traduzida em 1979.

dar prazer, diferente do corpo metafísico, que nos leva ao caminho do céu. Com isso, Swain traz uma reflexão:

[...] o múltiplo contido em ‘nós’ fica reduzido a um binário, cria em torno da norma um espaço ao mesmo tempo de rejeição e de inclusão. Estou aqui falando de seres sexualizados, cujas práticas são definidoras dos seus corpos, cujas identidades são essencializadas na coerência entre o gênero e o sexo, entre o biológico tido como natural e um esquema de atribuições sociais a ele atrelado. Em função desta coerência, o espaço ao redor, o espaço constitutivo do binômio feminino/masculino inclui e cria o desvio, na constante rearticulação da norma e a norma é o ‘verdadeiro’ sexo. (SWAIN, 2002, p. 325-326).

Nesse binário, a carne e o corpo viram dicotomias, se opõem, se essencializam e solapam a multiplicidade. Contudo, esse processo dicotômico também cria desvios, que se invertem, se cruzam, se perpassam. É nessa errância que o corpo se recria, desvinculando-se de um corpo objetificado, no qual essa carne que goza se transporta para um corpo de afetações. Com isso, o corpo deve ser despertado, à maneira de Foucault, citado por Swain (2002): como um amigo que faz o nosso corpo ranger e bate nas nossas casas e nos desperta com um barulho ensurdecedor.

Acordai Jovens! De vossos prazeres ilusórios; despojai-vos de vossos disfarces e lembrai-vos que tendes um verdadeiro sexo! Aquele [...] que esconde as partes mais secretas do indivíduo, a estrutura dos seus fantasmas, às raízes de seu eu, as formas da sua relação com o real. No fundo do sexo está a verdade. (FOUCAULT *apud* SWAIN, 2002, p. 326).

Podemos dizer que o esforço desses sagrados em busca de cura vem com uma ligação ao télos, a um fim ou propósito final. A busca da cura efetua uma ligação com esse corpo em degenerescência, traz uma revolta ao sistema médico, mas também traz a ideia da doença como uma possessão. Com isso, podemos falar: “Em vez de troca tem os jogos infinitos de substituição: o corpo do diabo vai substituir o corpo da religiosa... No momento em que a religiosa quer recitar o *Pater*, o diabo responde em seu lugar, com sua própria língua, ‘Eu o amaldiçoo’” (FOUCAULT, 2010, p. 180).

Nesse embate ou revezamento entre o sagrado e o corpo mundano, há o deslocamento da figura da Feiticeira para a do *Bruxo-Médico*, que tem a cura para os males da alma e do corpo. Nesse processo, ocorre um procedimento de higienização da Feiticeira, no qual o saber da cura é deslocado para a figura masculina e hierarquizado dentro de um sistema de relação saber-poder que é a universidade, o conhecimento científico das disciplinas ou algo parecido legitimado pelo Estado. A Feiticeira, portanto, não desaparece, mas não é mais

mulher; agora é *bruxo e homem*, a serviço da ciência e, com seu arsenal, medicaliza a vida, tornando-a cada vez mais ortopédica.

Na feitiçaria a vontade da feiticeira envolvida é uma vontade, no fundo do tipo jurídico. A feiticeira subscreve a troca proposta: você me proporciona prazer e o poder, eu lhe *dou meu corpo*, minha alma. A feiticeira subscreve a troca, firma o pacto- no fundo ela é sujeito jurídico. (FOUCAULT, 2010, p. 180).

O Bruxo-Médico, em sua clínica, com suas poções realizadas pela indústria farmacêutica, muitas vezes se baseia, no lugar do receituário de poções, no livro do DSM V. Desloca-se, assim, o foco da bruxaria para o do saber médico, normatizado e normatizador. Como exposto anteriormente, o feiticeiro e seu par, o paciente, esse ser passivo, tem uma relação jurídica e uma relação de poder, em que ocorre um decalque da subjetividade, a qual se recorta e se objetifica. Nessa relação jurídica entre a Feiticeira e quem solicita seus préstimos, estabelece-se um contrato, que deve ser cumprido, na forma da Lei, mediante a troca do prazer pela alma. Ao prescrever suas fórmulas farmacêuticas, um contrato é determinado, no qual há um corpo que se droga pela cura, pela felicidade, pela manutenção da vida e o afastamento da morte.

Na sua prática, o Bruxo se embasa:

na construção dos dispositivos de segurança, dentre eles: realizar, pela mediação das estatísticas, cálculos diferenciais de risco por idade, sexo, profissão, etc.; estabelecer diferentes curvas de normalidade; calcular os desvios e criar estratégias de normalização; definir populações de risco e comparar padrões de morbidade e mortalidade; criar intervenções preventivas, capazes de reduzir os indicadores de morbidade, de reduzir os desvios e de antecipar os riscos. Muitos desses elementos parecem ser constitutivos do DSM quando observamos o papel central que ocupa a prevenção e antecipação de riscos, isto é, a ideia de interferir antes que a patologia mental se cronifique e se torne irreversível. (CAMPONI, 2014, p. 754).

Contudo, ao analisarmos uma propaganda de um grupo médico chamado *Boston Group*, veiculado nos intervalos de televisões, observamos que ainda vivemos um grande controle da sexualidade. Nessa propaganda, há dois momentos: inicialmente, um casal debaixo de um cobertor; em outro momento, um casal feliz, saltitante, com a fala “sexo é vida”, em *voice-over*. Isso nos diz das marcações da sexualidade na vida, no cotidiano de cada um de nós. Nessa perspectiva, a falta de sexo é ligada a uma infelicidade, para a qual a medicina trará a cura. Assim, o problema apresentado deve ser esquadrinhado, demarcado, e a sexualidade se torna algo compulsória e de demanda social, vide as clínicas para problemas de ereção, como essa apresentada.

Os assexuais nem sempre têm desejos ligados ao sexo. Tais desejos são silenciados de forma violenta, pois a não priorização do sexo em suas vidas cria uma tensão permanente. Isso pode ser constatado nos relatos dos assexuais acerca do problema em nossa pesquisa, relatos cujo viés principal é, justamente, a não centralidade do sexo em suas vidas.

Desse modo, Foucault (2010) nos dá uma pista importante sobre o processo de judicialização da psiquiatria, no qual ocorre um deslocamento, uma transposição do poder judiciário para o saber médico. Assim, algo que era um crime vai se tornando doença, como um caso de uma possível hipofunção sexual ou não geração de filhos, isto é, algo que não era cumprido como o esperado para o papel do homem em sua vida saudável. As suas funções de marido, algo que há algum tempo poderia ou ainda pode solicitar a anulação do casamento, hoje em dia pode ser tratado e contornado, trazendo uma normalização. Com isso:

[...] à medida que o crime vai se patologizando cada vez mais, à medida que o perito e o juiz trocam de papel – toda essa forma de controle, de apreciação, de efeito de caracterização de um indivíduo, tudo isso torna cada vez mais ativo... desde o início do século XIX, não se para de reivindicar, e cada vez com maior insistência o poder judiciário do médico ou o poder médico do juiz... (FOUCAULT, 2010, p. 33).

É esse poderio jurídico do médico que é sustentado o DSM V, documento que traz consigo a relação de julgar, de determinar, para além de uma diagnóstico. No caso da assexualidade, o que o Manual faz é modelá-la como doença, dar um código e um comportamento universal. Nesse ínterim, a sexualidade é julgada com um caráter moral, e o Bruxo-Médico torna-se um juiz, que manipula suas poções, os medicamentos a serem ingeridos, cuja prescrição se torna compulsória, uma vez que há uma relação de saber e de poder. Exemplo disso é a expressão que muitos utilizam ao se referirem a uma situação médica na qual se encontram: “estou sob uma *ordem médica*”.

Fonseca (2002) realiza, no livro *Os Anormais*, uma análise dos cursos administrados por Michel Foucault em 1974 e 1975, no Collège de France. Nesses cursos, o filósofo começa a trabalhar com uma protopsiquiatria e sua ramificação em várias áreas da vida. Como a psiquiatria tem esse poder de se ramificar na vida, Foucault vai travar o embate do médico e do louco, “de modo que a vitória desse último sobre a loucura representa a possibilidade de sua cura” (FONSECA, 2002, p. 244). Percebemos um deslocamento dos discursos do assexuais e da AVEN, assim como de alguns pesquisadores, pois há um embate com a Medicina, para a legitimação da assexualidade como uma possibilidade de vida.

Por esse viés, destacamos que, no DSM V, com a classificação do TDSMH, há um poder médico na gestão dos desejos e erotizações masculinas. Ao Manual é delegado o poder de julgar se há uma deficiência de fantasias, quais são essas fantasias e se há uma precarização delas. Assim, algumas perguntas vem à tona: será que os processos de subjetivação devem ser serializados? E qual seria o quantitativo de fantasias para serem consideradas normais pelo clínico? Essa problematização faz pensar na produção da doença e no limiar tênue entre os diagnósticos supracitados e sua consideração enquanto manifestações de não enfermidade. Essa associação gera efeitos no cotidiano dos assexuais. Nesse sentido, um assexual, ao relatar sobre a sexualidade, nos diz:

Não faz parte da minha vida. Inclusive a gente sente uns comentários que a gente vê dos amigos, coisa e tal... A gente se sente até meio deslocado né, por, por não fazer tanto sentido por aquele desejo que eles têm só em vê, não corresponda assim, não tem...⁶

Segundo Oliveira (2014), a AVEN tem feito algumas ações políticas, e uma delas é a aproximação com a Associação Americana de Psiquiatria para discussão das novas edições do DSM e tentativa de retirar o desejo sexual hipoativo do Manual. Uma das justificativas é o impacto desse manual dentro do meio médico e o aumento do estigma das pessoas que vivem dentro do espectro da assexualidade.

A não participação das atividades sociossexuais colocam os assexuais à margem de uma sociedade sexocêntrica (PRYZBYLO, 2011) ou sexo-normativa (OLIVEIRA, 2014), cujas normas sociais estabelecem como universal o interesse afetivo-sexual, sendo compulsórias as atividades sexuais nas relações amorosas. As relações afetivo-sexuais são centrais nas construções sociais de sexualidade e de gênero, o que aumentaria a estigmatização e a invisibilidade da assexualidade (OLIVEIRA, 2014).

Segundo Oliveira (2014), há uma indústria do bem-estar que utiliza a sexualidade. Um bom exemplo foi o lançamento da Sildenafil em 1998, com o nome comercial de Viagra, que abriu uma nova era no processo de medicalização da sexualidade. Os discursos sobre a sexualidade proferidos pelos saberes médicos e farmacêuticos, que são difundidos como saberes especializados, destacam a sexualidade como essencial para uma boa saúde. Com isso, criam-se novos padrões para uma sexualidade normal e atrelada ao sexo masculino e à ereção. Segundo Flore (2014), o foco nos genitais é heteronormativo, havendo uma equivalência da sexualidade à penetração heterossexual.

⁶ Dados da entrevista. Pesquisa de campo.

Alguns pesquisadores (PRAUSE; GRAHAM, 2007; BROTTTO *et al.*, 2010) analisam a assexualidade dentro do modelo de Storms, em que há quatro tipos de sexualidades: heterossexualidade, homossexualidade, bissexualidade e assexualidade. Com isso, criam, de forma compulsória, a existência apenas desses quatro tipos de sexualidade. Nesse modelo, há um empobrecimento e solapamento das sexualidades periféricas, como se os quatro tipos fossem sexualidades padronizadas. Chasin (2011) sugere aos pesquisadores dessa temática a importância de incluir não somente pessoas cisgêneras (a pessoa que se reconhece como pertencendo ao gênero que foi compulsoriamente designada quando nasceu), mas pessoas que se identificam como transgêneras, andróginas, *genderqueer*, *bi-gendered* e *agender*. Isso mostraria a variabilidade de pessoas dentro do próprio mundo assexual.

Hinderliter (2009b) discorre sobre as metodologias de pesquisa sobre a assexualidade, fazendo uma comparação entre os métodos quantitativos e qualitativos, elegendo este último para a pesquisa com assexuais, devido à fluidez da sexualidade, impossível de se quantificar, correndo-se o risco de perder a singularidade em questão. Afirma que temos dois perigos ao pesquisar a assexualidade: o primeiro seria assumir de forma universal o desejo e a atração sexual, trazendo um olhar positivista e biológico para a pesquisa; o segundo seria a separação entre a atração sexual e a atração romântica, retirando-se a fluidez do desejo sexual.

Uma alternativa para esse estudo seria pensar a assexualidade dentro de um construto histórico, entrelaçando-a com o desenvolvimento da sexologia e da psiquiatria. O DSM não patologiza a assexualidade, pois ela é vista como uma condição viável, mas a coloca em um limiar muito tênue entre o patológico e o normal. A sexualidade está entre os discursos, os instrumentos e as instituições, criando tensões sobre as produções do saber-poder (FLORE, 2014).

O DSM V não coloca a assexualidade no rol das parafilias, dos distúrbios psíquicos que se caracterizam por práticas sexuais não aceitas socialmente, mas a põe em uma composição na qual a falta de desejo, conjuntamente com o sofrimento psíquico, é considerada doença. Podemos visualizar, nos históricos do DSM III e do DSM IV, algumas doenças que foram incorporadas e outras, eliminadas. Algo que é questionável, pois o critério da eleição de um fenômeno como doença é a discussão entre os pares (especialistas), em cada eixo do DSM (CAPONI, 2013). É de relevância que critérios como a historicidade e territorialidade sejam colocados em voga.

Não podemos designar a sexualidade como linear e universal. Considerando a assexualidade, podemos dizer que ela é plural e que sua construção tem também caráter discursivo, pois, nos fóruns do Facebook, as discussões são realizadas, por exemplo, no Brasil, como língua oficial. Essas trocas de experiências regionalizam e criam especificidades. Apesar de a AVEN ter uma forte influência no público *ace*, essas pessoas são transversalizadas pela vida, bem como pelos encontros com outros *ace*, seja *off-line*, seja *online*. Nesses encontros, em um rebater entre identidades provisórias, criam-se outras rosticidades, outras corporificações, que vão se fazendo e se desfazendo, como exemplifica a fala a seguir:

Eu acho que não se deixa de ser gay. A pessoa sempre nasceu gay ou hétero. Agora, se deixa de ser Assexual? Será que já nascemos assim ou algum trauma mudou o percurso? Será que o medo de sexo faz as pessoas pensarem que são assexual mesmo não sendo? V. N. (Facebook).

Nesse relato, V.N. discute uma possível essencialização ou não da assexualidade e nessa dúvida traz várias respostas que são díspares, mas falam da história daquele corpo, do que ele vomita e vaza. Sua singularização vaza pelos poros e traz uma abertura para várias verdades ou perspectivas desse tema. Na luta pela variação da sexualidade, Foucault (2015), ao discutir a questão da homossexualidade e as verdades sobre ela, faz a seguinte colocação:

[...] quando mostro o caráter histórico dessa noção, dessa homossexualidade, não é para dizer que vocês se enganaram ao lutar contra ela. Digo, ao contrário, que era mesmo preciso lutar, porque essa noção era a captura histórico-política que se tentou estabelecer quanto a uma forma de experiência, uma forma de relação, uma forma de prazer que se queria excluir. Agora, mais do que a homossexualidade, penso que atualmente a própria noção de sexualidade deve ser verdadeiramente reavaliada, ou melhor, deve-se fazer dela uma nova avaliação. De certa forma, foi absolutamente indispensável, nas lutas precedentes, tomá-la a sério. E dizer: temos diante de nós, ou acima de nós, médicos, pedagogos, legisladores, adultos, pais etc., que falam da sexualidade. Que seja, se vocês querem falar disso, falemos. E vamos fazer valer os direitos à sexualidade. Está muito bem. Isso não quer dizer que os direitos da sexualidade sejam todos reconhecidos. Digamos que, em todo caso, o combate simultaneamente se ampliou e se solidificou. (p. 3-4).

Podemos entrelaçar ao discurso da assexualidade o da homossexualidade, com a afirmação da assexualidade como um modo de vida. Ao falarmos hoje em sexualidade, temos de abrir para um polimorfismo, do qual não dão conta as letras na sigla LGBTIQ. Podemos assim ampliar essa discussão para o campo psicológico, mas amplo, e não achatar a experiência assexual ao DSM ou outras codificações que a ciência *psi* tradicional efetua. A psicologia deve ser *quereerizada*, saindo de saberes hegemônicos. Assim, nas palavras de Foucault (2015, p. 6):

[...] diria que a medicina e a psicanálise se serviram muito dessa noção de desejo, precisamente como uma espécie de instrumento de inteligibilidade, por conseguinte, de padronização em termos de normalidade, de um prazer sexual: dize-me qual é teu desejo e te direi quem és, te direi se és doente ou não, te direi se és normal ou não e, em consequência, poderei desqualificar teu prazer ou, ao contrário, requalificá-lo. Isso me parece muito claro na psicanálise.

Nessa agonística, o assexual, por não ter uma sexualidade *standart*, entra em uma batalha para a não normatização. Esse desejo foge às regras e burla a psicanálise, uma vez que não se trata de buscar o que deu errado no Complexo de Édipo. A luta pela não patologização da assexualidade será um embate contra essas capturas médico-psicológica que docilizam vidas, tornando-as normatizadas.

É essencial a contribuição de Rios (2006) para esse assunto, na qual ele traz um direito à sexualidade, à esteira dos direitos humanos, em contraposição ao tratamento subalterno dispensado aos homossexuais, mulheres, soropositivos e todas as formas de sexualidades marginais. Com isso, ele traz uma diferença entre a vulnerabilidade sofrida por esses atores marginais e o processo de vitimização, concluindo:

A situação de vulnerabilidade, diferentemente da vitimização, assume a perspectiva da igualdade e da dignidade, contextualizando-as nos cenários de injustiça, discriminação, opressão, exploração e violência que assolam inúmeras identidades e práticas sexuais subalternas[...] (RIOS, 2006, p. 84).

Observar essas práticas marginais, como orientações da vida e na vida. Esse trilhar levam a rupturas, desafios. Contudo, se pensarmos na assexualidade ou outra prática marginal considerada mais “ofensiva” por um viés perspectivista, perceberemos que cada forma desviante de sexualidade traz as suas singularidades, e, como já dito, a identidade do desviante é colada na sua prática. Nesse sentido, “A rede discursiva que marca a emergência e a afirmação do dispositivo da sexualidade produziu uma série de conceitos que transformaram práticas em identidades, a partir de um esquadrinhamento que traçou as linhas divisórias do normal e do patológico.” (NARDI,RIOS, MACHADO, 2012, p. 258).

Esses questionamentos nos conduzem a isso descolar uma determinada prática a um determinado indivíduo como prega o DSM, algumas perspectivas psicanalíticas e a medicina. Pensar que o assexual em um momento de sua vida pode ter uma vida sexuada, ora não, que pode gostar de meninos e meninas ou de nenhum. Ou seja, quantas possibilidades possíveis podem ser críveis a esses corpos marginais.

3.2 Por caminhos teóricos da assexualidade

Nessa parte, descreveremos como a assexualidade se apresenta dentro do contexto do contemporâneo. Conforme Brigeiro (2013) pontua, a assexualidade não é uma escolha, mas uma condição. Descreve que a assunção de tal identidade depende de uma avaliação subjetiva. Esse autor extrai do *site* da AVEN uma definição geral, para a avaliação do leitor:

A definição de assexualidade é ‘alguém que não experimenta atração sexual’. No entanto, só você pode decidir que rótulo melhor lhe convém. A leitura deste FAQ e dos demais materiais deste site podem ajudá-lo a decidir se é ou não é assexual. Se você considera que o rótulo de assexual é o que melhor descreve você, você pode escolher se identificar como assexual. (AVEN, c2001-2012, General FAQ, ‘Am I Asexual?’, tradução nossa).⁷

Na construção de uma autoidentificação assexual, Chu (2014) descreve que, nas páginas do *site* da AVEN e na seção de perguntas (FAQ), encontram-se múltiplas formas de experiência assexual, como excitação, masturbação, possibilidade ou não de comportamento sexual e desejo ou não de ter um parceiro romântico. Ela relata resistência em uma identificação medicalizada, com critérios a serem seguidos, pensando a identidade assexual como um construto, pois sua autoidentificação é vital para a percepção da sua assexualidade.

A comunidade assexual amplia o leque da assexualidade, ao criar possibilidades como a “área cinza” (*gray area*). As pessoas pertencentes a essa área estariam entre os assexuais e os não assexuais. Essas pessoas experimentaríamos atração sexual em situações específicas, como é o caso dos *Gray-A* e dos *Demissexuais*. Os *Gray-A* seriam pessoas que teriam níveis de atração sexual flutuante, passando por determinados períodos em que ficam sem ter relações sexuais. Os *Demissexuais* se identificam como pessoas que têm envolvimento sexual, mas exclusivamente quando há envolvimento afetivo. Dessa forma, amplia-se o escopo de pessoas que podem estar dentro de um viés assexual (SCOTT; DAWSON, 2015).

Nessa perspectiva, criam-se palavras para os estudos da (a)sexualidade. Os assexuais se identificam como *heterorromânticos*, *homorromânticos*, *bi-românticos* e *arromânticos*, entre outras classificações. Esse hibridismo assexual desestabiliza os teóricos LGBTIQ, pois amplia a possibilidade de pensar a sexualidade (CHU, 2014).

⁷ O texto em língua estrangeira é: “The definition of asexuality is ‘someone who does not experience sexual attraction’. However, only you can decide which label best suits you. Reading this FAQ and the rest of the material on this site may help you decide whether or not you are asexual. If you find that the asexual label best describes you, you may choose to identify as asexual.”

A possibilidade é de que a assexualidade possa trazer uma perspectiva subversiva aos modelos convencionais e míticos sobre conjugalidade e às representações *standards*, a partir de um viés heteronormativo. O interessante é observar como as relações assexuais podem evidenciar uma linha tênue entre as relações de amizade e as relações românticas e redesenhar uma nova linguagem sobre afetividade e parcerias. Pode-se, então, perceber várias formas de relacionamento não como algo estável, mas como uma prática contingente, que emerge a cada dia, abrindo-se a diversas possibilidades (SCOTT; DAWSON, 2015).

Outra perspectiva é pensar a assexualidade e suas formas como parcerias para além do campo do real, expandindo perspectivas para ações afirmativas dentro do mundo, do ciberespaço e do contemporâneo.

Espaços cibernéticos, como o da *Asexual Visibility & Education Network* (AVEN), mantidos por usuários globais em sites multilíngues, proporcionam um fórum para afirmar, contestar, e definir o que significa chamar a si mesmo de assexual, pertencer a um grupo de identidade, e coletivamente constituir uma orientação sexual. (KIM, 2014, p. 249, tradução nossa).⁸

Assim, como a autora afirma, o mundo do ciberespaço tenta trazer uma visibilidade à assexualidade como orientação sexual. Nesse movimento, existem entraves e bloqueios, mas podemos afirmar que a AVEN tem, como uma de suas funções, dar visibilidade a esse coletivo marginalizado. Nessa tentativa de utilizar a *internet* como espaço de veiculação identitária, vemos certo abandono desse grupo, tanto pelo meio acadêmico quanto por grupos sociais marginalizados, como gays e lésbicas (GRUPTA, 2014).

A pesquisadora Kristina Gupta (2014) cita a teoria de estudos raciais de Kimberlé Crenshaw. Em seus trabalhos sobre raça e mulheres negras, há uma dupla marginalização desse grupo. Ocorre uma intercessão marginalizada por serem mulheres, dentro do movimento negro, e por serem negras, dentro do movimento de mulheres. Podemos trazer esses estudos para uma comparação com o universo assexual, uma vez que o assexual pode ser homorromântico, mas também, como assexual, romper com um mundo sexocêntrico. A dupla marginalização pode ocorrer nesse cruzamento entre orientação romântica e orientação afetiva.

Entretanto, Eujung Kim (2014) traz uma fala da pesquisadora Kristina Gupta, em que afirma que a assexualidade seria um protesto político contra uma sexualidade

⁸ No original: “Cyberspaces, such as the Asexual Visibility & Education Network (AVEN), maintained by global users on multi-lingual sites, provide a forum for affirming, contesting, and defining what it means to call oneself asexual, to belong to an identity group, and collectively constitute a sexual orientation.”

compulsória e uma sexualidade normatizada ou *standard*. É preciso mostrar que a assexualidade foge de uma sexualidade que, às vezes, copia, quando se define dentro de um padrão hetero e sexocêntrico, criando uma identidade que não replique um modelo hegemônico, mas deixe aparecer sexualidades polimórficas, que podem se conjugar de várias formas.

Podemos alinhar com o pensamento de Giddens (1993) com o nascimento do amor romântico e a clivagem que é entre os assexuais entre românticos e arromânticos. Conforme esse autor, os casamentos tinham, na Europa pré-moderna, cunho econômico, e era, entre a população pobre, a forma de organizar o trabalho agrário. Devido à carga horária extenuante, era improvável que os casamentos conduzissem à paixão sexual. Não podemos afirmar que não existisse um protorromance; “Tem sido relatado que entre os camponeses da França e da Alemanha do século XVII, o beijo, a carícia, o sexo eram raros entre os homens casados.” (GIDDENS, 1993, p. 49).

O surgimento do amor romântico tem influência no começo da literatura romântica, assim como a criação do lar. Nesse momento, há uma “invenção da maternidade”, com o consequente declínio do poder patriarcal. Nessa propagação da mãe, alimentam-se alguns valores do amor romântico.

É necessária essa problematização, pois, se o amor romântico não é algo naturalizado e de uma origem biológica, podemos pensar se houve algum momento no qual o romantismo se ligou à assexualidade, sendo uma marca forte. Uma vez que o amor romântico se relaciona com um lugar dentro do mundo *ace*, no qual as pessoas se identificam como românticas, podemos dizer que houve uma invenção, ou melhor, uma produção de novos afetos.

Nesse percurso do nascimento do amor romântico, “a fusão do amor dos ideais do amor romântico e da maternidade permitiu as mulheres novos domínios de intimidade” (GIDDENS, 1993, p. 57). Nos seus primórdios, o amor romântico suscita uma questão de intimidade, mas ele é incompatível com a luxúria. Com isso, corrobora-se com as histórias românticas em que as mulheres conhecem o seu príncipe e, a partir desse encontro, traça-se uma biografia mútua (GIDDENS, 1993).

A assexualidade, romântica ou não, tenta não se ligar à luxúria. No caso dos demissexuais, a sexualidade está sempre atrelada ao vínculo afetivo, expulsando o lascivo, o carnal, romantizando o sexo, sendo uma condição *sine qua non* para o envolvimento afetivo. Nos assexuais héteros, homorromânticos ou bi-românticos, essa linha do amor romântico é algo preponderante. Assim, como nos primórdios, há um descolamento da

relação romântica, de um envolvimento sexual, para um envolvimento mais afetivo como essa conversa no Facebook.

Eu gosto tbm [também] de preliminares, mas acho q [que] porque parece algo mais carinhoso e menos sexual, se é que se pode colocar desta forma... Mas o contato e a intimidade é legal... Mas também não gosto do ato em si, penetração, que pra mim é onde entra sexo de fato, não acho que preliminares (e por isso eu entendo, beijos, abraços, carinhos – não considero sexo oral como preliminares) seja sexo. (M.N.).

Contudo, Z.P. estratifica, na sua fala, o que é ser assexual, diminuindo o espectro do corpo nessa relação. Com isso, ela a diagnostica, contrapondo-se à fala de M. N. Ela própria utiliza o sufixo *ismo*, trazendo uma relação de doença ou domesticação do que é assexual, retirando a assexualidade do rol da diversidade, em que dentro de si, mesmo com sua identidade, há uma multiplicidade, que nunca para.

Imagino que uma ótima forma de pensar sobre ser assexual é, você sente atração sexual? Você sente excitação com as tais preliminares? Porque acho que assexualismo é a ausência de interesse em sexo/atração sexual. Então se você ‘gosta’ das preliminares (que tem um teor sexual), talvez demonstre que você sente desejo, o único problema é a penetração. O que não é necessariamente um caso de assexualidade. (Z.P.).

Nessas falas, podemos trazer uma discussão sobre o limite entre o assexual e o sexual e o amor romântico. Para as duas falas, o ato da penetração se vincula a uma sexualidade, e os beijos, carinhos, se vinculam a uma intimidade sem “luxúria” ou sem “fornicação”. Nos discursos sobre *preliminares*, há um descolamento em relação a uma sexualidade, mas, na última fala, há um enquadramento da não possibilidade de ser assexual e sentir desejo, mesmo que atrelado ao romantismo. Nessa fala, ela coloca a definição da AVEN, que deve ser problematizada.

Podemos esquadrihar os assexuais dentro de uma formatação rígida, em que discursos de ordem dizem o que é ser ou não assexual. Contudo, será que existe um limiar muito rígido entre o amor romântico e a sexualidade? Acreditamos em uma tensão contínua que se retroalimenta, e que existem multiplicidades de se viver a assexualidade, dentro dos assexuais românticos ou outras variações assexuais.

3.3 Por (des)caminhos: trilhando os percursos foucaultianos e *queer*

Nessa parte, realizaremos uma introdução ao pensamento do filósofo francês Michel Foucault e à Teoria *Queer*, que tem, na filósofa estadunidense Judith Butler, sua principal

expoente, na tentativa de criar tensionamentos e revezamentos com os estudos da assexualidade. O enfeixamento entre esses dois autores se dará em forma de diálogo, de forma que apresentaremos a Teoria *Queer* de forma sucinta e suas ligações com o pensamento foucaultiano.

Em primeiro lugar, o termo “*queer*” pode nos soar estranho, pois não é uma palavra que tem uma tradução padrão em português. Sua finalidade é causar um estranhamento. Como explicita Louro (2009, p. 76), “Os termos que mais se aproximam na nossa língua seriam ‘viado’, ‘sapatão’, ‘bicha’”. Ao observar essa explanação, podemos coadunar com o uso político que ativistas e militantes dos movimentos LGBTIQ fazem do termo. Eles agregam um sentido político a essas palavras e, cada vez mais, se apropriam dessa teoria como algo que os emancipa das amarras binárias cisgênero. Louro nos dá mais uma pista:

Queer passou a ser, então, mais do que qualificativo genérico para gays, lésbicas, bissexuais e todas as colorações. A expressão ganhou força política e teórica e ganhou um jeito transgressivo de estar no mundo e pensar o mundo. Mais do que uma nova posição do sujeito, queer surge um movimento, uma disposição. Supõe uma não acomodação, admite a ambiguidade, o não lugar, o trânsito, o estar entre as fraturas na episteme dominante. (LOURO, 2009, p. 95).

A primeira vez que o termo “*queer*” foi utilizado foi por Tereza de Laurentis em 1991, em uma conferência na Califórnia. Vários autores *queer*, como Eve Sedwigk, Judith Butler, David Hepbern e Michel Warner, tomavam como axioma o primeiro volume de *A história da sexualidade* (FOUCAULT, 1988), trazendo uma reflexão sobre o dispositivo da sexualidade para uma vertente contemporânea (MISKOLCI, 2009). A teoria sofre outras influências, como Deleuze, Guattari, Derrida e Gramsci, mas nos deteremos aqui na influência foucaultiana.

Ao falar dos teóricos *queer*, Oliveira *et al* (2011) retrata que esse grupo é bem amplo, com muitos desacordos e divergências. Esses autores, entretanto, compartilham alguns interesses, como o pós-estruturalismo francês, a crítica à psicanálise lacaniana e a desconstrução de categorias hegemônicas. Muitos desses teóricos se aliam a Foucault, em torno da intrínseca relação entre o binômio poder-saber. Com isso, encontram um solo fértil de práticas sociais de uma sociedade sexualizada dentro desse binômio que polariza a homossexualidade e a heterossexualidade.

Ao falar da Teoria *Queer*, Pelúcio (2014) problematiza uma dicotomia ainda muito presente, representada pela tensão entre a militância, a política e o movimento acadêmico. A autora tenta desfazer essa dicotomia, nos mostrando como a Teoria *Queer* pode ser uma

ação política acadêmica. Ela utiliza o auxílio de Bento (2010), para dizer que o feminismo, tal como a Teoria *Queer*, é uma teorias pirotécnica, pois desafia lugares de disputa e esgarça os binarismos. Contudo, Pelúcio (2014, p. 38) deixa-nos uma inquietação importante: “(...) como fazer política ou fazer ciência quando corpos são instáveis e os desejos rizomáticos”.

Podemos dizer dos usos e desusos de Foucault como um autor ainda atual, que traz reflexões nos estudos contemporâneos de gênero e, principalmente, nos termos de pós-normalização:

Nessa ordem social pós-normativa, supostamente tudo poderia ser trazido à luz, tudo teria direito à voz, ficando difícil pensar o que teria restado da transgressão, ou seja, que sentido haveria ainda de falar no ‘outro lado’, no ‘fora’ do poder e do discurso, ou nas modalidades de ‘revolução’ e de ‘contestação’ do poder e do discurso [...]. (PAIVA, 2011, p. 80).

Nesse momento, começaremos a nos aproximar das relações teóricas entre Judith Butler e Michel Foucault, a partir do *dispositivo de sexualidade*, em sua articulação com a heteronormatividade e o conceito de *matriz heterossexual*. A heteronormatividade regula as ações sociais, tornando-se necessária para um “bom” funcionamento do *socius*. Cria-se uma engrenagem necessária para a produção de sujeitos heterossexuais, em que estes são naturalizados.

O processo de naturalização faz com que se crie uma ordem na qual as dicotomias são tidas como polarizações do mundo em que vivemos. Assim, não há espaço para o disruptivo, para as sexualidades desviantes.

Segundo Coimbra e Nascimento (2001), na produção de *verdades*, há um sequestro do saber e dos sujeitos. Essa verdade, que é polimorfa e heterogênea, tem o propósito de sequestrar esses saberes e, com isso, diagnosticar, controlar e classificar os comportamentos dos sujeitos em diversos momentos da vida, naturalizando e normalizando o processo de viver. Consequentemente, o saber-experiência desses sujeitos é solapado por interesses do saber-poder hegemônico. Foucault nos mostra esse mundo fluido, heterogêneo e caótico:

Ao contrário, o caráter do mundo é o de um caos eterno, não devido a ausência de necessidade, e sim devido a uma ausência da ordem, de encadeamento, de forma, de beleza, de sabedoria [...]. Ignora toda e qualquer lei. Preservemo-nos de dizer que existe lei na natureza [...]. Quando todas essas sombras de Deus deixarão obscurecer-nos? Quando teremos desdivinizado totalmente a natureza? (FOUCAULT, 2014, p. 184).

A noção foucaultiana do dispositivo de sexualidade nos ajuda a pensar um sexo natural, obrigatório, e ajuda a compreender a fala de Butler sobre uma matriz heterossexual, que trataremos mais adiante. Segundo Foucault:

[...] a noção de sexo permitiu agrupar, de acordo com uma unidade artificial, elementos anatômicos, funções biológicas, condutas, sensações e prazeres e permitiu fazer funcionar esta unidade fictícia como princípio causal, sentido onipresente, segredo a descobrir em toda parte: o sexo pode, portanto, funcionar como significante e como significante universal. (FOUCAULT, 1988, p. 144).

Importante observar que Butler (2008) cita parte desse texto em seu livro *Problemas de gênero*, no qual discorre que o corpo não é sexuado. De acordo com ela, o corpo só ganha uma ideia de sexualidade natural quando é investido historicamente de poder, nos discursos, no corpo e na afetividade. Isso nos revela um pensamento coextensivo Foucault-Butler, a partir do qual podemos nos instrumentar para o aporte teórico deste trabalho.

A visão medieval do sexo como algo demonizado pela pastoral da carne e, com isso, maldito, é desconstruída. Essa visão universalizada do sexo tenta descontextualizar qualquer forma de transversalização histórica por ele sofrida. É interessante perceber que esses autores desnaturalizam uma noção de universalização da sexualidade, na qual houvesse uma heterossexualidade ou homossexualidade padronizadas para todos os corpos, enquanto outras possibilidades seriam interditas.

Podemos tecer uma linha entre o dispositivo de sexualidade (FOUCAULT, 1988) e o conceito de matriz heterossexual (BUTLER, 2008), com influências de Adriane Reich e Monique Wiitig, duas teóricas feministas importantes. Esse conceito vai ser construído gradativamente.

O dispositivo de sexualidade de Foucault (1988) pode nos ajudar a entender o sexo como algo produzido e naturalizado. Como um sistema produtor de corpos e subjetividades serializados, ele é, ao mesmo tempo, uma estratégia potente e perversa. Como falado anteriormente, tal dispositivo gerencia corpos, subjetividades e populações. Ele é potente, pois transversaliza a nossa existência, “pedagogizando” e criando verdades. Ele se torna perverso, pois classifica formas de sexualidades como ilegítimas e malditas. Contudo, essas formas não são criadas para serem destruídas, mas para serem mantidas pelas ramificações de poder (CASSAL; GONZALEZ; BICALHO, 2011).

Por isso, trazemos a perspectiva foucaultiana sobre o dispositivo da sexualidade, conforme descrito por ele:

[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos. (FOUCAULT, 2011, p. 244).

Para o filósofo, a modernidade, mais especificamente o século XIX, trouxe consigo a instalação do poder sobre o homem enquanto ser vivo, poder no qual a punição e o castigo foram substituídos pela fiscalização. O biopoder, poder sobre a vida, pode ser definido como um “(...) poder que se incumbiu tanto do corpo como da vida, ou que se incumbiu, se vocês preferirem, da vida em geral, com o polo do corpo e o polo da população.” (FOUCAULT, 1999, p. 302). Incidindo tanto o indivíduo quanto a espécie humana, o biopoder tem dois eixos: o poder disciplinar e a biopolítica. O poder disciplinar atua sobre os indivíduos e os corpos, correspondendo ao poder baseado no panóptico. Ele encontra boa parte da sua sustentação no sistema racional e científico da sociedade moderna.⁹ Já a biopolítica tem como área de atuação a população e é auxiliada por mecanismos de regulamentação da natalidade, da mortalidade, das capacidades biológicas, dos efeitos do meio. A biopolítica modifica parcialmente o biopoder e o utiliza; sua tecnologia não suprime a tecnologia disciplinar.

Esse foi um dos fenômenos fundamentais do século XIX: o aparecimento de uma nova tecnologia de poder, a qual tinha como foco a vida dos homens e não se concentrava no direito de matar, ao contrário do poder soberano, que se exercia por mecanismos de apropriação, castigos e torturas. Na época moderna, o poder não é repressivo, no que se refere a seu funcionamento e efeitos; não é um dispositivo que desqualifica, limita, nega e reprime; apresenta-se como positivo, no sentido de ser constitutivo, determinante, de participar ativamente da produção de modos de subjetivação, da elaboração do cotidiano das pessoas, sujeitando-as a verdades normativas que prefixam sua vida e suas relações. Dessa ligação entre saber e poder, emergem os sistemas de vigilância. Esse sistema de controle social não é praticado apenas pelo sistema judiciário e penal, mas também pela medicina, pela pedagogia, pela economia – enfim, por todos os campos de saber (FOUCAULT, 1999).

⁹ O panóptico foi projetado por Jeremy Bentham (1748-1832), no século XVIII, e corresponde a uma estrutura arquitetônica circular composta por várias celas que se voltam para uma torre ao centro. A partir dessa torre, pode-se ver tudo sem que as pessoas que ocupam as celas vejam quem está na torre. Esse edifício tem grande eficácia no exercício da vigilância, uma vez que incita as pessoas a atuar como se estivessem sendo observadas o tempo todo. Criado para uso carcerário, esse dispositivo nunca foi construído, mas evidencia o funcionamento do poder pela vigilância, sem precisar recorrer à força física.

Nessa perspectiva de biopoder, Foucault (2011) descarta todo e qualquer “naturalismo” em relação à sexualidade. Ele faz uma análise dessa temática em três eixos: a formação dos saberes a que ela se refere; os sistemas de poder que regulam sua prática; e as formas pelas quais os indivíduos podem e devem se reconhecer como sujeitos dessa sexualidade. Estudando o discurso sobre o sexo, Foucault (2011) evidencia como o século XIX inaugura uma época em que as estratégias de poder e saber se sustentam na família nuclear. Até então, a sexualidade havia se estabelecido no dispositivo aliança, mudando-se da rua para o espaço do lar. Antes daquele século, esse dispositivo atuava regulando o casamento, valorizando sua legitimidade e seu papel de reprodução, insistindo na exclusão da consanguinidade para sua efetuação e condenando o adultério para sua continuação. Paulatinamente, as estratégias de poder aprimoram-se, passando a atuar não só na relação entre marido e mulher, mas também na relação entre pais e filhos, unindo mais ainda o dispositivo aliança ao dispositivo sexualidade. Com essa junção, a família torna-se espaço obrigatório de sexo, de afetos, de amor, adquirindo contornos de um arranjo nuclear, mantido pelo matrimônio e pelos filhos decorrentes dessa união.

Fazendo uma releitura de Foucault, podemos falar de dispositivos que povoam nossa existência na contemporaneidade e induzem a múltiplos processos de subjetivação regulatórios, criam zonas de inteligibilidade e ininteligibilidade, as quais atuam de forma coextensiva, dando luz ao pensado e ao não pensado. Em relação à norma do sexo, ajuda a consolidar um sistema sexual e uma estrutura política de sujeição de gêneros, concretizando o funcionamento de sistemas de gêneros, criando hierarquias e binarismos (PAIVA, 2011).

Butler (2008) traz uma fala sobre mecanismos utilizados para ordenar o sexo. Ela questiona a teoria do recalçamento da Psicanálise, que, aqui, não nos interessa aprofundar. Ela a define como uma estrutura de poder em que o conhecido e o recalçado ficam sob a luz da lei. Segundo ela:

A crítica de Foucault à hipótese do recalçamento em *História da Sexualidade: Volume I*, argumenta a Lei estruturalista: a) pode ser compreendida como uma formação do poder, uma configuração histórica específica e b) como produção do desejo que supostamente ele reprime. O objeto do recalçamento não é o desejo que ele toma como seu objeto aparente, nas múltiplas configurações de poder em si, cuja pluralidade deslocaria as aparentes universalidades e necessidade da lei jurídica ou repressora. Em outras palavras, o desejo e seu recalçamento são uma oportunidade para consolidação das estruturas jurídicas; o desejo é fabricado e proibido como um gesto simbólico ritual pelo qual o modelo jurídico exerce e consolida o próprio poder. (BUTLER, 2008, p. 114).

É necessário entrelaçar essa fala anterior da autora com o momento em que Foucault fala da sexualidade como um campo histórico singular, triangulando a análise por meio dos saberes a que se referem, dos sistemas de poder que regulam suas práticas e da forma pela qual o sujeito se reconhece como sujeito (FOUCAULT, 1988). Nesse reconhecimento como sujeito, podemos voltar novamente à questão do recalcado. Essa zona de inteligibilidade e ininteligibilidade faz a formação do sujeito e seu reconhecimento como ser desejante em sua agonística. Esse desejo, às vezes maldito, precisa ser cooptado e codificado. O poder traz para a zona do inteligível o que precisa ser controlado ou recalcado.

O poder é mais insidioso que isso ou a discriminação é construída na própria formulação de nosso sexo, ou emancipação é precisamente o princípio formativo e gerador do sexo de outra pessoa não podendo nunca ser liberado do poder: a formação do sexo é uma atuação do poder. Em certo sentido o poder atua no sexo mais profundamente do que podemos saber, não apenas como construção ou repressão externa, mas como princípio formador de uma inteligência. (BUTLER, 2008, p. 96).

Podemos falar que, para Foucault, a categoria do sexo somente pode ser compreendida como o resultado de uma transferência histórica, produzindo o poder e aquilo que irá subordinar. Essa produção de poder não gera um poder restrito ou um poder libertino, mas um poder constricto, o qual se qualifica ou não como um sujeito sexual. Essa categoria é “funcionante”, ligando o sexo à identidade. Haverá dois sexos distintos que vão se expressar no gênero e na sexualidade. Qualquer forma de não identidade, descontinuidade ou incoerência sexual será punida, corrigida e controlada. Assim, ao se produzir o sexo como identidade, a regulação discursiva começa a funcionar, regulando esse corpo (BUTLER, 2008).

Pocahy (2014) nos traz que não há um corpo sem norma, e que esse corpo apreendido pela linguagem, que não consegue sair da relação saber-poder, sempre está em um jogo de significados. Ele utiliza Butler: “nós fazemos coisas com a linguagem, nós produzimos efeitos com a linguagem: mas a linguagem é coisa que fazemos. A linguagem é nossa atividade: às vezes ações que nós fazemos... e o que efetuamos o ato e suas consequências” (p. 285). Parafraseando a autora, acrescenta que todo ato discursivo é um ato corporal.

Será que esse corpo sempre será normatizado? Há possibilidades de experiências dissidentes na aposta de um corpo como resistência e como uma heterotopia? Essas cenas dissidentes e seus corpos podem nos ofertar uma ressignificação do discurso, porque produzem o desgoverno do corpo normatizado. Os atos de linguagem, como sua estilização, fala, gestualidade e corporificação, podem nos oferecer novas ressignificações e criar uma

batalha contra as hierarquias de gênero e estéticas. Produzir, falar e fazer são, em termos de linguagem, um ato corporal em si. Conforme pontua Pocahy (2014, p. 179):

Eu me volto ao corpo para procurar outras pistas na compreensão de como hierarquias que definem a vida e as possibilidades de experimentação da sexualidade são produzidas. Sabemos que o corpo que importa em nossas sociedades ocidentais contemporâneas e o corpo que porta medida inteligível é o corpo de superfície lisa, branqueada, viçosa, ágil e heterossexual. E esses são os referentes quase incontestáveis para a inteligibilidade e o reconhecimento que encontramos por meio dos escombros do projeto da Modernidade na sua ambição de criar a 'raça humana'.

É nessa luta interminável que percebemos autores como Michel Foucault e Judith Butler como guerrilheiros incansáveis, nessa agonística que é a vida. Não se parte de uma visão pessimista, mas de uma perspectiva em que há abertura de possibilidades para o novo, de criar territórios, existências e possibilidades de hibridização, de mistura, de tentar se recriar dentro das possibilidades do seu corpo. Nessa direção, no próximo capítulo, damos vozes às subjetividades que pretendem viver de outra forma sua sexualidade, na tentativa de desmontar a ideia de totalidade sobre esses modos de existência e de deixar que os saberes desses sujeitos aflorem.

4 METODOLOGIA: ENTRE O *ONLINE* E O *OFF-LINE*

Para pesquisar a emergência da assexualidade na contemporaneidade e suas relações com um *site* e comunidades em redes sociais que versam sobre essa temática, optamos por utilizar uma pesquisa de cunho qualitativo. No contexto das pesquisas qualitativas, trabalhamos com a *netnografia*.

Segundo Hine (2000), um dos fatores que abriram o campo da etnografia para outras possibilidades foi a crise do processo etnográfico, impactado pelas crises da representação, da legitimação e da práxis. Em decorrência disso, houve uma tentativa de aproximação da internet com o espaço físico, tendo em vista que, em ambos, ocorrem interações sociais, podendo a internet se constituir em espaço de observação por parte do pesquisador. Segundo a autora, a etnografia tem deixado para traz os artefatos pré-existentes e se reconfigurado mediante o viés do pesquisador. Nesse contexto, uma sugestão seria a realização da etnografia com uma reformulação do projeto etnográfico sob a luz dos objetos atuais.

Nesse sentido, a netnografia é uma pesquisa observacional mediada pelo campo *online*, a qual utiliza as comunicações e observações mediadas pelo computador. O instrumento para utilização da netnografia é a observação do meio *online* como um fenômeno cultural e comunal. As comunicações mediadas por computador devem ter como estratégia desde a coleta de dados até a triangulação entre diversas fontes *off-line* e *online*, como efetuamos em nosso estudo. A coleta de dados é adaptada da etnografia face a face, mas com diferente viés metodológico, devido ao meio utilizado (KOZINETS, 2014). Pode-se acrescentar:

[...] não acredito que a netnografia seja constituída por uma mera transposição do método etnográfico aos ambientes midiáticos e de relacionamento on-line através de um acompanhamento de situações de pesquisa, uma vez que as dinâmicas comunicacionais tanto entre os objetos observados como na relação pesquisador-objeto podem diferir, principalmente em relação à noção de tempo-espaço. Ela leva em conta as práticas de consumo midiático, os processos de sociabilidade e os fenômenos comunicacionais que envolvem as representações do homem dentro de comunidades virtuais, que estão em constante transformação. (DIAS, 2015, p. 148).

Essa colocação é necessária para trazer à baila o fato de que o percurso netnográfico pode criar um protagonismo nos meios eletrônicos e nas atividades mediadas por computador, mas que esse não é o objetivo da netnografia. É rica a observação que se realiza na interação entre os atores, mesmo que, para alguns olhares, essas relações possam ser

estáticas dentro das comunidades virtuais. Os usuários tentam colocar suas emoções codificadas em palavras, por meio do uso da linguagem. Muitos, apesar de nem se conhecerem, criam uma *intimidade virtual* e, apesar da distância entre eles, podem interagir, sofrer, chorar junto, nas entrelinhas do escrito. Assim, há subjetividade que vaza pelas telas, através das redes sociais, principalmente quando as comunidades se entremeiam com a vida, como é o caso da assexualidade.

Outro ponto importante é a diferenciação que Kozinets (2014) faz entre a pesquisa das comunidades *online* e a pesquisa *online* das comunidades. O primeiro é voltado para o estudo do mecanismo das comunidades eletrônicas, pois o foco está na comunidade *online* como, por exemplo, um campo de discussão de novelas *online*. Já a pesquisa *online* das comunidades “(...) examinam algum fenômeno social geral cuja existência social vai muito além da internet e das interações online, ainda que essas interações possam desempenhar um papel importante com a afiliação do grupo” (KOZINETTS, 2014, p. 65).

Essa explicação demonstra que as pesquisas *online* das comunidades tentam trazer as discussões que estão hoje no dia a dia, mas que são mediadas por computador, como nos fala Novelli (2010, p. 109):

[...] os mundos, online e off-line, não são necessariamente realidades separadas – mundo real versus mundo virtual – mas podem ser considerados um continuum da mesma realidade. De tal forma, o pesquisador deve desenvolver técnicas que o permita analisar esse continuum. Nesse sentido, é interessante notar que, dentre as comunidades ou os grupos que um pesquisador viria a estudar, pode-se destacar os puramente virtuais, ou seja, que são socialmente criadas no ambiente virtual; as que são construídas tanto online quanto off-line; e as que são construídas puramente off-line, ou seja, no ambiente físico.

Outra característica relevante é o cuidado que o netnógrafo deve ter ao escrever sobre as pessoas que pesquisa, evitando jargões objetificantes e a criação de estereótipos. A netnografia transmite uma visão sensibilizada e personalizada do fenômeno cultural que pesquisa. Assim, de acordo com Kozinets (2014, p. 156):

[...] uma comunidade online desempenha um papel profundo e importante na vida das pessoas – e também quando torna um aspecto desconhecido daquela cultura em algo mais íntimo. Uma história netnográfica é evocativa, ressonante quando toca as nossas próprias vidas, fazendo que o confortável e próximo de nós parece distante e bizarro.

Nesse contexto, em nossa pesquisa de campo, abordamos dois focos: comunidades virtuais e entrevistas com sujeitos que se identificam com a assexualidade. No primeiro,

utilizamos como metodologia a etnografia virtual de Hine (2004) e a netnografia de Kozinets (2014). No segundo, foram feitas entrevistas semiestruturadas com roteiro previamente elaborado (APÊNDICE II). Os entrevistados selecionados eram participantes das comunidades virtuais do Facebook e autodeclarados assexuais. Foi feita uma publicação *online (post)* convidando pessoas para a entrevista e explicando a finalidade da pesquisa. Foram muitas pessoas interessadas, mas escolhemos os residentes do município do Rio de Janeiro, pois, geograficamente, a escolha se revelou mais viável para as realizações das três entrevistas. A quarta entrevista foi realizada via *Skype* na cidade de Suzano, que se mostrou interesse em participar da entrevista. No início da entrevista, foi assegurado aos participantes que um *feedback* de sua participação ocorreria, ao que seria enviada uma cópia da dissertação.

Ao tentar adentrar no mundo da assexualidade, o mais difícil foi o acesso a essas pessoas que se autoidentificam como pertencentes ao espectro assexual. Verificamos que há várias comunidades no Facebook sobre assexualidade no Brasil. Inscrevi-me em três e, ao ser aceito, me apresentei como pesquisador, dizendo que iria realizar uma dissertação acerca do tema. A recepção nas comunidades me surpreendeu: todos se colocaram à disposição para ajudar na pesquisa, e em suas falas, um dos tópicos era a invisibilidade da assexualidade como orientação sexual.

Um fato importante nessas comunidades é a classificação dentro do mundo *ace*. As leituras anteriores à imersão no campo foram essenciais, pois o *mundo ace* é bastante codificado, com códigos de conduta dentro da própria comunidade. A moderação é bastante ativa, e qualquer membro que coloque algum conteúdo considerado impróprio é banido do grupo.

A minha imersão no campo foi de interação, em alguns momentos, e de observação participante em outros. Conforme Dias (2015) existem dois tipos de pesquisas netnográficas, o *lurking*, ficar à espreita, observando, e o *insider*, cuja interação é muito maior. Na postura de pesquisador, transitei entre os dois polos, às vezes realizando perguntas, às vezes interagindo, mas sempre com muito cuidado, para que a minha voz naquele espaço não fosse uma *voz de saber ou de especialista*, como definido por Foucault (1979/2011), saber que, muitas vezes, se coloca como totalizante e verdade, impedindo a emergência dos saberes dominados, que não pertencem a práticas discursivas da ciência.

Ao término da coleta de dados, que, de fato, funcionou como uma produção de dados, na qual se associavam a subjetividade do pesquisador, as narrativas dos informantes e os

estudos realizados, agradei aos usuários, comunicando que estava acabando o meu tempo de observação-interação naquela comunidade. Algo interessante foram os pedidos de devolução da pesquisa, do que foi concluído, a vontade de saber onde seria publicado. Um usuário publicou um *post*: “Tomara que a Psicologia não nos veja mais como pessoas com problemas”. É interessante perceber a voz de verdade que o especialista, o Psicólogo e a Psicologia, que sustenta sua prática discursiva, trazem, nesse viés, para a sexualidade, como essa prática pode ser libertadora, mas também pode atuar como uma máquina de fazer corpos pedagogizados, dependendo das circunstâncias e das relações que são estabelecidas. Essa fala deve ser problematizada no papel da Psicologia em vários campos. É dessa forma que aqui trazemos a sexualidade, cujas manifestações não devem ser centradas como uma verdade ou enquadradas em possíveis processos de cura, que possibilitem uma felicidade. Com isso, percebemos a Psicologia como algo que transversaliza a vida, como uma prática intercessora que sustenta novos mundos dos possíveis, mas que, muitas vezes, o captura em normas, produzindo modos de subjetivação, gerenciando o cotidiano das pessoas, sujeitando-as a verdades normativas que prefixam suas existências e as suas relações. Acerca da norma, podemos afirmar que:

[...] o elemento que vai circular entre o disciplinar e o regulamentador, que vai se aplicar, da mesma forma, ao corpo e à população, que permite a um só tempo controlar a ordem disciplinar do corpo e os acontecimentos aleatórios de uma multiplicidade biológica, esse elemento que circula entre um e outro é a «norma». A norma é o que pode tanto se aplicar a um corpo que se quer disciplinar quanto a uma população que se quer regulamentar. (FOUCAULT, 1999, p. 302).

Retornando ao campo, nas anotações e participações, mantive uma frequência quase diária durante os meses de novembro e dezembro de 2014. Ao todo, foram realizadas quatro entrevistas, e as conversas copiadas eram datadas, acrescentando impressões sobre o fato ocorrido na comunidade. Outro ponto a ser destacado foi os entraves na busca para a pesquisa *off-line*. Apesar de o discurso da assexualidade ser a favor da visibilidade, experimentamos dificuldade em encontrar pessoas disponíveis para o contato face a face. Durante a abordagem para a entrevista, quando me identificava como Psicólogo, muitos mostravam relutância devido a ideias pré-concebidas de que seriam analisados ou de que teriam sua sexualidade diagnosticada como doença. Tal resposta é um dos elementos que mostra os entraves da pesquisa, embora possa fazer emergir debates. Acerca dessas situações, podemos afirmar que

[...] são os dispositivos analisadores criados pelo analista e o coletivo para deflagrar o processo de análise: o resultado de uma pesquisa quantitativa e qualitativa, a exibição de um filme, um psicodrama, etc. Espontâneos, por sua vez, são os fenômenos que fazem parte do cotidiano das organizações institucionais: os fundadores, a missão, o poder, o dinheiro, a sexualidade, a burocracia (leis, normas, regulamentos e constituições), a corporeidade, as práticas do estabelecimento. (PEREIRA, 2006, p. 14).

Em contrapartida, alguns entrevistados, apesar da reação inicial, viram algumas perguntas minhas nas comunidades virtuais e começaram a querer participar da pesquisa. Nesse contexto, sustentando todo esse plano de forças, este estudo privilegia a pesquisa *online* em comunidades, embora a assexualidade seja um fenômeno que ultrapassa a internet e as interações *online*.

4.1 Por percursos netnográficos: pistas da assexualidade

Iniciaremos a exposição de percursos feita pela mediação por computadores. O nosso meio de mediação é o *Facebook*, nos qual começamos a nos inserir a partir dos *posts* colocados. Em novembro de 2014, deparamo-nos com um *post* para o qual havia 151 replicações, das quais selecionamos algumas partes envolvidas para iniciar a nossa discussão.



Marceline Brown: Oi pessoal, tudo bem? Sou nova no grupo e tenho algumas dúvidas quanto a minha sexualidade. Ontem ao assistir o vídeo de Assexualidade do Canal das Bee¹⁰, eu conheci o Demissexualismo, pesquisei um pouco a respeito e acabei me identificando bastante. No entanto eu ainda tenho dúvidas quanto a isso, e gostaria de ouvir a opinião de vocês. A história que vou contar é comprida, mas se vocês puderem ler, eu vou agradecer demais, pois vai me ajudar muito!

¹⁰ Canal do *Youtube* voltado para o público LGBT. A expressão “*Bee*” tem uma conotação voltada para esse público.

Marceline Brown traz algumas dúvidas à comunidade, para seus pares. Ao ver um vídeo em um canal do YouTube, ela se identifica com uma orientação afetiva que é a demissexualidade. Pensamos que essas pluralidades de identificação, as quais conformam a assexualidade, podem trazer uma busca por quem se é ou por qual par se procura. Outro fator é a opinião dos pares ao se identificar, a certificação de outros assexuais. Podemos pensar o que essa busca de identificação pode trazer a Marceline, sua identidade, uma gregária ao grupo.



Jack Amareão: Noooossa, que loucurageem! Marceline Brown, tem nada de errado com vc! Seu relato está ótimo, nada de vulgar ou pornográfico! Acredito que você possa ser demi sim, mas vc precisa tanto de um rótulo assim? seja o que vc é, do jeito que vc é e seja feliz! O grupo realmente me ajudou quando me sentia meio 'freak' por não ter os gostos dos meus amigos, é bom vermos que não estamos sozinhos, mas não me enquadrei em nenhum rótulo ainda, só sei que sou diferente e que aqui tbm existem outras pessoas assim!

Jack Amareão traz um questionamento interessante sobre a identificação de Marceline: ele confirma a orientação, mas questiona a necessidade de rotulação. Jack fala da ajuda que o grupo trouxe para ele, o que faz pensar na necessidade de identificação dentro de algum grupo, a qual pode trazer um território seguro e demarcado, sem demonizações sobre o que se deseja ser. Ao dizer do não enquadramento em nenhum rótulo, ele se deixa solto para experimentações dentro do mundo *ace*. O grupo ou comunidade, na fala de Jack, traz um forte sentimento gregário. Talvez, nessa fala, possa estar implícito um lugar para se falar, divagar e discutir um assunto como o *não desejo sexual*.



Jujuba Pink: se tem pessoas que se ofendem TANTO assim com palavras como ‘masturbação’ ou ‘sexo oral’, poderíamos estabelecer q se alguém for postar algo que possa ser minimamente sexual que coloque um aviso antes tipo: atenção spoilers... hahahah ‘Atenção, esse post contem palavras sexuais’ hahahaha (acho besta fazer isso, pq né... vivemos em um mundo que o sexo existe, temos que conviver com ele, só não somos obrigados a fazer, ou ler sobre ele. Não sei pq a ace roxa leu todo o relato se não tava curtindo!)

Na fala de Jujuba Pink, não só o não desejo é colocado em voga, mas o sexo como unidade discursiva é questionado, quando ela traz o fato de que, para alguns membros, o falar sobre o sexo pode ser visto como algo repulsivo, um monstro a ser debelado por alguns. Entretanto, ela traz um paralelismo sobre o não gostar de sexo e o conviver dentro de uma sociedade sexocêntrica. Observamos que o não desejo para alguns vai além do corpo, e o sexo pode se tornar algo que enoja, enquanto, para outros, é visto como algo que faz parte da vida.

O sexo permeia os três discursos expostos anteriormente, em contextos diferentes, em discursos heterogêneos sobre o tema, e em experiências diversas. Essas experiências podem tentar ser enquadradas, mas nos discursos encontram espaços para fuga, para uma (con)vivência em que coexistam o sexo e o não sexo, não como algo dialético, mas como um contínuo, que se reveza, tanto como prática discursiva e não discursiva.

4.1.1 Segundo Ato

O segundo ato começa com um relato na comunidade assexual, de um rapaz que chamarei de Rei Gelado Punk, que se descreve portador de Síndrome de Asperger e Transtorno Obsessivo Compulsivo. Em sua fala, exposta a seguir, ele desenha seu histórico de patologias. O fato de ser portador de Síndrome de Asperger, como se identifica no início do *post*, demonstra sua posição diante da vida, o lugar no qual faz suas colocações. O *post* não teve repercussão na comunidade.



Rei Gelado Punk:

Por que um Asperger procura por uma namorada virgem Em primeiro lugar eu quero dizer que eu gosto muito desse grupo e leio sempre. Eu não sou *fake* e acompanho o grupo. Deixo claro que eu não sou machista, pois o sujeito machista na minha opinião é o cara que não aceita o trabalho e o estudo da mulher. Não é o meu caso. Eu sempre fui diferente dos outros meninos e mesmo porque eu sou Asperger (grau de autismo baixo) e também tenho toc (transtorno obsessivo compulsivo), eu sempre tive manias de alinhar objetos, sempre eu fiz as coisas do mesmo jeito e tive muita dificuldade de entender as mudanças de rotina. Quando criança, sofri muito bullying e discriminação por agir e pensar diferente. Pelo fato de eu ser Asperger minha voz ficou afetada e não é como deveria ser, sem falar que eu tive muitos problemas fonéticos. Eu também não gostava de estudar e fiz o possível para não frequentar a escola, mas não teve jeito e tive que estudar. Eu fiz tratamento com fono por anos até conseguir falar corretamente e passei com psicólogos. Eu também brigava muito na escola, mas brigava para me defender, pois por eu ser diferente, acabava tendo problemas. As professoras falavam de mim como se eu fosse um psicopata, mas elas não enxergavam o que de fato se passava. Na adolescência, a coisa melhorou por um lado e piorou por outro, melhorou que eu frequentava a escola e já não brigava com os outros meninos e eles deixaram de me aborrecer, mas piorou pelo fato de eu gostar de mulheres. Quando eu me interessava por alguma menina, ela sempre dizia que eu era esquisito, que eu falava esquisito, que eu tinha um jeito estranho de ser e que eu era muito diferente e era sempre isso. Naquela época, o tipo de música que estava em evidência era o axé, pagode e outras coisas do gênero e eu não tinha onde ir, todos os salões só tocavam essas músicas que eu não gostava. Pelo fato de eu ser Asperger, eu não tenho muito meio termo, é ou não é. Quando eu gosto eu gosto e quando eu não gosto, eu não gosto. Eu gosto de rock, pop, música clássica e new age, mas em minha cidade, isso era coisa impossível e os meus pais me seguravam e eu não podia ir a outras cidades. No segundo grau, não foi diferente, a maioria das meninas, gostavam dessas músicas que eu não curtia, era difícil achar uma menina diferente e quando eu achava, era difícil me aproximar. Demorou, mas eu achei uma menina diferente, ela conversava comigo e era minha amiga. Ela queria prestar o vestibular para odonto e estudava demais e sempre eu a ouvia dizendo para as outras que iria esperar o vestibular passar para namorar. Quando o ano acabou, eu liguei para ela para perguntar como ela tinha ido e ela não estava em casa e a mãe dela me disse que ela não havia conseguido passar para a segunda fase. Depois de uns dias eu liguei novamente e ela estava lá e falou tudo o que eu já sabia e que ela estava triste por não ter conseguido. Eu mudei um pouco de assunto e perguntei a ela como ela estava em modo geral e ela simplesmente me disse que estava namorando um cara e que já o conhecia faz um tempo e que era um sujeito que morava em Minas e que viria a casa dela um dia desses. Eu confesso que meu mundo caiu! Eu fiquei muito triste e revoltado. Eu fiquei um tempão focando essa menina e depois de tudo ela arruma um sujeito de longe, um sujeito que certamente tinha muito dinheiro e que podia viajar para outros estados e eu não podia fazer isso. Para mim foi a gota d'água e minha revolta foi tão grande e como já estava cansado de ouvir somente Não! Eu pensei que eu tinha que ir em

um lugar que eu não ouviria mais não e só ouviria sim e esse lugar era um bordel e eu fui lá e infelizmente acabei me rendendo ao machismo e minha primeira vez foi com uma meretriz. Mas na época eu não pensava como hoje e não tinha condições de buscar outras formas de me relacionar. Enfim eu fiquei vários anos frequentado bordéis. Na época eu não sabia que era Asperger e não tinha como lidar com dispensas pelo fato de eu ser diferente. Mas isso não era o que eu queria, eu queria alguém diferente e que me aceitasse por eu ser diferente e eu decidi que eu tinha que mudar, eu refleti muito e cheguei a conclusão que eu tinha que lutar pelo que eu de fato eu quero e não podia viver em um mundo de comodismo. Eu estava mentindo para mim mesmo. Quando eu me dei conta, havia vencido essa etapa. Já faz três anos que descobrir que sou Asperger e eu não vou mais ao bordel e não quero voltar. Eu estou a dois anos usando a internet para conhecer mulheres e eu já tive uma namorada virgem, mas eu deixo bem claro que não tivemos intimidade nenhuma e ela começou comigo virgem e terminou virgem. Ela era bipolar e me disse que havia abandonado o tratamento. Certo dia ela me disse que eu nunca perguntava a ela o que ela achava e o que ela queria de fato. Na opinião dela eu usava muito o Eu em tudo. Mas ela tinha boca e nunca me dizia o que de fato queria. Eu gostava dela, mas ela resolveu terminar e vi que eu não podia fazer nada.

Eu já me correspondi com outras mulheres, mas não deu certo.

Tem sempre aqueles que não sabem discutir racionalmente e partem para ofensas, mas a esses eu digo que eu já sofri muito com *bullying* e somente palavras não representam nada.

Eu quero apenas o que a sociedade me negou por eu ser diferente, eu não vivi dos quinze aos vinte e cinco e busco alguém que também não tenha vivido.

Na minha opinião, se um sujeito tem uma namorada virgem e acaba tendo intimidade com essa namorada e ela acaba perdendo a virgindade com ele e depois de um tempo o relacionamento acaba, esse sujeito não tem mais o direito de querer namorar outra mulher virgem. Por outro lado quando o sujeito nunca teve uma virgem de forma íntima não pode ser chamado de machista só por querer algo que ele nunca teve e mesmo porque eu deixo claro que eu não quero uma amante e sim um compromisso sério e eu não aprovo o fato de um sujeito tirar a virgindade da mulher se ele não gosta da mesma.

Eu procuro uma namorada que além de virgem combine comigo culturalmente, eu não ligo para aparência, cor, peso e entre outras coisas. Tem que ter de 18 a 36 anos e morar na grande São Paulo.

Do que eu gosto:

Música: rock, pop, musica clássica e new age.

Carreira: Sou funcionário público, eu não tive sorte no setor privado por eu ser diferente, apesar de tudo eu luto pela carreira dos meus sonhos, mas é algo complexo e não posso citar aqui, mas é coisa honesta.

Política: Eu voto nulo.

Religião: Não sigo igreja nenhuma, tudo é comercio e política. Eu acredito em Deus e a verdadeira religião é o amor ao próximo.

Hobbies: cinema (especialmente dos anos oitenta) séries, fotografia e gosto muito de passeios ecológicos.

Animais de estimação: Eu tenho

Esporte: Eu gosto de esgrima, embora eu nunca tenha praticado.

Fidelidade: Eu sou fiel e homem de bem é sempre fiel.

Moradia: Somente em casa e de preferência em uma chácara.

Comida: vegetariana, mas eu não sou vegano.

Bebida: Eu nunca tive o hábito de beber, ultimamente estou fazendo uso de um antidepressivo e não posso aceitar bebidas.

Como eu sou: Eu tenho 33 anos, minha altura é 1,80m, sou branco, cabelos e olhos castanhos. Eu sou magro, mesmo porque eu não gosto de musculação e um braço largo não vai resolver os meus problemas.

Eu creio já ter descrito tudo como eu sou e só peço que me escrevam mulheres que estão dentro do perfil que eu busco e queiram de fato se corresponder comigo. Eu

não quero que me escrevam pseudopsicólogas. Eu já passei por muitos psicólogos. Eu quero apenas ser especial para alguém. Obrigado pela atenção.

Tentaremos rastrear o que O Rei Gelado Punk procura dentro de uma comunidade assexual. Talvez por ter meninas assexuais, não quer dizer elas não tenham experiências sexuais, conforme o relato, e que haja alguém virgem nesse grupo. Percebemos de uma *não sexualidade* remeteria a uma pureza, a menina virgem. Ele traz uma fala de uma pessoa diferente uma vez que, a todo momento, identifica com portador da Síndrome de Asperger, e que a mulher assexual se diferenciaria. Contudo, em sua fala, Rei Gelado Punk diz que ele queria apenas o que a sociedade havia negado a ele. Ele está nessa busca pela *internet*, mas não há resposta para ele na comunidade assexual, talvez porque ele procurasse sexo, citasse várias vezes suas experiências em bordéis e, como a maioria das pessoas das comunidades assexuais no *Facebook* compartilha um olhar e um discurso não sexocêntricos, talvez isso não tenha despertado interesse dos usuários do grupo.

No *site* da AVEN, há uma sessão de perguntas, e as pessoas assexuais respondiam a um determinado questionamento sobre a assexualidade. Um usuário pergunta aos assexuais se eles eram virgens ou não. Não houve uma heterogeneidade nas respostas, pois um grande grupo respondeu que era virgem, mas também muitas pessoas já tiveram e/ou têm relações sexuais. (AVEN)

Isso demonstra que a assexualidade tem seu desvios, que talvez em um lugar como a comunidade assexual, tenha um discurso às vezes homogêneo, sobre algumas questões, mas a possibilidade de singularizar é possível para aqueles que corpos que estão nessa comunidade. Para corroborar colocarem uma fala nessa seção de uma usuária inglesa.

19 anos de idade, assexuada, não sou virgem. Sexo realmente não tem muita importância para mim, eu tenho que fazer parceiros sexuais felizes ou para ajudá-los se sentir perto de mim. Tenho notado na semana passada que eu estou desenvolvendo uma apreciação física muito, muito leve, mas mentalmente ele não faz nada para mim. Eu tenho uma visão indiferente na maioria das coisas, mas uma matéria essencialmente românticas e sexuais (AVEN). (Tradução livre)

Essa fala, de uma assexual não virgem, nos mostra que não há aqui uma dicotomia. Ela nos dá tanto da necessidade de agradar seus parceiros, mas também que desenvolvido uma pequena atração leve. Nesse contexto, podemos nos perguntar se este é o corpo que pode estar aberto a processualidade, insistindo na coexistência de dimensões distintas:

[...] não só a subjetividade, mas a realidade é composta por multiplicidades, que circulam entre o campo do intensivo e o do extensivo. Segundo os autores, ao

campo do intensivo, campo da multiplicidade fluida, corresponde o engendramento da potência da vida, da criação de novos territórios existenciais que possam incorporar as intensidades a que somos acometidos em experiências singulares. A dimensão extensiva, por sua vez, cristaliza as multiplicidades da realidade em arborescências, hierarquias e representações. Essas duas dimensões coexistem, são imanentes. Enquanto o extensivo é povoado por sujeitos, idéias, teorias e representações, enfim por formas instituídas, o intensivo é habitado por forças, por movimentos, por devires. (ROMAGNOLI, 2007, p. 102)

Nessas falas, podemos perceber que os assexuais têm um corpo mutante, que, dentro do espectro assexual, existem muitas possibilidades inventivas. A demanda do Rei Gelado Punk não teve ressonâncias dentro da comunidade, mas, talvez, possa haver vários caminhos possíveis. Para finalizar esse ato, a resposta ao *post*: “Boa sorte amigo. Não desista vc vai achar a esperança e a ultima q morre”.

4.1.2 Terceiro Ato

O Terceiro ato passa com um *post* da Princesa Carço Hard, em que apresenta como demissexual e descreve um pouco de si:



Demis and grays, uni-vos. No lado dos assex eu não sou considerada assex ‘pura’ e do lado dos sexuais eu só sou fresca, puritana, ingenua ou qualquer outra coisa do tipo, só por ser demi.

Princesa Carço Hard descreve-se como uma assexual “pura”. Como já colocado anteriormente, os demissexuais estão na coloração cinza da assexualidade. A questão limítrofe dos demi seria a questão do *desejo sexual*, necessariamente vinculada à afetividade. Há algo nessa fala que nos afeta, o fato de ela alinhavar a necessidade de vínculo romântico, ao fato de ser pura, ingênua. Entretanto, o romantismo primado pelos assexuais românticos e demissexuais possui características que não se manifestam como uma forma de

generalização, como no romantismo do século XIX. Nesse período, criou-se uma arte de representação, como corpos podados do desejo:

Nesse sentido, criou-se uma arte da representação de si mesmo para os outros. O que havia de mais genuíno e de mais íntimo precisava [...]. O desejo precisava, a todo custo, ser banido da esfera do coletivo. Desde o século XVI até o início do XIX, esse processo desenvolveu-se e instalou-se nas sociedades europeias. (RODRIGUES, 2007, p. 69).

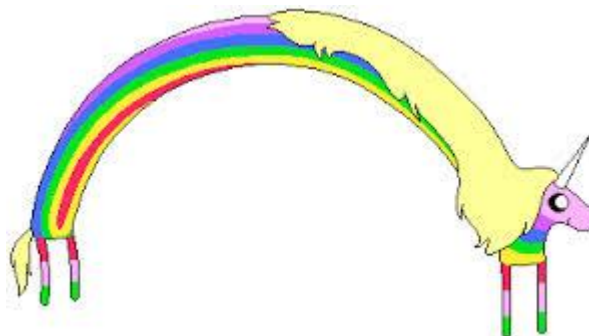
A Princesa Carço Hard, em seu *post*, coloca sua pureza, sua ingenuidade, como algo negativo. Essas características românticas delineiam processos de subjetivação, de uma forma de viver apartada de uma sociedade sexocêntrica. Segundo Del Priori (2005), no século XIX, a ênfase ao amor romântico era dada como grande influência do romantismo europeu, e, mesmo que muitos casamentos fossem de fachada, a aparência era fundamental. No século XX, há uma mudança em relação à mulher, pois ela vai conseguindo sua libertação em relação ao homem, o que aumenta com a revolução sexual e o uso de contraceptivos pelas mulheres.

Ao colocar essa questão, estamos visualizando aquela orientação romântica assexual na qual a relação romântica é escolhida, o que difere dos demirromânticos, para os quais o ato sexual necessita de vínculo, seja afetivo ou romântico, denotando grandes similaridades com o romantismo.

Outra tensão demonstrada nessa fala é uma *diferença*, entre os assexuais românticos e aromânticos, de um lado, e os *Gray-A* e os demissexuais, de outro. Essa diferença traça uma linha porosa para esses grupos, para quem o desejo sexual é possível em determinadas situações, como as já citadas; com os *Gray-A*, o desejo sexual é algo flutuante; para os demissexuais, há a necessidade de vínculo; para os assexuais românticos, caso eles comecem a ter flutuações do desejo sexual, passariam a ser considerados como ingressando na área cinza (*Gray-A* e demirromânticos).¹¹ Talvez, futuramente, alguns demi ou *Gray-A* não se considerem assexuais nem qualquer outra modalidade dessa orientação. Contudo, a definição rigorosa dessas, assim como de outras orientações sexuais em si, é algo que deixamos em aberto para posteriores reflexões.

Na resposta ao *post* de Princesa Carço Hard, a usuária Unicórnio Colorido responde sobre a incerteza de ser demissexual, sem uma classificação segura que lhe poderia lhe conferir um “lugar”:

¹¹ Neste trabalho consideremos somente como área cinza os *Gray-A* e os demissexuais, apesar de haver classificações.



Também sou Demi e por ficarmos no ‘meio do caminho’ parece que não temos espaço em nenhum dos dois, mas com certeza me sinto muito mais aceita na comunidade ace do que nas sexuais (ou alosexuais).

Esse “ficar no meio do caminho”, a que se refere Unicórnio Colorido, se relaciona a um *entre-lugar*, entre os assexuais e os sexuais. Na comunidade assexual, existem variações para essa área cinza, assunto que não aprofundaremos aqui. Apesar de a comunidade assexual usar a visualização de um guarda chuva, ela cobre as tonalidades de preto até o mais próximo ao branco, pois aí ficariam os sexuais ou alosexuais, conforme o relato anterior. Colocaremos o que o blog *Sobre o Cinza* fala dessa área. Atualmente, esse blog encontra-se inativo.

Dependendo da concepção de área cinza, ela pode ou não conter outras denominações. Para algumas pessoas, a área cinza é uma orientação sexual, chamada de gray-asexual. Um gray-asexual, ou graysexual, é uma pessoa que sente atração sexual sob condições muito específicas, ou que raramente a sente. Para outras pessoas, a área cinza é um ‘lugar’ onde se inserem várias outras orientações sexuais, como lithosexual (pessoas que sentem atração sexual, mas não querem que ela seja recíproca), pothisexual (pessoas que fazem e gostam de sexo, mas continuam assexuais por não sentirem atração) e demissexual (pessoas que podem sentir atração sexual apenas quando têm laços emocionais e/ou afetivos fortes). Ou seja: a área cinza contempla as pessoas que não são estritamente assexuais, mas também não são alosexuais.

Essa variabilidade de nomes não contempla essas possibilidades do *entre-lugar*, entre o assexual e o alosexual. Podemos trazer a sexualidade nesse viés como uma processualidade, um fluxo, em que vários encaixes podem ser feitos, e não presos a nomeações classificatórias, embora, muitas vezes, haja um funcionamento dicotômico feito pelos próprios assexuais e pela sociedade. Assim, percebemos que identidades ditas provisórias não se atualizam, trazendo um enquadramento para esse corpo, mas, pelo contrário, podem vir a ser outra coisa.

Pensando em uma teoria das multiplicidades, aquilo que está atual sempre estará envolvido pelo virtual. Não há nada fixo. As imagens virtuais não se separam do objeto,

estão sempre em *continuum* (DELEUZE & PARNET, 1998). Esse *continuum*, no qual abrimos uma possibilidade para a assexualidade, desencadeia, por sua vez, outras possibilidades para além dos rótulos dentro da própria assexualidade. Talvez margear a área cinza seja penetrar com seu corpo em sexualidades possíveis, as quais, às vezes, não possuem nome, pois não precisam dele, uma vez que é a experiência que emerge do processo.

Passaremos, agora, para análise das entrevistas presenciais, com pessoas que se identificam como assexuais.

4.2 Narrativas e Assexualidades

4.2.1 O Ace Paulista no Rio

Nesta parte, abordaremos a entrevista *off-line* (ou face a face), como nos coloca a netnografia. A seleção dos entrevistados foi feita por meio da comunidade virtual no *Facebook*. Foi realizado o convite, exigindo-se que o entrevistado se autoidentificasse como assexual. Chamaremos nosso participante de Ace Return.

Ace Return, 20 anos, é paulista, morador, no momento da entrevista, da cidade do Rio de Janeiro, onde realizava o seu mestrado em Engenharia. A entrevista foi marcada em um local público, mas ele nos pediu por meio do aplicativo de celular WhatsApp que fôssemos a algum lugar que “não pudessem ouvir a nossa conversa”. Ao chegar ao lugar, vemos um rapaz de altura mediana, de óculos, simpático à minha abordagem. Antes de iniciar a entrevista, ele relata que não tinha problemas em falar de sua assexualidade, mesmo que a maioria das pessoas desconhecem sua orientação sexual ou achavam graça dela.

Ao relatar para alguns amigos, estes riam, pois morava em pensionato para universitários e, quando alguém tinha algum interesse sexual, Ace recuava. Alguns achavam que o problema era com a parceria ou que se tratava de algum problema sexual-afetivo de Ace Return. Sentimos, nessa abordagem, um caráter afetivo do entrevistado, colocando-se à disposição do entrevistador.

Perguntamos o que era ser assexual para ele, ao que foi enfático na resposta: é não ter desejo sexual, seja por homens ou por mulheres. Entretanto, chamou-nos a atenção para o fato de que se diz um “assexual diferente”. Assim eles nos fala:

Na verdade veio de uma decepção amorosa que eu tive. Eu namorei por nove anos, e com esse término de relacionamento [corte no áudio] um pouco. Entrei em

depressão, e depois disso eu não consegui mais ter desejo sexual, nem atração sexual por ninguém, por mais que já tenha tido relações depois disso, mas eu vi que não fazia mais propósito, entendeu? Não tinha mais sentido pra mim, não sentia mais atraído [...] E em reflexão aos meus 9 anos, eu também não tenho certeza até que ponto eu tive prazer sexual nesse relacionamento e até que ponto eu simplesmente cedia em nome do amor ali envolvido, entendeu? (Ace Return).¹²

Para Ace Return, a assexualidade veio em meio a sentimentos profusos entre o amor romântico e um não desejo. O processo depressivo pode ter sido deflagrado por um término de relacionamento, mas, de algum modo, influencia encontros potenciais na vida. Ele começa a escutar seu corpo, que parece não ter sido ouvido durante os nove anos de relacionamento. Seu questionamento sobre ceder por amor é bastante emblemático, pois suas sensações eram solapadas pelo amor que sentia. Isso nos faz pensar até que ponto sentimentos como amor e desejo podem ser separados, e se há momentos em que eles se misturam, tornando essa mistura híbrida, sem ser possível separá-los.

Na continuação da entrevista, pergunto se o desejo sexual é algo que ele não sente:

Eu acredito que sim. Ou, se eu não venha a ter, eu posso, é... Adequar igual a esses nove anos, foi, foi meio que uma adequação eu acredito, entendeu? Então eu acho que pode ser mais uma coisa adequada ali, que não tenha tanta complicação assim... Mas hoje em si eu não me vejo tendo uma relação sexual com ninguém assim... (ACE RETURN).¹³

Ele considera o seu relacionamento de nove anos como uma adequação ao mundo sexocêntrico, havendo uma obrigação marital para com seu parceiro, em que sua voz era silenciada. Contudo, Ace Return não vê a assexualidade como algo *standard*, ou algo inato. Podemos dizer que ele tem momentos nas tonalidades cinza da assexualidade, mas no seu discurso, de modo geral, traz uma linha de ruptura com a possibilidade de se permitir ao desejo sexual.

Trago uma pergunta sobre o que ele vê de singular na assexualidade. Ele fica em silêncio, percebo um rubor e ele me responde:

Eu no singular? Porque eu vejo muito rótulo a pessoa ser assexual, não sentir atração sexual por pessoas, por nada né, [risadas], mas enfim... [risadas]... Depois eles se dividem em romântico, aromântico, horrorromântico, heterorromântico, birromântico. Eu acho que essa divisão, pra mim, não existe. Porque a partir do momento que você não tem atração sexual o sexo não importa. Não faz sentido se for homem ou mulher, não tem diferença, até porque o que um homem tem de diferença da mulher não é isso que você tá procurando, então, não... Eu acho que isso pra mim não existe, entendeu? Essa divisão. Eu me considero uma pessoa

¹² Dados da entrevista. Pesquisa de campo.

¹³ Dados da entrevista. Pesquisa de campo.

romântica, mas... Entre taxar entre heterorromântico, homorromântico ou birromântico, eu acho que seria mais birromântico, [rápida pausa], mas não necessariamente... (ACE RETURN)

Ace Return põe em dúvida a classificação da assexualidade da AVEN. Para ele, não há importância em qual orientação romântica ele se encontra, o que traz uma discussão interessante sobre as subclassificações que o sistema heteronormativo nos coloca. Ao se declarar como romântico, ele se abre para as possibilidades de encontros na vida e pela vida. Esse sistema classificatório pode ser totalmente perverso, pois, ao me afirmar assexual, o que seria uma quebra de paradigma, coloco-me em outra classificação, que seria a da orientação romântica. Não há uma demonização dessa classificação, desde que não seja algo compulsório, dado ou inato.

Ao continuar a entrevista, pergunto: “E se o sexo, em algum momento, não fizesse parte da sua vida?”. Ele confirma, sinto-o um pouco tenso. Ace Return responde quase gaguejando, mas depois o tom da voz se normaliza:

Não faz parte da minha vida. Inclusive a gente sente uns comentários que a gente vê dos amigos coisa e tal...A gente se sente até meio deslocado, né, por, por não fazer tanto sentido por aquele desejo que eles têm só em vê, não corresponda assim, não tem (Ace Retrun).¹⁴

Dois aspectos nos deixaram intrigados: o primeiro em relação ao deslocamento que Ace Return afirma, na sua relação do não desejo sexual. Como nós vivemos em uma sociedade sexocêntrica, ele se coloca à margem, pois o sexo margeia todas as orientações sexuais, como hétero, homo, bi e outras. Contudo, quando pensamos na assexualidade como possível orientação sexual, o A (assexualidade) bagunça e tira o fôlego das letras LGBT.

Quando Foucault (2015, p. 21), em seu texto sobre o saber gay, fala da sauna em um encontro onde “(...) entrar numa sauna e se envolver com gente de quem sequer se sabe o nome, com quem não se troca nem uma palavra”. Podemos visualizar o sexo para a comunidade gay como um ato de afirmação ético-político, no qual aquele sexo realizado com desconhecido é talvez a possibilidade de se dizer o que não pode ser dito. A guetificação do mundo gay, em lugares como bairros, boates, mictórios e outros, diz de uma história-política desses corpos.

Não podemos afirmar que não houvesse assexualidade e que não sentir o desejo sexual não fosse algo possível. Nesse sentido, Brigeiro (2013, p. 256) faz a seguinte

¹⁴ Dados de entrevista. Pesquisa de campo

colocação: “(...) considero que os nexos entre a proposição da categoria ‘asexualidade’ e a produção e divulgação do conhecimento científico-acadêmico estão entre os aspectos mais idiossincráticos e instigantes de sua emergência”. Assim, podemos pensar o *não sentir* de Ace Return como algo crível. O segundo aspecto é o *não sentir* desejo sexual, fazer parte de sua vida, contrariando qualquer ordem biológica, do senso comum e até mesmo da comunidade científica, não sendo assexualidade patologizada, mas a falta de desejo em determinadas condições como no DSM V (2012), como afirma esse manual. Notamos aqui, o saber desqualificando o diferente, moldando as subjetividades, gerindo a vida, atuando sobre o corpo e sobre a sexualidade. Desse modo,

Dizer que o poder no século XIX, tomou posse da vida, dizer que pelos menos que o poder no século XIX, se incumbia-se da vida, , é dizer que ele consegue cobrir toda a superfície que estende do orgânico ao biológico, do corpo a população, mediante o jogo duplo das tecnologias de disciplina, de uma parte, e das tecnologias da regulamentação, de outra. (FOUCAULT, 1999, p. 302).

Nesse momento da entrevista, percebemos Ace Return mais confortável, risonho e receptivo às perguntas. Ele fala que faz psicoterapia e tratamento medicamentoso para depressão, após o término do seu relacionamento de nove anos com um homem. Com isso, pensamos se essa fala aparece, possivelmente, pelo fato de o entrevistador ser psicólogo. Ele nos relata seu adoecimento, uma vez que ele amava seu parceiro em relação romântica, mas sem *sexo*, como reitera. Isso nos mostra que, para os assexuais românticos e outras formas de ace, como *Gray-A* e demissexuais, há uma conjugalidade, que diferencia entre essas três modalidades. Nesse contexto, há descolamento entre o ato sexual e o amor romântico para essas parecerias. Conversamos um pouco sobre a comunidade dos assexuais dentro do Facebook. Ace Return fala da importância dessas comunidades para uma maior sociabilidade e troca de experiências entre os assexuais. Relata que se percebe identificado, vendo pessoas com uma sexualidade que faz par à sua. Contextualizando, pergunto-o o porquê de sua inserção dentro da comunidade assexual na rede social, e ele me responde:

Eu, eu entrei porque eu mudei pro Rio, né? Faz um ano mais ou menos que eu estou morando no Rio. Eu tenho meus amigos da república, que eu moro, mas não tenho muitos amigos, amigos fora. Eu usava o Tinder, e alguns outros aplicativos em prol de arrumar amigos e acabava não dando muito certo.¹⁵

Ficamos meio assustados, quando ele nos falou a palavra Tinder (pergunta-exclamação “O Tinder?”). Não esperávamos esse tipo de colocação, pois, ao nosso olhar, o

¹⁵ Dados da entrevista. Pesquisa de Campo.

Tinder seria um local improvável, dado o contexto mais sexualizado do aplicativo. Entretanto, ele conseguiu desconstruir nosso olhar, já que existem várias buscas no Tinder. Ele continua:

Porque o pessoal acabava, mesmo eu falando que a minha intenção não era, é, sexual, acabava tendo um apelo muito forte, e os encontros acabavam forçando a barra, não era legal... (rápido silêncio)... Não era legal, e eu via que não era legal nem pra mim e nem pra pessoa, porque a pessoa estava procurando uma coisa que eu não ia entender e vice-versa, eu também não ia atender o que ela tava procurando. Eu tive até briga, sabe, assim, coisa extremamente desnecessária que não me fez bem, então eu falei, vou ver se, se ali eu encontro mais amigos, mais companheirismo pra poder curtir a vida, assim, de forma sem sexo, né?¹⁶

Para contextualizar o uso do Tinder, a autora Beleli (2015) relata que se trata de um aplicativo para *smartphones*, o qual usa foto e localização; raramente outras informações são disponibilizadas. Entretanto, um ponto forte desse aplicativo é a geolocalização, que traz parcerias de forma mais rápida para quem procura (no caso do Ace Return, a procura de parcerias, para uma variação de possíveis encontros). O aplicativo, contudo, não diz a finalidade do encontro, e, como relata o entrevistado, pode haver um encontro destoante com a expectativa dos envolvidos.

Esse *forçar a barra*, como explicita o entrevistado, mostra que o mesmo, nesse momento não queria mais ceder a algo que ele não propunha. Seu processo identificatório, mostra de no curso da sua vida a polimorfismos, uma abertura para o novo e a afirmação do *não sexo*. Desse modo, para reafirmar a busca por companheirismo, devemos expor o Tinder, pois isso mostra da emergência da comunidade assexual com *locus* entre os aces e falando do aplicativo:

Tinder, as pessoas só têm acesso a quem combina com elas, de forma que a rejeição não é explicitada. Combinar significa que você foi selecionado por alguém que você também selecionou. O *match* (termo usado pelo próprio aplicativo) é avisado por um som no celular, gerando ansiedade em ver imediatamente a mensagem, para não correr o risco de perder “um contato, que pode mudar minha vida. (BELELI, 2015, p. 97).

No transcorrer da entrevista, pergunto o que de singular na relação assexual, ele ri para mim, franzi o texto, pensa um pouco e me responde:

Eu no singular? Porque eu vejo muito rótulo a pessoa ser assexual, não sentir atração sexual por pessoas, por nada né, (risadas), mas enfim...(risadas)... Depois eles se dividem em romantico, a romantico, homo romatico, hetero romantico, bi romantico. Eu acho que essa divisão, pra mim, não existe. Porque a partir do momento que você não tem atração sexual o sexo não importa. Não faz

¹⁶ Dados da entrevista. Pesquisa de Campo.

sentido se for homem ou mulher, não tem diferença, até porque o que um homem tem de diferença da mulher não é isso que você tá procurando, então, num...Eu acho que isso pra mim não existe, entendeu? Essa divisão. Eu me considero uma pessoa romântica, mas...Entretaxar entre hetero romântico, homo romântico ou bi romântico, eu acho que seria mais biromântico, (rápida pausa), mas não necessariamente... (Ace Return)¹⁷

Nessa fala, Ace Return tenta transcender os rótulos, que são comuns e propagados pela AVEN, os quais trazem a classificação do espectro assexual. Segundo Oliveira (2013, p. 67-68):

Pessoas assexuais, conforme a AVEN, podem ou não ter interesse amoroso, que é desvinculado de interesse sexual, existindo, portanto, uma desconexão entre atração sexual e atração amorosa. Pessoas assexuais sem interesse amoroso são chamadas de assexuais aromânticas. Para aqueles/as que têm interesse amoroso – chamados/asromânticos/as – o sexo biológico/gênero do alvo do interesse amoroso os classificará como homorromânticos, heterorromânticos, birromânticos ou panromânticos.

Essas orientações, como já argumentado anteriormente, são classificações usadas pela AVEN, com o intuito de universalizar a linguagem e os sentimentos assexuais. Contudo, segundo Brigeiro (2013), há pessoas que, apesar de se classificarem como assexuais, praticam sexo *sem desejo*, de forma regular ou esporádica; outros indivíduos jamais realizaram sexo.

Também há indivíduos sexuais que nunca realizaram sexo ou realizam de forma esporádica e se consideram como pessoas sexuadas. Com isso, é necessário diferenciar as pessoas que se classificam como *Gray-A* ou demirromânticas.

Segundo a AVEN, existem pessoas que se autoidentificam como assexuais, porém, afirmam ter a capacidade de sentir atração sexual em condições específicas, embora não frequentes; esses/as são chamados de demissexuais ou Gray-As e estariam situados na zona cinza entre a sexualidade e a assexualidade. Também fazem parte da comunidade pessoas com histórico de desejo/atração sexual no passado, mas que, em algum momento, perderam totalmente o interesse por sexo, sem que isso represente um incômodo. As categorias que incluem a possibilidade de atração sexual não estão contempladas pela definição de assexualidade da AVEN, apesar de estarem presentes na comunidade. (OLIVEIRA, 2014, p. 66).

Tanto Oliveira (2014) quanto Brigeiro (2013) não se aprofundam no assunto. No *site* da AVEN, a pessoa demissexual necessita de envolvimento afetivo para que haja um relacionamento sexual ou romântico e a pessoa Gray-A apresenta desejos sexuais, em algum momento da vida, mas nada específico. Nesse contexto, a fala de Ace Return, com sua não

¹⁷ Dados da Entevista. Pesquisa de Campo.

aceitação dessa classificação da AVEN, nos indica que ele deseja estar solto dentro da classificação da assexualidade, e não ser rotulado.

No decorrer da entrevista, Ace Return, fala de sua identificação com a assexualidade. No seu relato, ficamos sabendo do contato com uma amiga que lhe apresentou o canal do YouTube, “Pergunte as Bee”, voltado ao público LGBT. Em um programa do canal, uma menina fala da assexualidade e de sua demissexualidade. Para Ace Return, a identificação que emerge no seu contato com o vídeo é o da assexualidade. Podemos pensar com Oliveira (2014) as aberturas para perceber o processo de autoidentificação como assexual. Ela relata, em sua tese de doutorado, os vários percursos biográficos e a percepção dos entrevistados no processo de autoidentificação como assexual. Para tal, a autora coloca três palavras que podem margear essa identificação, como *scripts sexo-normativos*: busca, descoberta e identificação. Para tal, Oliveira (2014) busca o auxílio dos sociólogos americanos John Gagnon e William Simon (1973), que desenvolveram essa teoria dos *scripts* como condutas sociais e sexuais. Conforme Oliveira (2014, p. 134-136):

Os scripts são roteiros socialmente construídos, variáveis cultural e historicamente, os quais - significados coletivamente e assimilados pelos sujeitos – fornecem diretrizes para as condutas sexuais, sendo apropriados individualmente de formas diversas. [...]. Cada ator/atriz conhece suas falas e as falas dos/as demais personagens, sendo que os scripts são complementares, ou seja, cada ator/atriz sabe o que esperar do/a outro/a durante a apresentação.

Nessa perspectiva, a *busca* seria uma reiteração ao *script*, que ocorre desde a adolescência, tal como ter relações sexuais, andar em grupo do mesmo gênero ou orientação sexual, entre outros comportamentos. A *descoberta* corresponderia ao descobrir-se no contato com pessoas semelhantes e, com isso, verificar-se parecido, não estar sozinho. Como exemplo, temos o grupo dos assexuais. Por último, temos o processo da identificação, quando há uma autoidentificação como assexual, mas pautada nos *scripts* sexo-normativos. Essa *autoidentificação* ocorre como produto do conflito pessoal com esses *scripts* (OLIVEIRA, 2014).

Tenta-se ampliar a identidade assexual como algo provisório, não pertencente a uma dialética, e cuja descoberta ocorre por um processo de afetação, de um *não desejo sexual*. Corroboramos com o princípio da importância da atuação do meio social, e não da ideia da assexualidade como algo inato e biológico. Dessa maneira, abordamos a assexualidade como uma processualidade transversalizada pelas várias forças e formas que nos regem. Nesse sentido, a assexualidade seria uma orientação. Para Brigeiro (2013), não se trata de uma

escolha, como é o caso do celibato, em que a pessoa se predispõe a estar em abstinência devido a uma escolha pessoal ou religiosa, mas de um estado inerente ao indivíduo. Essa tese é reafirmada pela AVEN, que a retifica como uma condição intrínseca da pessoa.

Achamos essa leitura mais adequada, pois, em um texto sobre violência contra lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais no interior do Ceará, Albuquerque *et al* (2016) relatam como orientações possíveis a heterossexualidade, homossexualidade e bissexualidade. Apesar de recentes os estudos sobre a assexualidade no Brasil, isso traz um silenciamento da violência sofrido por esses grupos, mostrando a necessidade preeminente desse tema, inclusive para inclusão de tais grupos em políticas públicas voltadas as Lésbicas, Gay, Bissexual, Transgênero e InterSex LGBTI. É necessário pensar não só na inclusão da letra A nessa sigla, mas também sua visibilização. Com essa inclusão, a assexualidade também estaria presente nas lutas sociais por essa categoria. Em alguns locais, é acoplada a letra Q, de *Queer*, e A, de Assexual, mas sem essa visibilidade aqui no Brasil.

Em outro texto, trazendo a questão da dificuldade de aceitação homossexual por seus familiares, Silva *et al* (2015) elencam as mesmas possibilidades de orientação que Albuquerque *et al* (2016). Entretanto, eles demonstram o quanto ainda a assexualidade é negligenciada pela academia no Brasil. Além disso, na perspectiva da homossexualidade, podemos ter assexuais, demissexuais e outras possibilidades não visíveis. Faz-nos pensar não que haja uma orientação com maior sofrimento, mas sim que existem singularidades no que foge ao dominante, que devem ser ouvidas. Por isso, impõe-se a importância de se elencar a assexualidade e suas possibilidades como orientação sexual.

Continuamos a entrevista, e ele fala que desejaria que sua família soubesse de sua orientação, que está preocupado com a possibilidade de sua mãe saber. Relata que vem de família evangélica, que seu antigo namorado atualmente namora uma amiga dele da Igreja, que vão se casar. Faço uma ênfase maior no *processo de revelação* de uma verdade para a sua família e a importância desse fato. Ele me responde:

Eu acho que sim. Eu to até me preparando pra a minha mãe saber, né? Conversar com ela sobre isso. Mas é muita coisa, eu acho que vai ser muita informação pra ela conseguir entender o que que é isso...Porque eu venho de família evangélica e eu trato de depressão há uns 3 anos, já pra aceitar a minha depressão já não foi muito fácil, sabe? Ver a depressão como um quadro clínico e não como um quadro espiritual, uma coisa assim...Então eu acredito que eu já exigi muito da paciência dela nisso. Vou esperar um pouco mais pra falar sobre isso. (Ace Return).¹⁸

¹⁸ Dados da Pesquisa. Pesquisa de campo.

Podemos trazer à discussão a ideia de falar da assexualidade como um processo de *sair do armário*, assumindo essa orientação para o grupo familiar. Conforme Toledo e Filho (2013, p. 376): “(...) o dispositivo da sexualidade autoriza as famílias a serem as guardiãs das normas sobre a sexualidade de seus membros, garantindo a heteronormatividade a partir da exclusão de toda dissidência a essa norma, ou seja, por meio da homofobia”. Dessa forma, surge o modelo da revelação e da insurgência da *acefobia*,¹⁹ principalmente por vir de um lar evangélico, em que o heteronormativo é a lei de Deus, exemplo, trazido à discussão, de uma repulsa a sexualidades divergentes que não entram dentro do sistema heteronormativo.

Deslocando da homofobia para a *acefobia*, não como processos diferentes, mas áreas de atuação diferente, um assexual pode sofrer homofobia e *acefobia*, pois pode ser homorromântico, transversalizado pelos dois tipos de agressão. No caso do assexual homorromântico, pela sua orientação sexual, ele pode sofrer de homofobia, uma vez que vivemos em uma sociedade sexonormativa. Pelo fato de estar mostrando afeto a um parceiro do mesmo sexo, tal evento pode levá-lo a sofrer essa violência, tão comum no Brasil. Entrelaçando a fala do Ace Return, o viés da aceitação familiar é de suma importância para ele em seu discurso, o qual focaliza a mãe. Com isso:

[...] a necessidade de aceitação e reconhecimento por parte da família está totalmente aderida aos modos de subjetivação dos sujeitos, e o vínculo idealizado como estruturador da família moderna é um vínculo afetivo de amor. O que observamos é que o ser humano necessita de reconhecimento e, por isso, a família, com todas suas transformações e justamente por conta delas, permanece sendo uma instituição de grande peso para os sujeitos do momento histórico atual. (TOLEDO & TEIXEIRA FILHO, 2013).

É importante ressaltar, no relato de Ace Return, que ele traz seu processo depressivo novamente à entrevista. Segundo ele, sua família acha que seu processo de doença é de cunho religioso, sobretudo por eles serem evangélicos. Ele se esquivava, contudo, dessa leitura, e vai procurar ajuda na Unidade Básica de Saúde. Na época da entrevista, fazia tratamento com a psiquiatra dessa Unidade. Na fala a seguir, ele traz o atendimento e suas questões, correlacionando com a questão de sua assexualidade:

É. E ela às vezes acha que a medicação me induziu a assexualidade. Apesar de eu ter conversado com a minha psiquiatra e ela disse que não, que a minha medicação é muito baixa, com uma porcentagem muito baixa. Inclusive eu troquei de medicação já, buscando uma melhora no meu libido e não teve então...(PAUSA)

¹⁹ Nome utilizado por assexuais.

É difícil acreditar que seja a medicação, entendeu? Pelo o fato de eu já ter trocado, já ter parado um tempo... (Ace Return).²⁰

No relato de Ace Return, há uma voz de verdade, sobre o seu corpo do desejo, em que mesmo nos seus relatos da entrevista, em que ele dizia de um *não desejo*, esse seu discurso é silenciado qual *¿* O do desejo ou o do não desejo? Não está claro. Nessa relação medico-paciente, em que a primeira coloca que não há assexualidade, mas sim que a falta de desejo é algo patológico, partindo do pressuposto que existiria um padrão normal, verdade propagada pelo discurso científico, como nos lembra Foucault (1999). Quando há a troca da medicação, e sua libido não aumenta, Ace Return, que está na relação de poder, se coloca na resistência a favor do seu *não desejo*, sustentando esse lugar. E nesse contexto percebemos que o poder se encarrega de apropriar dos processos biológicos, na gestão da vida, da sexualidade, como reitera Foucault (1988, p. 134):

Se pudéssemos chamar de ‘bio-história’ as pressões por meio das quais os movimentos da vida e os processos da história interferem entre si, deveríamos falar de ‘biopolítica’ para designar o que faz com que a vida e seus mecanismos entrem no domínio dos cálculos explícitos, e faz do poder-saber um agente de transformação da vida humana.

Como percebemos na entrevista de Ace Return, com o percurso de várias vivências (afetivas, sexuais, médicas etc.) ele tenta se construir, em um caminho às vezes tortuoso, desviante. Sua vida se assemelha a uma obra de arte, fugidio ao namorado, à família, ao dizeres assexuais e ao poderio médico. Assim, ele se coloca, em alguns momentos, ativo na constituição de si mesmo como sujeito, exercendo práticas de si, outros modos de subjetivação.

4.2.2 A Flor Lilás

A segunda entrevista foi contatada pela comunidade assexual. Marcamos em um *Shopping* na zona sul do Rio de Janeiro. Ao chegar lá, encontro uma mulher por volta dos 30 anos, estatura baixa, com aparelho nos dentes, obesa. Diz está envergonhada, mas quer participar pela visibilidade *ace*. Uma questão que apareceu no início da entrevista foi acerca do local onde ela ocorreria. Embora ela tenha escolhido o lugar, pois era perto de sua residência, ela estava preocupada, pois queria um local dentro do *shopping* que ninguém a escutasse. É necessário destacar que, ao longo da entrevista, ao responder aos nossos

²⁰ Dados da Pesquisa. Pesquisa de campo.

questionamentos, ela sempre usava um tom de voz bem baixo. Demoramos uns 20 minutos para que ela escolhesse um local no qual se sentisse confortável para iniciar nossa conversa.

Flor Lilás relata que tem o segundo grau completo, trabalha com *design* de computadores. Ela é solteira e tem vários irmãos e sobrinhos, sendo reconhecida pela família como *titia*. Ao iniciarmos nossa conversa sobre assexualidade, pergunto o que ela entende por isso. Ela nos responde que é não gostar de sexo e não se sentir bem no ato, um mal-estar no corpo. Nesse momento, questiono como ocorreu a autoidentificação como assexual.

Assim, eu demorei muito a... demorar a transar (com a voz um pouco mais baixa), a ter uma vida sexual. Tipo, e me toquei que saia com vários caras, mas nunca transava com eles. Por volta dos 30 anos... Então quando eu acho que eu fiz 32 anos, eu realmente me toquei que...(breve silêncio) eu não sabia o que era isso. Todas as minhas amigas falavam que faziam, arrebentavam e acabavam com o cara e eu não sabia o que dizer, não tinha nada pra contar. Eu acho que eu inventava, né? Até porque pra não ficar pra trás. Até eu realmente resolvi começar a ir aos finais de semana, aí comecei a sair com os caras, não me identifiquei muito com os caras, não foi bom a relação...Uma delas até foi muito boa, mas o cara era realmente...não prestava. (Flor Lilás)²¹

Nessa fala, ela traz a informação do início tardio de sua vida sexual, como se houvesse um início padrão, cobrado socialmente. Relata de várias sexualidades serializadas, e a tentativa de tentar chegar a esse modelo. Podemos dizer que Flor Lilás mentia, ao ser convocada a esse lugar de saber do sexo. Nessa sua história, perpassam outras histórias de sexualidades que a afetam, como suas colegas que *arrebentavam* com seu parceiro. No final da fala, ela traz uma história com um parceiro, cuja relação ela diz que “até foi muito boa”, mas que não leva a cabo, uma vez que o *cara* não era legal. Nessas histórias que se entrecruzam, há uma possibilidade do sexo com prazer, mas que é capturada por pressões sociais, por histórias de um corpo que precisar chega a um patamar de uma sexualidade *standart*. Com isso, Foucault (1980, p. 43) corrobora:

[...] uma personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida [...]. Nada daquilo que ele é escapa à sua sexualidade. Ela está presente nele todo: subjacente a todas as suas condutas [...]. É-lhe consubstancial, não tanto como pecado habitual, porém como natureza singular.

Quando inicio a outra pergunta, ela me interrompe meio esbaforida, relatando que essa história do sexo é muito *pesada*, pois temos de ser sexualizados a todo momento. Ela reinicia sua fala:

Traz nesse sentido, porque todo mundo fala sobre sexo o tempo inteiro, mesmo

²¹ Dados da entrevista. Pesquisa de Campo.

que seja uma piadinha, né, uma conotação, alguma coisa e acha que você, mesmo que você esteja acostumado, você não... (silêncio breve 01'18") às vezes tenta querer participar, mas não tem o que contar, por exemplo. Eu só passei a ter o que realmente contar, de como que se diz... de experiências depois gays (02'08" não há certeza sobre essa palavra, difícil entendimento), mas antes, lógico, inventava um monte de coisa. (Flor Lilás).²²

Flor de Lilás traz em seu discurso a máxima de que a sexualidade é falada o tempo todo, e dialogando com Foucault (1988), sobre a hipótese repressiva, observamos que a ideia de que o sexo era reprimido o tempo todo não era correta, pois esse autor desconstrói e afasta essa ideia, nos mostrando exatamente o contrário. Com isso “Afastar a hipótese repressiva significa, antes de qualquer coisa, substituir o que seria uma ‘teoria’ do poder por uma ‘analítica’ do poder” (POGREBINSCHI, 2004, p. 185). Vendo como esse poder se exerce moldando a subjetividade, fazendo-a desejar ser de determinada forma, no caso, ter uma sexualidade como todas as outras pessoas e sentindo-se excluída por isso não acontecer.

Nessa analítica do poder, percebemos que o poderio do sexo intima Flor de Lilás a se colocar em determinado lugar no *socius*. Talvez, para ela, essas falas e vivências a levem a um lugar de desconforto, não por um viés moral, mas por meio de uma criação processual que ela tem feito no seu corpo. Falar dessa criação, dizer sobre uma sexualidade não vivida traz incômodo, mas também outra forma de experienciar seu corpo. O poder da confissão gira em torno do sexo e nos coloca em caixas ou lugares que esses corpos deveriam estar. Quando faço uma pergunta sobre uma norma que deve ser seguida, ela me responde:

Tipo, minhas amigas que transavam e depois se arrependiam, e aí vinha me pedir (pausa por algum motivo 02'32") conselho o que eu ia dizer? Eu inventava né? Mas aí depois disso tive essa relação, não foram muitas, mas aí eu não me senti bem, não me senti legal. Assim, eu realmente demorei a descobrir o que que era ser assexual, já tinha ouvido muito falar, mas, não sei, talvez não quisesse ver ou não queria estar lá naquele grupo até que um dia eu me toquei, “ah, deve ser isso mesmo”. Aí comecei a procurar no Facebook, achei o grupo, uma das donas tinha o de whatsapp me adicionar e aí comecei a conversar com outras pessoas e comecei a me identificar mais. (Flor Lilás).²³

Observando nessa fala, há uma processualidade em tornar assexual, seu corpo fazendo algo na vida e pela vida. Esse *descobrir* traz novos territórios existenciais. Falando deleuziamente, podemos dizer que Flor Lilás faz uma dobra, saindo de um plano da transcendência, que se fundamenta em modelos e hierarquias, para uma abertura para imanência na qual coexistem modelos, mas, sobretudo forças. Nesse momento do discurso

²² Dados da entrevista. Pesquisa de campo.

²³ Dados da entrevista. Pesquisa de campo.

é a primeira vez que observamos um sorriso, um corpo que vibra ao falar. Acerca dessa singularidade, Silva (2004, p. 3), diz:

O plano de imanência deleuziano caracteriza-se por uma topologia traçada a partir dessas ‘emissões de singularidade’ [...] que fazem do pensamento uma máquina de experimentação permanente: pensar é pura potência de invenção. Esta experimentação, no entanto, não é calcada em um sujeito empírico ou transcendental, mas no impessoal enquanto potência de atualização das virtualidades que habitam este campo intensivo que se desloca a uma velocidade infinita.

Nesses novos territórios, a comunidade assexual do Facebook se agencia como lugar de potência, de uma singularização e abertura para o novo. Há uma nova perspectiva para novos encontros, tanto que ela migra para o WhatsApp.²⁴ De acordo com seus relatos, ela começa a conhecer pessoas de forma presencial, saindo do mundo *online* para o mundo *offline*. Ela relata que o grupo se encontra uma vez por mês, e que são encontros relevantes. Ler um texto sobre a assexualidade e *vivenciar* a assexualidade são duas experiências diferentes.

Perguntamos a ela se ela sabe o que é orientação romântica, ela diz que sim. Questionamos se ela se reconhece em alguma identificação e ela nos responde:

Então, no começo eu me identificava como bissexual, não, birromântico. Aos poucos fui...to mais para bissexual, sinto atração, mas não sinto...Tipo eu acho a pessoa. Interessante, tanto homem quanto mulher, mas não tenho assim mais vontade de ter uma relação, assim, romântica mesmo. (Flor Lilás).

Aqui não nos cabe discutir a gênese da história sexual de Flor Lilás, mas pontuar que, no processo de descoberta da assexualidade, ela foi se metamorfoseando, percebendo-se, hoje, como aromântica. Esse polimorfismo que tateia esse corpo realiza uma *escrita de si*, sustentando relações de si para si, as quais fazem parte do domínio da ética, entendida não como valor moral, mas como a marca da relação consigo mesmo. “Homens escrevem a homens para dar a ver processos de invenção de *ethos*, de modos de vida. A técnica baseia-se em reiteração, em acercar-se de instrumentos que garantam um posicionamento em relação ao acontecimento, mesmo à morte” (SANTANA, 2016, p. 58).

Essa vida que se encontra em uma identidade provisória, ou não, abre-se para o novo, estilizando-se, brincando com as *classificações*, burlando os modelos dentro da assexualidade. Nessa escrita de si, ela foge da folha de caderno na qual a vida se delinea,

²⁴ Aplicativo de *Smartphone* para conversação instantânea.

não com contornos duros, mas com provisoriiedades. Com isso, podemos corroborar com Santana (2016), quando ele utiliza a *sexopolítica*, termo cunhado pelo pensador espanhol Preciado. Assim, nessa deriva:

A *sexopolítica* é um conjunto de dispositivos, enunciados, textos e práticas que pré-concebem o campo das expressões de si, incidindo sobre o modo como cuidamos dos miúdos, forçando-os, cotidianamente e ruidosamente, a se tornarem a imagem que nos tranquiliza e nos reflete. (SANTANA, 2016, p. 54).

Esse ruído diário faz o nosso *sexo* se tornar um ato político, pois, se toda transformação é política, a forma de vivê-las poderia ser meramente cópia, repetição do mesmo. Nessa estilização, o ranger, o esmiuçar, faz que o nosso corpo entre em processualidade. Essa imagem, que nos tranquiliza, faz dessa construção, no caso de Flor Lilás, uma abertura para o seu espelho.

Continuando a entrevista, percebemos Flor Lilás mais empolgada com a nossa conversa, o tom de voz aumentando... Ela pede um suco de limão, quando eu pergunto se sua família sabe de sua orientação, se entenderiam:

Ninguém vai entender. Ninguém. Ninguém, sei lá, a minha família é grande, eu tenho vários irmãos, mas eu acho que ninguém vai entender. Até porque a maioria lá já é casada, já tem filho, eu sou a única solteira, solteirona (risadas) (Flor Lilás).²⁵

Podemos fechar essa entrevista nessa última fala de Flor Lilás, em que há uma polarização entre o estar casada ou não, dentro da sua família, com uma forte conotação valorativa, o que faz com que ela se sinta pressionada a dar uma resposta ao grupo. Essa pressão a faz indagar a que grupo ela pertence: das solteironas, lésbicas... como se estar na margem ou no limbo, no caso de não ter uma denominação de sua orientação sexual ou posição dentro da vida, trouxesse um incômodo às estruturas familiares, sociais e acadêmicas.

4.2.3 Chemistry Ace

Essa entrevista foi conseguida pelos *aces* que fazem parte da comunidade assexual e foi feita com um rapaz de 20 anos, morador do interior do Rio de Janeiro. Na sua fala inicial, ele já coloca a importância da visibilidade assexual. Ele relata ser estudante de Química em

²⁵ Dados da entrevista. Pesquisa de campo.

um Instituto Federal na região litorânea do estado do Rio de Janeiro. Chemistry Ace se mostra bem disposto para a conversa, e início perguntando o que é a assexualidade para ele:

Huumm, vejamos, assexualidade para mim é uma característica inerente a algumas pessoas. Algo q não se pode mudar, nem "amenizar", é algo q faz parte do ser de determinadas pessoas. (Chemistry Ace).²⁶

Podemos perceber que Chemistry Ace vê a assexualidade como essencializada e inata. Traremos uma perspectiva que embasa esse fala, na qual Freud (2002), em *Os três ensaios sobre a sexualidade*, escrito em 1905, traz a natureza sexual como inata, acrescentando a ideia de que seríamos, todos, bissexuais. Acreditamos que há controvérsias nessa leitura, pois se coloca em uma visão imutável e a-histórica do sexo. Essa visão é baseada em uma visão filogenética, a qual Freud (2002) vai construindo, levando-se em conta uma visão neural e somando, a esse olhar, uma teoria sobre a degenerescência, com um aporte sobre hereditariedade. Assim, Oliveira (2016, p. 56) nos diz:

A defesa de uma preocupação centrada não na filogenética, mas na ontogênese, será crucial para entender sua posição crítica em relação ao peso atribuído à hereditariedade e ao seu correlato psicopatológico, a degeneração. No prefácio à terceira edição (1914/1988), ele demonstra uma interpretação acerca da noção de predisposição que, se de um lado, arrisca um reconhecimento de que a filogênese importa para os destinos do sujeito, por outro, ela estaria submetida, no seu pensamento, à condição de herdeira das vivências acumuladas ao longo da história filogenética.

Esse olhar psicanalítico, que sugere uma essência ou uma naturalização da sexualidade, favorece, no nosso entender, em muito a patologização das sexualidade. Nessa patologização, as sexualidades que fogem ao padrão são percebidas como *perversas polimorfas*, entendidas assim por um olhar biomédico. Contudo, insistimos nesse estudo nas sexualidades que subvertem e estão abertas a processualidades, nas sexualidades minoritárias, que desnormalizam o casamento monogâmico e heterossexual. Essa subversão pode ser enquadrada como perversa e, nesse contexto, deve ser normatizada, curada e educada, uma vez que traz danos a um funcionamento regular e prescrito. Para essa normatização, usam-se, com severidade, mecanismos de regulação, tais como a pedagogia e a terapêutica (FOUCAULT, 1988).

Prosseguimos com essa fala do filósofo, “Deixemos os psicanalistas se interrogarem para saber se ele era homossexual, narcisista ou impotente” (FOUCAULT, 1988, p. 47). Achei e consertei, a página estava errada também. Aqui, nesse percurso, essas sexualidades

²⁶ Dados da entrevista. Pesquisa de campo.

escapam dessa premissa normativa e se apresentam em trânsito, deixando emergir discursos minoritários, mas nem, por isso, menos impactantes.

Com a continuação da conversa, perguntamos como ele se identificou como assexual:

Através do relacionamento amoroso q eu tive com a minha ex namorada, q tbm era assexual. Eu nunca tinha ouvido falar do termo, ela foi a primeira q me apresentou. No início não reagi muito bem, pensei q era loucura. Mas depois eu parei pra pensar, q muitas das coisas q os assexuais sentiam eu sentia tbm, mas de maneira reprimida. O meu surto foi medo interno de eu ser assim tbm. Só depois de um tempo eu fui me aceitar. (Chemestry Ace).²⁷

Ficamos afetados quando ele fala de medo, e aí nos questionamos que medo era esse. Ele nos responde:

De eu ser assexual tbm. E do impacto q isso poderia causar no meio q eu convivo. Família tradicional, esperam muito de mim, e aos poucos eu vou mostrando q essas expectativas não iram se concretizar (casar, ter filhos, ser ‘chefe de família’). No início foi difícil, Minha mãe sugeriu fazer tratamento hormonal, ou q, após o meu termino, eu ficasse sozinho pois ninguém iria aceitar ‘isso’. (Chemestry Ace).²⁸

Podemos destacar, nas três entrevistas, a questão do medo de revelar à família, sentimento que é bem proeminente, devido ao fato de que o *não desejo* não é considerado uma sexualidade, mas uma aberração. Exemplo disso é quando a mãe de Chemestry Ace traz o discurso sobre a necessidade de *tratamento hormonal*, como se isso corrigisse o “distúrbio”, a “anomalia”. Com isso, o papel da familiar nuclear é primordial para a manutenção de uma vida normatizada: “Diz-se, frequentemente, que a sociedade moderna tentou reduzir a sexualidade ao casal – ao casal heterossexual e, se possível legítimo. [...] Assim é a família, ou melhor, assim são as pessoas da casa, os pais, os filhos e em certos casos, os serviços” (FOUCAULT, 1988, p. 53).

É nesse modelo de família que as subjetividades são serializadas e, com isso, produzem corpos e afetos. Por falta de interesse, seja econômico ou de relevância acadêmica, essas pessoas continuam à margem, pois desafiam o poder do sexo e sustentam uma condição assexuada.

Perguntamos a Chemestry Ace sobre sua participação nos grupos de assexuais no Facebook. Ele relata que os acha interessantes, salientando a força dessa troca, dizendo:

Eu acho uma ótima ferramenta para integrar os diversos tipos de assexuais existentes mundo a fora. Uma maneira de se sentir ‘em casa’, pois mesmo com

²⁷ Dados da Entrevista. Pesquisa de Campo.

²⁸ Dados da Entrevista. Pesquisa de Campo.

histórias completamente diferentes, a maioria de lá passou ou passa pela mesma dor, alegria, experiências. E isso nos torna irmãos. (Chemestry Ace).²⁹

Essa fala é bem potente, pois, quando ele coloca a palavra irmãos, dá um sentido gregário, de pertença a um grupo. É um lugar no qual se sente em *casa*, no qual o mundo *online* abre espaços para trocas de experiências. A importância desses grupos reside também no fato de que são compreendidos como um lugar de resistência, nos quais fluxos e formas coexistem. É preciso pontuar que esses grupos não atuam como um único, criando um local angelical, em que tudo será resolvido; ao contrário, há também seus endurecimentos e reproduções.

Nessa direção, Jungblut (2003), em seu artigo sobre heterogenia no mundo *online*, recorre a Pierre Levy, autor que separa o conceito de virtual do de virtualização. Ele refere à virtualização como um êxodo, no qual os mecanismos de virtualização podem possibilitar a comunicação e a interação humana, sem a presença física, sugerindo, assim, uma abertura para novas possibilidades de comunicação.

Dentro das comunidades assexuais esse processo de virtualização é bem presente, pois, segundo observado na nossa estada nessas comunidades, as pessoas se vinculam. Há uma interação maior do que somente tirar dúvidas ou explanar sobre a assexualidade. Como já falado, os encontros pessoais ou *off-line* transportam não só para uma relação virtualizada, mas também *face a face*. Com isso, esse processo de mediação por computadores entre os assexuais é dispositivo disparador para novas modalidades de relação.

Questionamos Chemestry Ace se ele tem algum amigo assexual, no mundo *off-line*, ao que ele responde “sim”. Ele disse que tinha um colega do curso de graduação, o qual identificou como *demirrômantico* e *demissexual*. Perguntamos a ele como descobriu: “Ele falou q era assexual num debate sobre gêneros q teve na aula de psicologia da educação.” (Chemestry Ace).³⁰

Essa resposta nos trouxe a importância da discussão de gênero dentro da sala de aula e, também, com futuros professores. O psicólogo-professor-interventor que traz essa discussão amplia esse universo, convocando os alunos como atores da própria discussão. Com esse pensar, acreditamos ser uma atuação “(...) em um campo que estaríamos implicados em nossas práticas psicológicas (PASSOS & BARROS, 2000, p. 75).

²⁹ Dados da Entrevista. Pesquisa de Campo.

³⁰ Dados da Entrevista. Pesquisa de campo.

É interessante pensar a Psicologia e outras áreas como processos inventivos, em que traçar uma linha flexível pode abrir para essa discussão, tão cara a essa ciência e a outros saberes. É nesse ato de criação que o psicólogo pode ser interventor, abrindo derivas, pensando na discussão de gênero, que, para alguns seria desnecessária, principalmente para alunos de cursos das ciências ditas duras. Com isso, entrelaça-se discussões outras, favorecendo novas formas de vivenciar a sexualidade, de se singularizar. “O caráter inventivo ou construtivo que se atribui agora às ciências atesta que se deve menos buscar seu fundamento do que traçar o mapa de sua constituição, dando conta dos diferentes ‘interesses’ e componentes que participam da formação dos saberes” (PASSOS & BARROS, 2000, p. 76).

Ao perguntar se ele sabia o que era identificação romântica, ele disse que sim, e logo se identificou como heterorromântico. Nós o questionamos sobre a importância dessa classificação. “Considero muito importante. Pq existem vários espectros da assexualidade, e saber definitivamente em qual vc se encontra te deixa um pouco mais seguro” (Chemistry Ace).³¹

Podemos pensar essa resposta por várias possibilidades; apontemos duas. A primeira é por ser a assexualidade ainda um campo instável, e Chemistry Ace, traz um pouco nessa fala, que talvez a orientação heterorromântica, traga algo mais próximo do crível, de algo normatizado. A outra possibilidade é a pontada por Brigeiro (2013), autor que traz a assexualidade como uma quarta orientação, pois se trata de uma condição e não como uma escolha, mas o que difere das orientações sexuais como heterossexualidade, homossexualidade a bissexualidade é que: “(...) por um lado, a assexualidade é uma condição e não uma escolha, por outro, a avaliação sobre assumir tal identidade como adequada para si depende exclusivamente de uma avaliação subjetiva” (BRIGEIRO, 2013, p. 265).

Nessa perspectiva, podemos pensar não somente sobre a questão do desejo, mas sobre as variações da assexualidade, que são muitas. Será que também não são escolhas subjetivas, e, no caso das variações sexuais da assexualidade, como os *Gray-A* ou demissexualidade, será que não há desejo sexual em algumas condições propícias? É possível pensar na demissexualidade e nos *Gray-A* como as variações que mais divergem dentro do espectro da assexualidade, escapando, de certa maneira, do escopo do *não desejo*

³¹ Dados da entrevista. Pesquisa de campo.

sexual, para momentos ou condições pertinentes. No caso dos demissexuais, é necessário vínculo afetivo para que esse desejo do ato sexual apareça.

4.2.4 France Ace

A quarta entrevista foi realizada por Skype,³² com um rapaz que conhecemos na comunidade assexual, ao fazer o pedido para ser entrevistado. France Ace tem 20 anos, mora em uma cidade periférica de São Paulo. Estudante de Letras, Português/Francês, na Universidade Federal do Estado de São Paulo. Ele relata que vem de família humilde e mora com seu pai e sua avó. Na entrevista, ele teve de ir para a cozinha, pois dividia seu quarto com ela. Diz ainda que tem um dia muito atarefado, pois a distância entre sua casa e a Universidade é grande.

Antes de iniciar a entrevista propriamente dita, France Ace nos fala: “Olha, (pausa), pode ser um projeto em que as outras pessoas podem se enquadrar, escolho a assexualidade! A assexualidade está ao lado da bandeira LGBTI, e como as pessoas entendem (risos). Fico pensando que as pessoas podem ter duas sexualidades” (France Ace).³³ Essa fala é instigadora, pois France Ace é bem falante, tem um vocabulário amplo. Entretanto, ficamos inquietados com essa questão de duas orientações, e perguntamos a ele: você acha que a assexualidade é mais que uma orientação? “Se colocar do lado dos assexuais e de outras nuances, pode ser demi, assexual homorromântico, heterorromântico, e o que as pessoas que vem em uma leitura sobre a assexualidade.” (France Ace).³⁴

Entretanto, como já citado há uma divisão das variações do espectro assexual, realizada pela AVEN. Podemos pensar para além dessas classificações, até que ponto os assexuais podem se abrir para um polimorfismo dentro da própria assexualidade, se falarmos nas sexualidades que fazem parte do espectro cinza como os *demissexuais* e *Gray-A*.

Podemos perceber que a sociedade capitalista cria mecanismos de manipulação e gestão da vida. Com isso, pensando na assexualidade e nas falas dos entrevistados, a classificação romântica ou arromântica, além de outras variações, podem trazer a busca da verdade dos sujeitos por meio da sexualidade, como diria Michel Foucault (CARVALHO, 2008). Assim, podemos pensar em uma verdade que os assexuais buscam, e em uma retificação da identidade ou busca de uma visibilidade. Ao se abrirem, contudo, para

³² Dispositivo eletrônico para conferências via *web*.

³³ Dados da entrevista. Pesquisa de campo.

³⁴ Dados da entrevista. Pesquisa de campo.

derivações dentro da própria assexualidade, eles podem também criar misturar e se abrir para a heterogeneidade. Nesse contexto, podemos ampliar a discussão sobre o polimorfismo:

[...] o polimorfismo da experimentação do desejo aponta-nos efetivamente para um campo de intensidades que, antes de ser definido, rotulado e identificado, ganhando dessa forma os contornos de uma sexualidade adulta, é um processo que comporta o múltiplo e dentro dele, o movimento. É como se Foucault nos dissesse que, antes de sermos homens, mulheres ou homossexuais, somos atravessados por todas estas possibilidades, por todas estas intensidades, num movimento que os poderes hegemônicos não podem tolerar, dado que isto comporta uma ambiguidade, que por sua vez impossibilita a previsão e o controle. (CARVALHO, 2008, p. 164)

Ficar fora da previsibilidade, principalmente dentro da sexualidade, traz uma incerteza acerca da minha própria identidade. Acreditamos que, por isso, a identidade da assexualidade trouxe para France Ace um território, um porto seguro em relação ao que ele é, concernente ao sexo. Não estamos hostilizando essa busca pela identidade, pois ela se apresenta coextensiva à busca de visibilidade e, no caso da assexualidade, na sua emergência como orientação sexual.

Perguntamos para France Ace como ele começou a se identificar com a assexualidade: “Na verdade não faz muito tempo. Já estava nesse processo de estar pensando nisso (silêncio), pois dentro da demissexualidade, que está dentro da assexualidade. Eu acho, foi um momento interessante.”³⁵ Percebemos, pelo vídeo, que France Ace ficou comovido, sentimos um embargo em sua voz. Então, perguntamos como era isso para ele.

Eu li um texto na página do Facebook, as pessoas falando que pregam a liberdade assexual e tem um pessoal que não compartilha dessa idéia. Como isso é segregador. (PAUSA). No mesmo dia, curtia a página assexual, ele publicou um vídeo, sobre demissexualidade e foi libertador. Comecei a perceber que sentia certas coisas. (France Ace).³⁶

Nessa fala, France Ace traz o vídeo do YouTube sobre demissexualidade, Ao ver o vídeo, há um transbordamento, algo que se identifica, nessa busca de si. Nesse momento, identifica como portador de uma sexualidade. Encontrar uma identidade a qual ele pertença. E fazemos outra pergunta.

Você fala da demissexualidade. Você se coloca como demissexual e gay. Como é para você? “Das experiências que eu tentei, das formas muito estranhas, conhecer pessoas

³⁵ Dados da entrevista. Pesquisa de campo.

³⁶ Dados da entrevista. Pesquisa de campo.

as pela internet, pois eu acho mais tranquilo. Comecei a andar nesse quesito relacionamento a vida toda, que foi um problema na vida toda.” (France Ace).³⁷

A internet se abre como uma possibilidade nos relacionamentos na contemporaneidade, pois é nessa relação com o mundo virtual que se criam avatares, perfis e outras possibilidades de construção de si no mundo virtual (BELELI, 2015). Essa identidade mutante visa a atender a demanda do usuário, no caso dos assexuais, um local de *acessibilidade*, em que algumas questões já estão ditas ou querem ser aprendidas, onde encontros podem ser realizados, amizades podem ser feitas, como nos caso da assexualidade.

Podemos pensar nessa díade que France Ace vivencia, de ser homossexual e demissexual, o que amplia nosso olhar para essas orientações. Como foi dito, há a necessidade de vínculo afetivo, que margeia as relações *demi*, seja hétero, bissexual ou homo.

Insistimos, na entrevista, em saber mais profundamente sobre a comunidade assexual e de que comunidades assexuais ele fazia parte.

Há! Somente uma comunidade assexual como já havia te dito. Ela é aberta, e é a mais difundida do que outra, mas tenho outra página que é do assexual orelhudo. Quando entrei lá escrevi um texto que estava, pois estava em um pensamento muito difícil. E ai responderam, e ai arrumei um colega, que é colega até hoje. Ele me ajudou muito nesse processo de aprendizagem. Outras coisas que penso de mim, vou construindo. (France Ace).³⁸

Nesse aprendizado sobre a assexualidade, nessa construção dentro da demissexualidade, France Ace nos fala de várias dores, sofrimentos e percalços, nos dando pistas de uma sexualidade em trânsito. Louro (2008), ao realizar uma viagem com esses viajantes pós-modernos, nos coloca que “(...) é preciso abandonar qualquer pressuposto de um sujeito unificado, que vá se desenvolvendo de modo linear e progressivo” (LOURO, 2008, p.12). Vemos essa história acompanhando France Ace, em uma sexualidade que questiona, transita, anda a margem. Na sua busca incessante por um lugar, por uma identidade que se coaduna com o que sente em seu corpo, ele vai transitando. Esse movimento traz deslocamentos, não a busca de um fim, mas o movimento nos territórios da sexualidade. Nesse pensamento, “(...) supor que o sujeito que viaja é, ele próprio, dividido, fragmentado e cambiante” (LOURO, 2008, p. 13). Assim, percebemos, nessa busca, sua subjetividade cambiar entre o seu desejo homossexual e a necessidade de vínculo afetivo da

³⁷ Dados da entrevista. Pesquisa de campo.

³⁸ Dados da entrevista. Pesquisa de campo.

demissexualidade. Nessa busca pelas sexualidades em trânsito, perguntamos como é a sua interação na comunidade.

Eu não posso postar como fizeram ontem sobre sexo e sobre ficar com pessoas. Eu não posso opinar, pois só tive uma pessoa (EMBARGO NA VOZ). E esta pessoa que tinha todo um problema, tinha sofrido um abuso na infância, e tinha questões dele, em que não soube resolver até hoje. E com isso, sobre relacionamento e o sexo não posso opinar. (PAUSA). Mas deixa o coração saber. (France Ace).³⁹

Todavia, France Ace coloca-se em um lugar de *não poder falar de sexo*, como se, para tal, ele tivesse de ser um especialista sobre sexo e relacionamento. Nessa perspectiva, percebemos que a demissexualidade se afasta da própria assexualidade, pois a necessidade do ato sexual ultrapassa o biológico, realizado somente mediante vínculo afetivo. Observamos, aqui, a necessidade de quebrar esses estereótipos de gênero. Nessa perspectiva, podemos afirmar:

que estereótipos sexuais ou de gênero referem-se a um conjunto de crenças estruturadas acerca dos comportamentos e características sexuais adquiridos ao longo do processo de socialização realizado por agentes, como a família e a escola, que transmitem valores e convicções por meio dos estereótipos. (REIS & MAIA, 2009, p. 138)

Percebemos que France Ace, na sua fala, traz, entrelaçado com sua história e seus olhares, a questão da experiência com parcerias do mesmo sexo. Ele não vê, em si, uma pessoa que possa opinar sobre algo que não vivenciou. No entanto, em seu relato, sua história afetiva não deve ser descartada, pois ela ocorre no que é possível, ou seja, mesmo que o desfecho não tenha sido o de um casal normatizado, foi o que era possível construir.

Realizamos o desfecho da entrevista perguntando o que mudou depois que ele descobriu a assexualidade.

(PAUSA) E que não era tão anormal quanto pensava. Que eu tinha um nome e uma classe que me contemplavam. Acho que libertou. (RISOS) Eu tinha uma orientação muito religiosa na infância, por isso eu olhava muito com uma moralidade da Igreja. Isso me fez pensar em muitas coisas, como eu ficava triste na balada, em quanto as pessoas conseguiram ficar com vários. (France Ace).⁴⁰

Não podemos deixar de falar da construção da anormalidade da sexualidade e da Igreja, em que uma retroalimentava a outra. Na década de 1980, com advento da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (SIDA), ocasionado pelo HIV (*Human Immunodeficiency*

³⁹ Dados da entrevista. Pesquisa de campo.

⁴⁰ Dados da entrevista. Pesquisa de campo.

Virus), morreram muitos homossexuais devido a essa doença. Com isso, o grupo de homossexuais ficou estigmatizado, e houve uma ligação a um hipotético castigo devido à sua orientação sexual. Eles eram considerados promíscuos e pervertidos, discurso que a Igreja sustentava, na época, em relação ao vírus (SOARES, 2012).

Isso é um fato histórico relevante, para mostrar como a Igreja foi danosa, principalmente na produção de forte culpa nesse grupo social. Nesse processo, outro ponto que merece destaque é a necessidade de que essa sexualidade marginal necessitasse contenção. Podemos citar, ainda, movimentos na época para mudanças das sexualidades desviantes, no caso de hormônios para extinguir a assexualidade e a homossexualidade:

A atribuição ao divino (que nega a homossexualidade por ser pecado, doença, etc.) de um poder de transformação é recorrente no discurso religioso cristão. Barganha da fé: promessa que se faz em troca de saúde e/ou de um lugar social. Tal como ocorreu com um projeto da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (rejeitado em 9/12/2004 por 30 votos a 6) que pretendia ,com uma ajuda de custo e muita fé, transformar (os doentes) [...]. (SOARES, 2012, p. 113).

Essas marcas que perpassam France Ace e outras pessoas com sexualidade desviantes mostram histórias de vida que se abrem para o novo, em um processo de desconstrução ao se perceberem diferentes em sua demissexualidade/homossexualidade, em não sem sentirem bem, por exemplo, em uma balada. Essas vidas singulares devem ser potencializadas, e não corrigidas, dentro de uma falsa percepção do que venha a ser uma verdadeira assexualidade ou demissexualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Deslizando pelo arco-íris com tonalidades de cinza e preto

Nesta dissertação, propomo-nos estudar a assexualidade e a sua emergência na atualidade. Apesar de considerarmos a assexualidade como uma orientação sexual, abordamos sua *não visibilidade*, no escopo de outras orientações sexuais, bem como as relações de força presentes nessa dimensão. Assim, buscamos pesquisar essa orientação sexual em suas relações com um *site* e com comunidades em redes sociais que versam sobre essa temática. Para isso, foi necessário pesquisar o arcabouço teórico sobre o tema da assexualidade, que em língua portuguesa possui ainda poucas produções, embora haja livros e artigos em inglês, também estudados por nós. Além disso, estudamos a assexualidade no mundo virtual, como *sites* como a AVEN, sendo este o maior *site* de conteúdo sobre a assexualidade, e o Facebook. Dentro do Facebook, pesquisamos em comunidades voltadas exclusivamente para a comunidade assexual. Nesse percurso, utilizamos alguns autores como intercessores, dentre eles, Michel Foucault, Gilles Deleuze, Félix Guattari e a teórica *queer* Beatriz Preciado, para dialogar e aprofundar na discussão sobre a assexualidade. Nossa pesquisa teve ainda um cunho netnográfico, embora também tenham sido feitas entrevistas presenciais com pessoas que se autoidentificavam como assexuais ou nesse espectro.

No início da pesquisa, delineamos e introduzimos a temática da assexualidade. Nesse contexto, discutimos a divisão singular ao público assexual, que é a divisão entre a orientação sexual e a orientação romântica. Com isso, entendemos que a divisão *sexo e amor romântico* cria um novo paradigma para pensar a sexualidade dentro de um contexto sexual e penetrativo. Dado o exposto, podemos perceber que há uma variabilidades de desejo sexual e ligação romântica, dentre eles a “*gray area*”, e que contempla os demirromânticos e os *Gray-A*.

Tendo em vista os aspectos observados, a Psicologia tem se aberto a essa temática de forma tímida, mas que mostra a importância de se pesquisar esses temas e outros relacionados à temática de gênero e de sexualidade, como entre os campos e as discussões entre eles. Porém, não defendemos a ideia de que haja um psicólogo especialista em “sexo”, e sim que esse profissional delineie sua discussão com suporte para as políticas públicas voltadas para o grupo LGBTQIA (Lésbicas, Gays, Transgêneros, Queers, Intersex e

Assexuais), colocando com A, como forma provocativa e inclusiva para esse grupo. Ou seja, não desconsiderando a existência dessa orientação sexual.

Seguimos nosso percurso, como um psicólogo engendrado em um devir historiador, utilizando de artefatos de um olhar foucaultiano para percorrer a breve história da assexualidade e as possibilidades que fizeram surgir esse fenômeno. Nessa direção, nossa sucinta pesquisa genealógica trabalhou a emergência, e não a origem, dessa orientação sexual e como essa emergência ocorre dentro uma sociedade sexocentrada. A urgência de dispositivos como os aplicativos como *Tinder*, *Scruff*, *Grindr*, dentre outros, chamados de aplicativos de “pegação”, mas que podem ser utilizados para finalidades de busca de parcerias, como dito pelos entrevistados no capítulo 3. Podemos perceber o poder da internet e seus congêneres em várias ações do cotidiano. Os entrevistados, ao tentar buscar parcerias não sexuais ou com vínculos afetivos nesses aplicativos, abrem uma deriva, um desassossego, uma possibilidade de encontro. Como eles são homo orientados, a busca de uma parceria assexual, mesmo havendo uma comunidade para assexuais LGBT, não dá conta de várias questões, tais como a distância, pois os aplicativos funcionam vinculados ao dispositivo *GPS*,⁴¹ que coloca à mostra pessoas mais próximas na expectativa de que tenham relações presenciais.

Em nosso estudo do mundo virtual, percebemos que a AVEN atua como um disparador para visibilidade da assexualidade, abrindo outras possibilidades e discutindo esse tema em um viés não medicalizado. Outro fato importante é a presença da discussão acadêmica de Hinderliter (2009a, 2009b) que, sendo assexual, faz colocações acerca da assexualidade a partir de uma produção de conhecimento científica. Não podemos esquecer de Bogaert (2004/2006), Brotto e Yule (2009) e, no Brasil, Brigeiro (2013), Oliveira (2014), entre outros. Todos esses autores dão visibilidade acadêmica, política e midiática ao tema estudado. Hoje, alguns *youtubers* já trataram do tema, como o canal “Pergunte às Bee”, em que uma garota traz a sua vivência como demissexual. Essa veiculação no *site* YouTube fez com que algumas pessoas comesçassem a se identificar com essa orientação, inclusive dois dos nossos entrevistados. E nesse intercâmbio do molar e do molecular, do que está instituído e é visível, com as forças invisíveis e potentes, misturam-se subjetividades e orientações sexuais, e essas duas dimensões tornam-se coextensivas, que é como o assexual se experimenta e o que perpassa nesse processo. Em virtude do que foi mencionado, esse

⁴¹ Sigla para *Global Positioning System*, que em português significa “Sistema de Posicionamento Global”, e consiste numa tecnologia de localização por satélite.

tornar-se assexual é uma experiência subjetiva, que se constrói por meio de um processo de autoidentificação. Mas há uma linha que deve ser puxada, que é a importância da internet nessa subjetivação, tanto nos relatos vistos no *site* da AVEN, como nas comunidades brasileiras do Facebook aparecem narrativas da *descoberta* da assexualidade.

Realizamos uma leitura da assexualidade, com ajuda dos intercessores Deleuze e Guattari, em uma perspectiva rizomática. Dessa forma, tentamos tirar a assexualidade dentro de uma contextualização entre o *sexual* e o *não sexual* e esforçamos por burlar essa dicotomia. Dado o exposto, propomos *desgenitalizar* o sexo, não como algo que seja negado ou destituído de função, mas como um processo de desconstrução, abrindo outras possibilidades nesse domínio. Em virtude do que foi mencionado, pensar a sexualidade com olhar de um polimorfismo, de uma heterogeneidade em movimento, pura diferença. De uma sexualidade mutante, que em alguns momentos é arborescente e em outros é rizoma; em certas circunstâncias segue modelos e em outras vibra em forças singulares. A assexualidade compõe uma linha de fuga dentro um sistema sexocentrado, com uma nova corporificação para um *não desejo* ou derivações dele.

Finalizando, propomos pensar a assexualidade como orientação possível, na busca de conexões políticas, fazendo uma comparação com o movimento homossexual na década de 1990, no qual houve uma mudança de paradigma em relação aos anos de 1980. Na década de 1990, foram duas vertentes, uma no âmbito do poder legislativo e outra do poder judiciário, em que houve ações na tentativa de coibir a discriminação por orientação sexual. Além disso, tivemos o projeto de Lei em 1995 com a perspectiva de regular a união civil entre pessoas do mesmo sexo. A partir desses movimentos pelos direitos civis de pessoas que formam parcerias homossexuais, essa discussão foi trazida à baila, uma vez que ela não era valorizada e discutida pela sociedade. O outro fator é a inserção dos homossexuais dentro do mercado de serviços, com a criação de bares, sites, saunas e propaganda, e, com isso, um misto entre a militância e o mercado. A terceira seria a participação de homossexuais não organizados para uma política de visibilidade maciça e o surgimento de paradas de orgulho gay, com uma grande visibilidade atual e a organização de grupo de homossexuais em Organização Não Governamental (ONGs) (Ramos & Carrara, 2006).

A assexualidade utiliza e traz a sua emergência nos conteúdos *online*, a nosso ver, nos discursos proferidos e discussões sobre essa orientação, criando, assim, um *ciberativismo*, como vemos no caso das pessoas que querem realizar um Censo Ace via internet. Nessa discussão da possibilidade da assexualidade como orientação, com sua

pluralidade, para algumas pessoas pode parecer ambivalente e contraditório, uma vez que, como no caso dos homossexuais masculinos, o desejo é pelo mesmo sexo. Contudo, no assexuais e com sua pluralidade, como as outras orientações, esse desejo verte para um *não desejo*, plano de imanência que pode ser uma forma de olhar e se implicar na vida.

Para tal, é preciso despatologizar a assexualidade, como fizemos no terceiro capítulo, isso fundamentado nas ideias do psicólogo Anthony Bogaert, que efetua uma leitura, no primeiro artigo que trata da assexualidade, fora de um viés medicalizado. Essa mesma perspectiva também é desenvolvida por autores como Nicole e Prause (2007).

Ao dar voz aos sujeitos que possuem essa orientação sexual, podemos perceber que algumas falas no Facebook mostram o processo de identificação aos seus pares como algo relevante. Vemos que muitas dúvidas estão relacionadas à criação desse corpo assexual, como sentimento, masturbação, preliminares antes do sexo e outros assuntos. Outro fator importante é ser um veículo de uma *acessibilidade*, em que criam possibilidades de busca de parcerias, de amizade e relacionamento. A assexualidade, para muitos, surge como uma tensão entre processos de subjetivação inéditos em sua relação com a internet, sendo esta valorizada para essa *descoberta* e sua vivência no cotidiano. Nesse sentido, a internet emerge sendo um importante mediador entre a assexualidade e os corpos assexuais.

Os sujeitos entrevistados têm histórias heterogêneas nessa busca do *não desejo* e as variações que decorrem da vivência da assexualidade. Para muitos, a classificação como assexual e a classificação dentro desse mundo trazem uma visibilidade de quem ele é, constrói um território no qual consegue habitar e circular. Observamos marcas singulares de viver essa orientação, mas os entrevistados ressaltam essa orientação sexual como algo que traz muitos embates dentro do mundo sexocêntrico. Concluímos que há um grande receio da descoberta da assexualidade pelos familiares, pois há uma possibilidade de medicalização e busca de cura, como, por exemplo, no caso de uma entrevistada que nos disse que sua família queria fizesse reposição hormonal. Contudo, percebemos que, para todos os entrevistados, a *descoberta* e a sustentação da assexualidade, nem que seja para si mesmo, traz um território onde é possível viver.

Certamente, a orientação sexual da sexualidade é algo novo, a respeito da qual ainda há de serem feitos estudos e pesquisas, dando vozes a esses sujeitos. Assim, em nossa pesquisa, não pretendemos esgotar a assexualidade como tema, pretendemos aprofundar esse tema e suas possibilidades. Desejamos, sim, que este trabalho seja disparador para outros trabalhos com essa temática.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. “Às margens d’O Mediterrâneo: Michel Foucault, historiador dos espaços”. In: ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval. Muniz; VEIGA NETO, Alfredo; SOUZA FILHO, A. (orgs.). **Cartografias de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 93-107.

ALBUQUERQUE, Grayce *et al.* Violência psicológica em lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais no interior do Ceará, Brasil. **Saúde Debate**, Rio de Janeiro, v. 40, n. 109, p. 100-111, abr.-jun. 2016.
Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sdeb/v40n109/0103-1104-sdeb-40-109-00100.pdf>. Acesso em: 1 ago. 2016.

AMERICAN PSYCHIATRY ASSOCIATION - DSM - 5 - **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. 5. ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2014.

Asexuality: A Brief Introduction. 2012. Disponível em: <http://www.asexualityarchive.com/wp-content/uploads/2012/05/AsexualityABriefIntroduction.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2015.

AVEN. **The Asexual Visibility & Education Network**. c2001-2012. Disponível em: <http://www.asexuality.org/home/>. Acesso em: 1 mar. 2016.

AVEN. **The Asexual Visibility & Education Network**. so are u a Virgin or Non-Virgin Asexual? Disponível em: <http://www.asexuality.org/en/topic/32196-so-are-u-a-virgin-or-non-virgin-asexual/>. Acesso em: 3 set. 2016.

BELELI, Iara. O imperativo das imagens: construção de afinidades nas mídias digitais. **Cadernos Pagu**, n. 44, p. 91-114, jan.-jun. de 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/cpa/n44/pt_0104-8333-cpa-44-00091.pdf. Acesso: 20 mar. 2016.

BENTO, Berenice. As tecnologias que fazem o gênero. *VIII Congresso Iberoamericano De Ciência, Tecnologia E Gênero*, 8, 2010, Curitiba. CD ROM.

BOGAERT, Anthony. Asexuality: prevalence and associated factors in a national probability sample. **Journal of Sex Research**, v. 41, n. 3, p. 279-287, ago. 2004.

BOGAERT, Anthony . Toward a conceptual understanding of asexuality. **Review of General Psychology**, v. 10, n. 3, p. 241-250, ago. 2006.

BRIGEIRO, Mauro. A emergência da assexualidade: notas sobre política sexual, *ethos* científico e o desinteresse pelo sexo. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, n. 14, p. 253-283, ago. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sess/n14/a12n14.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2015.

BRITO, Maria Remedios. Notas sobre a ideia de intercessores como um conceito na filosofia de Gilles Deleuze: por um teatro filosófico. **Alegrar**, n. 11, jun. 2013. Disponível em: http://www.alegrar.com.br/revista11/pdf/notas_sobre_intercessores_brito_alegrar11.pdf. Acesso em: 10 fev. 2015.

BROTTO, Lori Anne A *et al.* Asexuality: a mixed-methods approach. **Archives of Sexual Behavior**, v. 39, n. 3, p. 599-618, 2010.

BROTTO, Lori Ane , YULE, Morag. Reply to Hinderliter. **Archives of Sexual Behavior**, v. 38, n. 5, p. 622-623, out. 2009.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CAMPONI, Sandra. O DSM-V como dispositivo de segurança. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 3, p. 741-763, 2014 Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/physis/v24n3/0103-7331-physis-24-03-00741.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2016.

CARRIGAN, Mark. Asexuality and its implications for sexuality studies. **Psychology of Sexualities Review**, v. 4, n. 1, autumn 2013.

CARVALHO, Alexandre Magno Teixeira. O processo de produção discursiva: uma visão da contribuição de Michel Foucault ao debate epistemológico. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, 2001. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/7696/5705>. Acesso em: 10 jul. 2016.

CARVALHO, Paulo Roberto. “Identidade Sexual: uma abordagem crítica”. In: SILVEIRA, Andréa F. *et al.* (orgs.). **Cidadania e Participação Social**. Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, Rio de Janeiro, 2008. p. 159-179. Disponível em: https://craspsicologia.files.wordpress.com/2012/04/livro_cidadania_e_participacao_social.pdf. Acesso em: 25 de jul. 2016.

CASSAL, Luan Carpes Barros, GONZALEZ, Aline Monteiro Garcia, BICALHO, Pedro Paulo Gastalho. Psicologia e o dispositivo da sexualidade: biopolítica, identidades e processos de criminalização. **Psico**, Rio Grande do Sul, v. 42, n. 4, p. 465-473, 2011. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/8600/7451>. Acesso em: 17 mar. 2016.

CASSIANO, Marcella; FURLAN, Reinaldo. O processo de subjetivação segundo a esquizoanálise. **Psicologia e Sociedade**, Belo Horizonte, v. 25, n. 2, 2013. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822013000200014&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 2 out. 2015.

CERANKOWSKI, Karli. June; MILKS, Megan New orientations: asexuality and its implications for theory and practice. **Feminist Studies**, n. 36, p. 650-664, Fall 2010.

_____. **Asexualities**: feminist and queer perspectives. New York: Routledge, 2014.

CHASIN, CJ, DeLuzio. Theoretical issues in the study of asexuality. **Archives of Sexual Behavior**, v. 40, n. 4, p. 713-723, ago. 2011.

CHU, Erica. “Radical identity politics: asexuality and contemporary articulations of identity”. In: CERANKOWSKI, Karli June, MILKS, Megan (orgs.). **Asexualities: feminist and queer perspectives**. New York: Routledge, 2014. p. 79-99.

COIMBRA, Cecília Maria Bouças; NASCIMENTO, Maria Livia. O efeito Foucault: desnaturalizando verdades, superando dicotomias. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 17, n. 3, p. 245-248, 2001.

DANTAS, Bruna Suruagy do Amaral. Sexualidade, cristianismo e poder. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, ano 10, n. 3, p. 700-728, 2010. Disponível em: <http://www.revispsi.uerj.br/v10n3/artigos/pdf/v10n3a05.pdf>. Acesso em: 2 fev. 2016.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Ed. Escuta, 1998.

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução: Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Vol. 1. São Paulo: Editora 34, 1995. (Coleção Trans).

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução: Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Vol. 5. São Paulo: Editora 34, 1997. (Coleção Trans).

DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

DEL PRIORE, Mary. **História do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2005.

DIAMOND, Lisa M. What does sexual orientation orient? A biobehavioral model distinguishing romantic love and sexual desire. **Psychological Review**, v. 110, n. 1, p. 173-192, jan. 2003. Disponível em: <http://www.psych.utah.edu/people/people/diamond/Publications/What%20does%20Sexual%20Orientation%20Orient.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2015.

DIAMOND, Lisa M. **Sexual fluidity: understanding women's love and desire**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2008.

DIAS, Vanina Costa. **“Morando na rede”**: novos modos de constituição de subjetividades de adolescentes nas redes sociais. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Belo Horizonte, 2015.

FACEBOOK. **Evento ace realizado no Rio de Janeiro em 06 de março de 2016**. Disponível em: <https://www.facebook.com/events/713933248764234/>. Acesso em: 1 mar. 2016.

FERREIRA, Marcelo Santana. Sobre crianças, sexopolítica e escrita de si. **Revista Polis e Psique**, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 51-64, 2016. Disponível em: http://seer.ufrgs.br/index.php/PolisePsique/article/view/61381/pdf_79. Acesso: 9 ago. 2016.

FLORE, Jacinte. “Mismeasures of sexual desires”. In: CERANKOWSKI, Karli. June, MILKS, Megan (orgs.). **Asexualities: feminist and queer perspectives**. New York: Routledge, 2014. p. 17-34.

FONSECA, Marcio Alves. “Entre Monstros, onanistas e incorrigíveis: as noções de ‘normal’ e ‘anormal’ nos cursos de Michel Foucault no Collège de France”. In: RAGO, Margareth, ORLANDI, Luiz B. Lacerda; VEIGA-NETO, Alfredo (orgs.). **Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas**-Rio de Janeiro. D P& A, 2002. p 239-254.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

_____. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. “Aula sobre Nietzsche”. In: FOUCAULT, Michel. **Aulas sobre a Vontade de Saber: curso no Collège de France (1970-1971)**. São Paulo: Martins Fontes, 2014. p. 183-200.

_____. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1999.

_____. Michel Foucault, uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade. **Verve**, São Paulo, n. 5, p. 260-277, 2004. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/viewFile/4995/3537>. Acesso em: 10 abr. 2015.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2011.

_____. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. **Os Anormais: curso do Collège de France (1974-1975)**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

_____. O saber gay. **Ecopolítica**, n. 11, p. 2-27, jan.-abr., 2015. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/ecopolitica/article/viewFile/23545/16906>. Acesso em: 15 jul. 2016.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Rio de Janeiro, Imago, 2002.

GAGNON, John; SIMON, William. **Sexual conduct: the social sources of human sexuality**. Chicago: Aldine Publishing Company, 1973.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade: amor, erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GRUPTA, Kristina. “Asexuality and disability: mutual negation in Adam v. Rice and new directions for a coalition building”. In: CERANKOWSKI, Karli June; MILKS, Megan (orgs.). **Asexualities: feminist and queer perspectives**. New York: Routledge, 2014. p. 283-301.

GUATTARI, Félix. **Revolução Molecular**: pulsações políticas do desejo. São Paulo: Brasiliense, 1987.

HINDERLITER, Andrew Clinton. Asexuality: the history of a definition. **Asexual Explorations**, 2009a. Disponível em: http://asexualexplorations.net/home/documents/asexuality_history_of_a_definition.pdf. Acesso em: 12 ago. 2014.

HINDERLITER, Andrew Clinton. Methodological issues for studying asexuality. **Archives of Sexual Behavior**, v. 38, p. 619-621, 2009b.

HINE, Christine. **Etnografia Virtual**. Barcelona: UOC, 2004.

JUNGBLUT, Airton Luiz. A heterogenia do mundo online: algumas reflexões sobre virtualização, comunicação mediada por computador e ciberespaço. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 10, n. 21, p. 97-121, jan./jun. 2004.

KIM, Eujung. Asexualities and disabilities is constructing sexual normalcy. In: CERANKOWSKI, Karli June; MILKS, Megan (orgs.). **Asexualities**: feminist and queer perspectives. New York: Routledge, 2014. p. 249-282.

KOZINETS, Robert. V. “Netnography 2.0”. In: BELK, R.W. (org.). **Handbook of qualitative research methods in marketing**. Massachusetts: Edward Elgar Publishing. p. 129-142, 2007. Disponível em: <https://smpncilebak2011.files.wordpress.com/2011/11/handbook-of-qualitative-research-methods-in-marketing.pdf>. Acesso em: 28 mai. 2015.

KOZINETS, Robert. V. **Netnografia**: realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2014.

LOURO, Guaracira Louro. “Heteronormatividade e homofobia”. In: JUNQUEIRA, R. D. (org.). **Diversidade sexual na educação**: problematizações sobre homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação/UNESCO, 2009. p. 85-93.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. 1.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MASCARENHAS, Fabiana. **Assexuais lutam por respeito e visibilidade**. Disponível em: <http://atarde.uol.com.br/cienciaevida/noticias/1708575-assexuais-lutam-por-respeito-e-visibilidade>. Acesso em: 30 ago. 2015.

MISKOLCI, Richard. A teoria *queer* e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 11, n. 21, p. 150-182, jan./jun. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/soc/n21/08.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2015.

MÜNCHOW, Cleiton. Zoia. Testo Yonqui. **Educar em Revista**, Curitiba, n. especial 1, p. 197-201, 2014.

NARDI, Henrique Caetano; RIOS, Roger Raupp, MACHADO, Paula Sandrine. **Athenea Digital**, Barcelona, v. 12, n. 3, p. 255-266, nov. 2012. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/537/53724611016.pdf>. Acesso em: 23 de mai. 2016.

NOVELI, Marcio. Do *off-line* para o *online*: a netnografia como um método de pesquisa ou o que pode acontecer quando tentamos levar a etnografia para a internet? **Organizações em Contexto**, São Paulo, n. 12, p. 107-133, jul.-dez. 2010.

OLIVEIRA, Cristiane. Freud, a sexualidade perverso-polimorfa e a crítica ao discurso da degenerescência: revisitando tensões entre psicanálise e psiquiatria. **Ágora**, Rio de Janeiro, v. XIX n. 1, p. 53-67, jan./abr. 2016.

OLIVEIRA, João Manuel *et al.* Feminismos queer: disjunções, articulações e ressignificações. **Ex Aequo**, Lisboa, v. 20, n. 13-27, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aeq/n20/n20a03.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2015.

OLIVEIRA, Elizabeth, Regina Baptista. “**Minha vida de ameba**”: os scripts sexonormativos e a construção social das assexualidades na internet e na escola. 2014. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Educação, São Paulo, 2014. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-11052015-102351/pt-br.php>. Acesso em: 20 nov. 2015.

PAIVA, Cristian. “O inferno atravessa o mundo da educação: os embaraços da sexualidade e a fantasia da educação sexual”. In: COSTA, Adriano H. Caetano; JOCA, Alexandre M.; PEDROSA FILHO, Francisco X. R. (orgs.). **Recortes das sexualidades**: encontros e desencontros com a educação. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2011. p. 89-95.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides. A construção do campo da Clínica e o conceito de transdisciplinaridade. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 16, n. 1, p. 71-79, jan.-abr. 2000.

PELÚCIO, Larissa. Breve história afetiva de uma teoria deslocada. **Revista Florestan**, São Carlos, ano 1, n. 2, p. 26-45, 2014.

PEREIRA, Willian César Castilho Pereira. Movimento institucionalista: principais abordagens. **Estudos e pesquisa em psicologia**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 10-19, 2006.

PINTO, L. R. A história como jogo: contribuições de Michel Foucault para o ensino da história. **História & Ensino**, Londrina, v. 17, n. 1, p. 149-165, jan./jun. 2011. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/viewFile/11255/10025>. Acesso em: 29 nov. 2015.

POCAHY, Fernando. “O Corpo como heterotopia(?): problematizações na cama do gênero, da sexualidade e do envelhecimento”. In: FERRARI, A.; RIBEIRO, C. M.; CASTRO, R. P.; BARBOSA, V. **Corpo, gênero e sexualidade**. Minas Gerais: Universidade Federal de Lavras, 2014. p. 175-185.

PRAUSE, Nicole, GRAHAM, Cinthia A. Asexuality: classification and characterization. **Archives of Sexual Behavior**, v. 36, p. 341-356, 2007. Disponível em:

<http://www.indiana.edu/~kinsey/publications/PDF/PrauseGraham.pdf>. Acesso em: 2 ago. 2015.

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto contrassexual**. São Paulo: n-1 edições, 2014.

POGREBINSCHI, Thamy. Foucault, para além do poder disciplinar e do biopoder. **Lua Nova**, São Paulo, n. 63, 2004.

PRZYBYLO, Ela. Crisis and safety: the asexual in sexusociety. **Sexualities**, London, v. 14, n. 4, p. 444-461, 2011.

PRZYBYLO, Ela. Productions facts: empirical asexuality and the scientific study of sex. **Feminism & Psicologia**, London p. 1-19, abr. 2012. Disponível em: https://www.academia.edu/3275604/Producing_facts_Empirical_asexuality_and_the_scientific_study_of_sex. Acesso em: 20 jul. 2015.

RAMOS, Silvia, CARRARA, Sergio. A Constituição da Problemática da Violência contra Homossexuais: a Articulação entre Ativismo e Academia na Elaboração de Políticas Públicas. A constituição da problemática da violência contra homossexuais **Physis: Revista Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 185-205, 2006.

REIS, Kellen Cristina Florentino; MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. “Estereótipos sexuais e a educação sexista no discursos da mães”. In: ALLE, Tânia Gracy Martins do (org.). **Aprendizagem e desenvolvimento humano: avaliações e intervenções**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. p. 137-154.

RIOS, Roger Raupp. Para um direito democrático da sexualidade. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 12, n. 26, p. 71-100, jul./dez. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v12n26/a04v122>. Acesso: 20 mar. 2016.

ROMAGNOLI, Roberta. “A invenção como resistência: por uma clínica menor”. **Vivência**, Fortaleza, n. 32, p. 97-107, 2007.

ROMAGNOLI, Roberta. Os encontros e a relação familiar: uma leitura deleuziana. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 55, n. 1, p. 21-30, 2003 Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arbp/v55n1/v55n1a04.pdf>. Acesso em: 25 de mar. 2016.

ROSA, Marluza Terezinha. A incidência e a insistência da verdade no discurso: notas para reler A vontade de saber. **Linguagem em (Dis)curso**, Santa Catarina, v. 15, n. 1, p. 183-195, jan./abr. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ld/v15n1/1518-7632-ld-15-01-00183.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2015.

ROSSI, Daniel, PARO, Maria Clara Bonetti. Variação Nômade: Henry Miller, filosofia e o combate ao juízo. **Revista Estação Literária**, Londrina, Volume 10 C., p. 7-22, fev. 2013. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL10C-Art1.pdf>. Acesso em: 15 de ago. 2015.

SCOTT, Susie, DAWSON, Matt. Rethinking asexuality: a simbolic interacionist account. **Sexualities**, London v. 18, n. 1-2, p. 3-19, fev. 2015.

SILVA, Monica Magrini de Lima et al, Família e Orientação Sexual: Dificuldades na Aceitação da Homossexualidade Masculina. **Trends in Psychology**, Ribeirão Preto v. 23, n. 3, p. 677-692, 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v23n3/v23n3a12.pdf#page=1&zoom=auto,-107,799>. Acesso em: 1 ago. 2016.

SILVA, Roseane Neves. **A Dobra Deleuziana**: Políticas de Subjetivação. Rio de Janeiro: UFF, 2004. Não tem revista, Disponível em: <http://www.ichf.uff.br/publicacoes/revista-psi-artigos/2004-1-Cap4.pdf>. Acesso em: 20 de mai. 2016

SOARES, Alexandre Sebastião Ferrari. “Doente e pecador: ecos do século XIX sobre a homossexualidade na imprensa oficial (1985-2010)”. In: TASSO, Ismara; NAVARRO, Pedro (orgs.). **Produção de identidades e processos de subjetivação em práticas discursivas**. Maringá: Eduem, 2012.

SOBRE O CINZA. **O que é área cinza?** Disponível em: <https://sobreocinza.wordpress.com/2015/10/20/o-que-e-area-cinza/>. Acesso em: 6 de agosto de 2016.

SOUZA FILHO, Alípio. **Orientação sexual**: construção política do desejo, ou crítica da substancialização. Revista do Departamento de Políticas Públicas, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/alipiosousa>. Acesso em: 22 nov. 2010.

SWAIN, Tania Navarro. “Identidade Nômade: heterotopias de mim”. In: RAGO, Margareth, ORLANDI, Luiz B. Lacerda; VEIGA-NETO, Alfredo (orgs.). **Imagens de Foucault e Deleuze**: ressonâncias nietzschianas. Rio de Janeiro: D P& A, 2002. p. 325-342.

SWAIN, Tania Navarro. Por um saber libertário, para além das evidências. In: BRANCO, Guilherme Castelo; VEIGA-NETO; Alfredo (orgs.). **Foucault**: filosofia & política. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2011. p. 393-401. (Coleção Estudos Foucaultianos).

SUPLICY, Marta (1995). **Projeto de Lei nº 1151, de 1995**. Disciplina a união civil entre pessoas do mesmo sexo e dá outras providências. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=16329>. Acesso em: 20 jul. de 2016.

TOLEDO, Livia Gonsalves; TEIXEIRA FILHO, Fernando Silva. Homofobia familiar: abrindo o armário ‘entre quatro paredes. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 65, n. 3, p. 376- 391, 2013.

UNIVERSITY OF NORTH CAROLINA. **Asexuality, Attraction, and Romantic Orientation**. Disponível em: <http://lgbtq.unc.edu/sexuality-attraction-and-romantic-orientation>. Acesso em: 17 mai. 2016.

APÊNDICE I

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Nº Registro CEP: 40808314.5.0000.5137

Titulo do Projeto **“DESLOCANDO SOBRE O ARCO IRIS COM TONALIDADES CINZA E PRETO : Assexualidades em Trânsito”**

Prezado (a) Senhor (a)

Você está sendo convidado a participar da pesquisa intitulada: **“DESLOCANDO SOBRE O ARCO IRIS COM TONALIDADES CINZA E PRETO : assexualidades em Trânsito”**, cujo objetivo principal é estudar a assexualidade e suas formas de se apresentar no cotidiano.

A pesquisa será desenvolvida por mim, Luigi Silvino D’Andrea, aluno do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Universidade de Minas Gerais.

Sua participação é voluntária, sendo sua colaboração importante e necessária para o desenvolvimento da pesquisa. Você não terá nenhum gasto e também não receberá nenhum pagamento por participar desse estudo.

Você foi selecionado porque se autoidentifica como assexual, campo de interesse da pesquisa aqui apresentada.

Sua colaboração nesse estudo consiste em conceder uma entrevista. A entrevista será gravada e posteriormente transcrita para facilitar o processo de análise.

A você, será garantido o anonimato e o sigilo das informações que expuser durante a entrevista e as informações a seu respeito serão sigilosas e utilizadas exclusivamente para fins científicos e seus dados, quando expostos, não contarão com detalhes que permitam identificá-lo.

Os arquivos gerados por esta pesquisa ficarão conservados sob a responsabilidade da pesquisadora por um período de 5 (cinco) anos, após o qual serão destruídos.

Caso aceite participar, em qualquer momento você poderá solicitar informações ou esclarecimentos sobre o andamento da pesquisa, bem como desistir dela e não permitir a utilização de seus dados, sem que haja nenhum prejuízo para você.

Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço do pesquisador responsável, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Pesquisador responsável:

Luigi Silvino D'Andrea

Av. Itaú, nº 525 - Bairro Dom Cabral - Belo Horizonte/MG - CEP: 30.535-012

Telefone celular (21) 981489478

E-mail: luigiandrea74@gmail.com

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, localizado à Av. Dom José Gaspar, 500 - Prédio 43 sala 107, CEP 30.535-610 – Belo Horizonte – Minas Gerais e é coordenado pela Profa. Cristiana Leite Carvalho, que poderá ser contatada em caso de questões éticas, pelo telefone (31) 3319-4517 ou e-mail: cep.proppg@pucminas.br

Belo Horizonte, ____ de _____ de 2015.

Dou meu consentimento de livre e espontânea vontade para participar deste estudo.

Nome do entrevistado: _____

Assinatura: _____

Data: ____/____/____.

Pesquisadora: Luigi Silvino D'Andrea

Assinatura: _____

Data: ____/____/____.

APÊNDICE II

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS

Nome Fictício: _____ Idade: _____

- 1) O que é para você assexualidade?
- 2) Como começou a se identificar como assexual?
- 3) Como você vê a sua interação com pessoas assexuais pela internet? Porque entrou na Comunidade de assexuais do Facebook?
- 4) Você percebe alguma singularidade na assexualidade?
- 5) Você sabe o que orientação romântica? Como você se identifica em relação a essa orientação?
- 6) Você acha importante essa identificação?
- 7) Você conhece a AVEN? Como chegou a ela?
- 8) Você acha que ela influencia no seu modo de olhar a assexualidade?